

FACULDADE DE LETRAS/ UFRJ

HAYLA THAMI DA SILVA

**UMA ABORDAGEM OTIMALISTA DA HIPOCORIZAÇÃO COM PADRÃO
DE CÓPIA À ESQUERDA**

**Rio de Janeiro
2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Hayla Thami da Silva

**UMA ABORDAGEM OTIMALISTA DA HIPOCORIZAÇÃO COM PADRÃO
DE CÓPIA À ESQUERDA**

VOLUME ÚNICO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras (Língua Portuguesa).

Orientador: Prof. Doutor Carlos Alexandre Victório Gonçalves

**Rio de Janeiro
2008**

Uma abordagem Otimalista da Hipocorização com cópia à esquerda
Hayla Thami da Silva
Orientador: Prof. Dr. Carlos Alexandre Victório Gonçalves

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Examinada por:

Presidente, Professor Doutor Carlos Alexandre Victorio Gonçalves, UFRJ.

Professora Doutora Marília Facó Soares – UFRJ/Museu Nacional

Professora Doutora Christina Abreu Gomes – UFRJ

Professora Doutora Carmen Teresa Dorigo – UFRJ/Museu Nacional

Professora Doutora Mônica Tavares Orsini – UFRJ

Nº SILVA, Hayla Thami da.

Uma abordagem Otimalista da Hipocorização com padrão de cópia à esquerda.

Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa)-
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras.

Orientador: Carlos Alexandre Victorio Gonçalves

1. Fonologia. 2 Teoria das Otimalidade. 3. Letras – Teses
- I. Gonçalves. Carlos Alexandre Victorio. (Orientador) II Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós - Graduação em Letras Vernáculas. III A Hipocorização com padrão de cópia à esquerda.

CDD:

SINOPSE

Estudo da Hipocorização com padrão de cópia à esquerda do antropônimo, como ocorre em ‘Eduardo’ >> ‘Edu’ e ‘Fernanda’ >> ‘Fefê’ ou ‘Fê’. Análise baseada na atuação de restrições e na hierarquização das mesmas (análise otimalista).

Uma abordagem Otimalista da Hipocorização com cópia à esquerda
Hayla Thami da Silva
Orientador: Prof. Dr. Carlos Alexandre Victório Gonçalves

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, da Universidade federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

A Hipocorização, processo não-concatenativo de formação de palavras, apresenta quatro padrões, conforme propõe Gonçalves (2004). O primeiro, estudado anteriormente por Gonçalves (2004), consiste na cópia dos segmentos melódicos à direita da palavra prosódica, como em ‘Francisco’ – ‘Chíco’¹. O segundo, analisado por Silva (2004), copia os segmentos à esquerda da palavra prosódica, a exemplo do que ocorre em ‘Cristina’ – ‘Crís’. O terceiro, abordado por Lima (2004), reduplica a sílaba tônica do antropônimo, como em ‘Barnabé’ – ‘Bebé’. O último padrão rastreia a primeira sílaba com *onset* do antropônimo, sendo esta passível ou não de reduplicação, como ocorre em ‘Alessandra’ – ‘Lelê’ ou ‘Lê’. O objeto de estudo desta dissertação é a formação de hipocorísticos que preservam a margem esquerda do antropônimo, como ocorre em ‘Cristina’ >> ‘Crís’ e ‘Manuela’ >> ‘Manú’ (padrão 2) e ‘Fernanda’ >> ‘Fefê’ ou ‘Fê’ e ‘Luciana’ >> ‘Lulú’ ou ‘Lú’ (padrão 4).

Os estudos sobre processos considerados marginais pela Gramática Tradicional ainda estão praticamente inexplorados, visto que, apesar de alguns autores se dedicarem ao aprofundamento de questões referentes aos processos não-concatenativos, como Gonçalves (2004), muito ainda tem de ser feito a fim, sobretudo, de comprovar a produtividade dessas operações morfofonológicas. Daí a necessidade de desenvolver, nesta Dissertação de Mestrado, um estudo mais detalhado de um dos processos não-concatenativos do português – a Hipocorização com cópia dos segmentos melódicos à esquerda.

Rio de Janeiro
2008

¹ Em todos os exemplos apresentados nesta Dissertação, o acento grave indica a sílaba tônica dos hipocorísticos, mesmo nos casos em que tal sílaba não seja acentuada graficamente.

Un enfoque Otimalista de la Hipocorización que mantiene la parte izquierda del antropónimo

Hayla Thami da Silva

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alexandre Victório Gonçalves

Resumen de la Dissertación de Maestría submetida al Programa de Posgrado en Letras Vernáculas, Facultad de Letras, de la Universidad Federal de Rio de Janeiro – UFRJ, como parte de los prerequisites necesarios para la obtención del título de Mestre en Letras Vernáculas (Lengua Portuguesa).

Esta tesis objetiva, de un modo bastante general, presentar dos de los tipos de Hipocorización del Portugués Brasileño, sobretudo, las reducciones de nombres propios que conservan la margen izquierda del antropónimo, como se puede verificar en los ejemplos: ‘Cristina’ >> ‘Cris’ y ‘Manuela’ >> ‘Manú’ y ‘Fernanda’ >> ‘Fefê’ o ‘Fê’ y ‘Luciana’ >> ‘Lulú’ o ‘Lú’. Con tal finalidad, se utiliza como presupuesto teórico la Teoría de la Otimalidad (doravante OT).

Como los procesos que no agregan afijos son pocos estudiados por la Gramática Tradicional del portugués, se torna imprescindible un enfoque más sistemático acerca de las construcciones morfológicas originadas a partir de reducciones fonológicas. Por ese motivo, esta tesis busca describir, de manera detallada, uno de los procesos de formación de palabras que se forma según la pérdida de material fonológico, como es el caso de la Hipocorización.

Rio de Janeiro
2008

AGRADECIMENTOS

A Deus, por iluminar meus pensamentos e por fazer perseverar meus sonhos.

Ao meu brilhante orientador, por ter me incentivado a ir em frente, por ter acreditado em mim e, principalmente, por guiar meus passos na tarefa árdua e envolvente da pesquisa.

À minha irmã, por ter me apoiado e auxiliado nos momentos em que obstáculos se cruzaram diante de minha vida.

Aos meus pais, pela dedicação para comigo e pelas palavras de carinho nos momentos em que tudo parecia mais difícil.

Ao meu namorado, pelas ausências inevitáveis em função de leituras, congressos, produções acadêmicas; e pelas palavras constantes de “você é capaz”.

Aos meus familiares, pela atenção dispensada a mim.

Aos meus amigos, por me fazerem acreditar.

***“Nunca ande pelo caminho traçado, pois ele
conduz somente até onde os outros foram.”***

(Alexander Graham Bell)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. O PROCESSO DE HIPOCORIZAÇÃO NO PORTUGUÊS	15
2.1. A Hipocorização – um olhar tradicional	15
2.2. Hipocorização – outros enfoques	22
2.3. Hipocorização – definição e divergências em relação às propostas anteriores	27
2.4. Os padrões de Hipocorização e suas peculiaridades	31
2.5. Os padrões privilegiados nesta análise	35
3. FUNDAMENTOS TEÓRICOS	37
3.1. A Teoria da Otimalidade Clássica	37
3.2. Premissas básicas da OT	38
3.2.1. Universalidade	38
3.2.2. Violabilidade	38
3.2.3. Hierarquização	39
3.2.4. Inclusividade	39
3.2.5. Paralelismo	40
3.3. A gramática da OT e suas formalizações	41
3.4. A importância das relações de fidelidade e marcação	45
3.5. A ampliação do conceito de fidelidade – a Teoria da Correspondência	47
3.6. A Correspondência e sua relevância no estudo da Hipocorização	48
4. A ANÁLISE HIPOCORIZAÇÃO COM CÓPIA À ESQUERDA	51
4.1. Metodologia	51
4.2. Descrição dos padrões	56
4.2.1. A análise dos hipocorísticos que preservam a margem esquerda da base	57
4.2.2. A análise dos hipocorísticos que podem sofrer reduplicação	84
5. TENDÊNCIAS DE USO DOS HIPOCORÍSTICOS COM CÓPIA À ESQUERDA	102

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
8. ANEXOS	112
8.1. Anexo I	112
8.2. Anexo II	128
8.3. Anexo III	132
8.4. Anexo IV	139
8.5. Anexo V	141
8.6. Anexo VI	144
8.7. Anexo VII	148
8.8. Anexo VIII	154
8.9. Anexo IX	155

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta uma proposta de análise de dois padrões de Hipocorização, um dos processos não-concatenativos de formação de palavras do Português, analisados em Gonçalves (2004). Mais especificamente, procura descrever aqueles que copiam os segmentos melódicos à esquerda do antropônimo, a exemplo do que ocorre em ‘Cristina’ >> ‘Crís’²; ‘Manuela’ >> ‘Manú’; ‘Fernanda’ >> ‘Fê’ e ‘Fefê’; e ‘Eduardo’ >> ‘Du’ e ‘Dudú’, entre tantos outros.

Como se sabe, as gramáticas tradicionais não caracterizam processos de encurtamento como produtivos na língua; ao contrário, esses processos são tratados como os mal-comportados da Morfologia (cf. Spencer, 1991), o que, na verdade, procuraremos refutar neste trabalho. Dessa forma, a abordagem proposta visa a mostrar que a Hipocorização, além de produtiva, obedece a padrões gerais de formação e, portanto, não deve ser tratada como um processo anômalo ou arbitrário.

Para generalizar os padrões formais dos hipocorísticos que preservam a margem esquerda, utiliza-se a Teoria da Correspondência (doravante TC). A TC, proposta por McCarthy & Prince (1995), é oriunda da Teoria da Otimalidade Clássica (doravante OT), fundada por Prince & Smolensky (1993). Esse arcabouço teórico caracteriza-se por dois pontos fundamentais: (a) ao contrário das teorias pautadas em regras e ciclos, a OT não faz uso de extratos derivacionais, posto que eles são generalizados através de um ranqueamento de restrições violáveis que, por sua vez, são hierarquizadas a partir da própria observação do processo analisado; e (b) diferentemente das teorias pautadas em regras derivacionais, a OT admite a violação de uma restrição para que outra, melhor

² Usamos o acento gráfico para indicar a sílaba tônica dos hipocorísticos, mesmo nos casos em que a forma resultante não possa ser acentuada conforme as convenções da língua escrita.

hierarquizada, seja satisfeita e, portanto, candidatos que infrinjam alguma demanda da hierarquia não são fadados à agramaticalidade.

A novidade trazida pela TC, em comparação com a OT Clássica, advém da ampliação do conceito de fidelidade que, então, passa a não só atingir o nível subjacente, mas também o superficial, o que, por sua vez, mostra-se bastante produtivo no que se refere a processos de interface Fonologia-Morfologia, como o apresentado nesta Dissertação.

A presente análise subdivide-se nos seguintes capítulos: no capítulo (2), intitulado ‘O processo de Hipocorização no Português’, buscamos definir o que se entende por Hipocorização; além disso, apresentamos os cinco padrões básicos do fenômeno, descrevemo-los, de modo a verificar semelhanças e diferenças entre eles, e, por fim, caracterizamos os dois casos privilegiados nesta análise.

No capítulo (3), cujo título é ‘Fundamentos teóricos’, definimos a TC e os mecanismos formais de análise oriundos desse modelo, de maneira a (a) organizar as ferramentas que auxiliam a proposta de descrição dos hipocorísticos, (b) caracterizar os elementos de análise da TC e (c) justificar o seu uso.

No capítulo (4), denominado ‘Análise da Hipocorização com cópia à esquerda’, descrevemos as opções metodológicas adotadas na análise em questão e fazemos uma revisão da trajetória de trabalhos preliminares desenvolvidos por Silva (2004 & 2006), de modo a propor uma abordagem da estrutura formal dos hipocorísticos que preservam a margem esquerda.

No capítulo (5), intitulado ‘Tendência de uso dos hipocorísticos com cópia à esquerda’, procuramos descrever a alternância entre formas simples e reduplicadas (‘Fê’ e ‘Fefê’, para o antropônimo ‘Fernanda’, e ‘Jú’ e ‘Jujú’, para ‘Juliana’), de modo a

refletir sobre as tendências mais gerais que regem a opção pelas formas não-reduplicadas.

Por último, no capítulo (6), ‘Considerações finais’, objetivamos apresentar reflexões acerca da análise desenvolvida ao longo do trabalho.

2. O PROCESSO DE HIPOCORIZAÇÃO NO PORTUGUÊS

Este capítulo tem como objetivo lançar um olhar atento ao processo de formação de palavras chamado Hipocorização (GONÇALVES, 2004), mostrando, de maneira detalhada, em que consiste o fenômeno em questão.

A fim de melhor definir e explicitar pontos importantes sobre o tema, dividimos o capítulo nas seguintes subseções: em (2.1), abordamos a perspectiva tradicional dada aos processos não-concatenativos de formação de palavras e, além disso, mostramos o motivo pelo qual a presente análise se faz necessária; em (2.2), definimos a Hipocorização a partir de propostas alternativas de análise, como as de Monteiro (1983) e Brito (2003); em (2.3), propomos uma definição para a Hipocorização; para, a seguir (2.4), apresentarmos os tipos de formações hipocorísticas estudadas até o momento, descrevendo-as. Por último, em (2.5), abordamos, especificamente, os padrões de Hipocorização privilegiados nesta análise.

2.1. A HIPOCORIZAÇÃO – UM OLHAR TRADICIONAL

Em primeiro lugar, a fim de verificar como a Hipocorização é definida em termos gerais, buscamos o significado do termo *hipocorístico* em uma enciclopédia encontrada na *internet* e temos a seguinte definição para o termo:

Hipocorístico (do grego antigo ὑποκοριστικός, derivado de ὑποκορίζομαι, ou seja, "chamar com voz suave") é uma palavra cuja formação fonética tem o objetivo de suavizar ou atenuar o som da palavra de que se origina. Originalmente consiste na repetição de sílabas de palavras que designam parentesco, como papai, mamãe, vovó, tia, mano, benzinho etc.

Por extensão, um hipocorístico pode ser também uma palavra derivada de um nome próprio, adotada com propósitos de diferenciação por intimidade, isto é, reservada ao tratamento por parte de familiares, amigos íntimos ou pessoas com quem haja uma relação afetiva. Em geral, mas nem

sempre, consistem na forma reduzida do nome por apócope ou aférese, algumas vezes também no grau aumentativo ou diminutivo.

(pt.wikipedia.org/wiki/**Hipocorístico**)

Como se pode notar, a definição proposta pela enciclopédia virtual pauta-se, primeiramente, em um processo fonético a partir do qual formamos termos que caracterizam o uso afetivo de palavras consideradas hipocorísticas. Posteriormente, tendo em vista que haja ocorrido uma espécie de expansão da significação original do termo, hipocorísticos são caracterizados como formas oriundas de nomes próprios e como aquelas que transparecem afetividade, agrupando, assim, termos que sejam formados por encurtamento ou por derivação, a exemplo do que ocorre com os dados citados pela enciclopédia:

Hipocorísticos de prenomes masculinos simples

Adriano - Adri, Dri

Antônio - Tom, Tonho, Tôni, Tonico, Toninho, Totonho, Tonhão

Alberto - Berto , Beto

Hipocorísticos de prenomes masculinos compostos

Carlos Alberto - Cal

Carlos Ângelo - Casan

Carlos Eduardo - Cadu, Kadu

Hipocorísticos de prenomes femininos simples

Adriana - Drica, Dri

Alessandra - Alê, Lê, Sandy

Amanda - Manda

Hipocorísticos de prenomes femininos compostos

Ana Isabel - Anabel

Ana Lúcia - Analu

Maria Fernanda - Mafê

(pt.wikipedia.org/wiki/**Hipocorístico**)

Pode-se perceber que a definição proposta pela enciclopédia carece de uma metodologia que entenda hipocorístico como o produto resultante de um processo de

formação de palavras que, de fato, não seja enquadrado nos padrões clássicos do português e, por esse motivo, formem um grupo de termos originados a partir de encurtamentos de antropônimos.

Desse modo, podemos observar que a Hipocorização é um processo que, além de não ter sido estudado de modo aprofundado, traz uma série de discussões no que concerne ao próprio entendimento do termo e daí a necessidade de explorar o que já foi abordado sobre o assunto em termos tradicionais para que, então, alcancemos uma definição que difira do que já foi discutido acerca dos hipocorísticos.

Em segundo lugar, é importante destacar que processos como a Hipocorização não são estudados e, muitas vezes, sequer citados pela Gramática Tradicional (doravante GT). O motivo pelo qual esse processo não é abordado advém do fato de ele ser considerado marginal, posto que o português é uma língua cuja formação básica de itens lexicais se dá a partir, sobretudo, do acréscimo de afixos (derivação) ou da combinação de radicais e/ou palavras (composição). A Hipocorização, por esse motivo, não se encaixa nos padrões básicos descritos pela tradição gramatical e, portanto, é rechaçada pelas abordagens normativas que, na maioria das vezes, citam esses processos como “idiossincráticos”, “imprevisíveis”, “assistemáticos” ou “esdrúxulos” (CUNHA, 1975; ZANOTTO, 1989; MONTEIRO, 1987).

Para ratificar a não-preocupação das gramáticas tradicionais com processos de encurtamento, observamos em duas gramáticas o que se discute acerca dos fenômenos de redução, mais especificamente da Hipocorização.

A primeira gramática analisada foi a de Cunha & Cintra (2001). Nela, encontramos, nas últimas páginas que abordam os processos de formação de palavras, um item denominado “abreviação vocabular”. Nesse item, os autores explicitam que, devido ao “ritmo acelerado da vida intensa de nossos dias”, acabamos por ser obrigados

a fazer uso de uma “elocução mais rápida”, de modo que, para “economizar tempo e palavra” (CUNHA & CINTRA, 2001: 116), utilizamos algumas reduções lingüísticas, como, por exemplo, ‘moto’ em lugar de ‘motocicleta’ e ‘auto’ ao invés de ‘automóvel’.

Como podemos perceber, os autores simplesmente atribuem o surgimento de processos de reduções a causas meramente voltadas à economia lingüística. É inegável que economizar linguisticamente é um fator recorrente em todas as línguas; no entanto, Cunha & Cintra não observam que, além de casos como os citados anteriormente, há outros processos de encurtamento altamente produtivos no português brasileiro que podem estar condicionados à economia lingüística, mas também devem ser analisados (a) pela sua regularidade, (b) por serem utilizados em contextos lingüísticos específicos e, além disso, (c) por não haver apenas um único fenômeno de encurtamento, ao contrário do que expõem os que usam genericamente a nomenclatura “abreviação vocabular”.

Cumprido destacar, ainda, que o único processo tido como de redução nomeado, efetivamente, na gramática de Cunha & Cintra é a Siglagem. Para os autores, a sigla, “uma vez criada e vulgarizada”, acaba por tornar-se “uma palavra primitiva, capaz, portanto, de formar derivados: cegetista, petebista” (CUNHA & CINTRA, 2001: 117), ou seja, as siglas são capazes de gerar itens lexicais através do uso de afixos e, por esse motivo, o processo não é inteiramente ignorado pela tradição gramatical.

Podemos notar, a partir das observações feitas acerca da abordagem de Cunha & Cintra (2001), no que concerne aos processos não-concatenativos de formação de palavras, que, para as GTs, os processos em questão são panos de fundo para formar itens lexicais, o que, na verdade, não é real, tendo como base a própria idéia defendida pelos autores, que afirmam que a língua fundamenta-se no ato de economizar. Sendo assim, se a língua, de fato, prioriza a economia lingüística, por que a abordagem

tradicional não dá conta da análise de processos que, efetivamente, primem por essa economia?

Analisamos, também, a gramática de Rocha Lima (2003). O autor em questão é tido, de um modo geral, como mais alternativo em comparação aos demais autores considerados tradicionais. De fato, a partir da observação do capítulo referente aos processos de formação de palavras, podemos verificar que Lima faz um apartado, no final do capítulo relativo à formação de palavras, a que acrescenta os seguintes fenômenos: Abreviação, Onomatopéia, Sigla, Hipocorísticos e Braquissmia, todos esses processos de formação de palavras são postos na subseção “Outros tipos de formação de palavras” (LIMA, 2003: 227). Na introdução desse subitem, o autor afirma haver “dois grandes processos de formação de palavras (composição e derivação)”, mas, segundo Lima, é possível considerar outros “tipos subsidiários” (LIMA, 2003: 227), ou seja, aqueles que envolvem redução.

A fim de explicar o modo como Rocha Lima define os “outros tipos de formação de palavras”, comentemos cada um desses tipos abordados pelo autor. O primeiro tipo citado, isto é, a Abreviação, acaba por confluir com a perspectiva de Cunha & Cintra, posto que, inclusive, Lima faz uso dos mesmos exemplos, mas, em contrapartida, não apresenta nenhuma definição ou motivação para essas abreviações.

A Onomatopéia, em geral, é apresentada, inclusive em livros didáticos de ensino fundamental e médio, como, por exemplo, nos livros *Gramática: texto, reflexão e uso e Português: linguagens* (CEREJA & MAGALHÃES, 2006 e 2005), como uma formação à parte. No caso da gramática de Lima, acreditamos que, para incluir o processo em alguma subseção referente à formação de palavras, o autor o colocou nesse espaço, já que todos os casos referidos são tidos como “subsidiários” (termo utilizado por Rocha Lima). A definição apresentada por ele, a fim de caracterizar o processo, é a seguinte:

“onomatopéia é a reprodução imitativa, *lato sensu*, de certos ruídos” (LIMA, 2003: 227). Como podemos verificar, não há critério comum para colocar itens lexicais tão distantes, como é o caso das chamadas Abreviações, em comparação às Onomatopéias, em uma mesma seção de processos de formação de palavras.

A Sigla, outro processo subsidiário, caracteriza-se, segundo o autor, por ser uma “redução de títulos longos às suas letras iniciais” (LIMA, 2003: 227). Além disso, o autor corrobora com a mesma abordagem posta em Cunha & Cintra, já que reitera que a sigla é capaz de gerar itens lexicais derivados. Dessa forma, apesar de considerada anômala, a Siglagem, na verdade, propicia a derivação, o que, de certo modo, faz como esse processo tenha recebido algum destaque na tradição gramatical.

No que concerne à Hipocorização, fenômeno que constitui objeto de estudo desta dissertação, Lima (2003: 227) a define como uma “alteração, nascida em âmbito familiar, do prenome ou nome próprio individual” e cita como exemplos os seguintes dados: ‘Fabiana’ >> ‘Fafá’; ‘Filomena’ >> ‘Filó’; ‘Getúlio’ >> ‘Gegê’; ‘Fernanda’ >> ‘Nanda’; ‘José’ >> ‘Zé’; ‘Raimundo’ >> ‘Mundinho’; ‘Maria José’ >> ‘Zezé’; ‘Roberto’ >> ‘Betinho’ e ‘Joaquim’ >> ‘Quincas’.

A partir das observações feitas por Lima acerca do processo de Hipocorização, faz-se necessário refletir sobre alguns aspectos. O primeiro refere-se à própria definição de Hipocorização que, de certo modo, atua apenas em nomes próprios, o que, na verdade, será corroborado nesta análise e, portanto, se mostra pertinente; o segundo ponto diz respeito aos exemplos apresentados pelo autor. Podemos perceber certa dificuldade em atribuir aos hipocorísticos a característica de ser constituído através de redução, pois o autor mistura dados de redução com outros de derivação. Se, efetivamente, os hipocorísticos fossem formados a partir do acréscimo de afixos, por que não enquadrá-los aos padrões básicos de formações de palavras do português? Por

que, então, seriam essas formas consideradas subsidiárias, se o próprio autor expõe vários exemplos que ratificam a sua produtividade?

O terceiro ponto a ser observado está relacionado à afirmação de que os hipocorísticos nascem em âmbito familiar. Na verdade, é indiscutível que as formações através de nomes próprios caracterizam-se por apresentar uma carga afetiva, mas daí a considerar que formações reduzidas de nomes próprios restringem-se ao âmbito familiar não é real, porque, inclusive, algumas formas, já consagradas pelo uso, acabam lexicalizadas e, portanto, o indivíduo reafirma a sua identidade a partir do uso de seu antropônimo reduzido. Esse fato é bastante comum em dados como ‘Maria Luiza’ >> ‘Malú’ ou ‘José Carlos’ >> ‘Zéca’.

Sobre a Braquissemia, o autor a define como “resultante de próclise de prenome antes de nomes de família” (LIMA, 2003: 227), como ocorre, segundo Lima, em ‘Fernando’ >> ‘Fernão’ e ‘Martinho’ >> ‘Martím’. Na verdade, o que o autor denomina Braquissemia pode ser encarado como um processo de encurtamento que é recorrente, também, em outros tipos de palavras (não apenas em prenomes), como detalharemos na seção 2.3.

Rocha Lima, apesar de apresentar uma maior quantidade de processos de formações de palavras no que se refere à Língua Portuguesa, não aborda satisfatoriamente os chamados fenômenos de redução. Para apreender a natureza dos processos de encurtamento, é necessário, antes de mais nada, encará-los como fenômenos produtivos de formação de palavras e, por isso mesmo, não descrevê-los sob a rubrica “outros processos”.

Desse modo, ao contrário do que postulam as gramáticas tradicionais, as formas hipocorísticas e, também, os outros padrões de formações de palavras oriundos de

encurtamentos, apresentam uma formação básica e, assim, consideramos que esses fenômenos são passíveis de descrição e formalização em nível estrutural.

2.2. HIPOCORIZAÇÃO – OUTROS ENFOQUES

De maneira a melhor definir e mostrar nossa perspectiva acerca do fenômeno da Hipocorização, decidimos apresentar o modo como autores, não necessariamente normativos, definem e caracterizam o processo de redução de nomes próprios.

Um autor que aborda o tema e, inclusive, propõe um dicionário de hipocorísticos do português é Monteiro (1983). Quanto à conceituação dos hipocorísticos, esse autor admite duas versões: uma, considerada ampla e outra, restrita. A primeira define formações hipocorísticas como um “processo apelativo usado na linguagem familiar para traduzir carinho” (BORBA, 1971: 82) ou “qualquer palavra criada por afetividade” (CÂMARA JR., 1968: 193).

A fim, contudo, de estreitar o que, para Monteiro (1983), seria um conceito amplo, vejamos a seguinte definição:

O hipocorístico deve designar uma alteração do prenome ou nome próprio individual. Do prenome Antônio, por exemplo, surgem entre outras as seguintes variações: ‘Totônio’, ‘Toim’, ‘Tõe’, ‘Totô’, ‘Tó’, ‘Tozinho’, ‘Nanan’, ‘Toinho’, ‘Tom’, ‘Toni’, ‘Tonico’, ‘Toquinho’, ‘Tota’, ‘Tuquinho’, ‘Tonhão’, ‘Tonton’, ‘Tonho’, ‘Toninho’, ‘Toinzin’, ‘Niquinho’, ‘Tonhozinho’, ‘Totoca’, ‘Tonheiro’, ‘Mitonho’, ‘Nini’, ‘Nico’, ‘Tonca’, ‘Antoinho’, ‘Antoninho’, ‘Toinzinho’, ‘Tontonho’, ‘Tutu’, ‘Tutuca’, ‘Tonito’, ‘Nito’, ‘Sitônio’, ‘Tonzinho’, ‘Tinoco’, ‘Tonico’, ‘Antoni’, ‘Antonieto’ e ‘Tonhim’.

Com base nos exemplos apresentados por Monteiro, é possível perceber que o autor entende a Hipocorização como um verdadeiro apanhado de dados que, na maioria das vezes, sequer admitem uma relação estrita com o antropônimo, o que, por sua vez,

confere ao processo a idéia de anômalo e, ainda, tende a admitir um leque vastíssimo de dados que, na realidade, não traduzem, genericamente, a realidade de uso dos falantes.

Podemos observar que o autor, apesar de propor uma definição dita restrita, mostra que qualquer dado proposto por qualquer falante, em contexto afetivo, seria um hipocorístico. Se assim fosse, que regras poderiam ser postuladas, de maneira a comprovar que processos de Hipocorização são efetivamente produtivos e capazes de obedecer a padrões estruturais?

Além de conceituar a Hipocorização de forma ampla e vaga, Monteiro ainda acrescenta o que denomina “situações a esclarecer”, conforme se observa na citação a seguir:

- a) Os sufixos que produzem hipocorísticos são por natureza diminutivos. Entretanto, os aumentativos, aliás pouco freqüentes, devem também ser considerados elementos afetivos. Exemplos: ‘Pedão’, ‘Chicão’, ‘Manecão’;
- b) Certos sobrenomes, usados em vez de prenomes, sofrem os mesmos processos de alteração formal e, por essa razão, passam a ser considerados hipocorísticos. Exemplos: ‘Magal’ >> Magalhães, ‘Xaxá’ >> Xavier, ‘Bobô’ >> ‘Bosco’;
- c) Por coerência descritiva, os termos afetivos não relacionados fonologicamente a prenomes ou sobrenomes devem excluir-se do rol dos hipocorísticos. Exemplos: ‘Nenzinha’ >> Francisca, ‘Bio’ >> Severino, ‘Vavá’ >> Januário;
- d) As abreviações de diminutivos usados como prenomes tornam-se também hipocorísticos, confundindo-se com as formas primitivas. Assim, Jane pode ser hipocorístico de Janete ou vice-versa, dependendo de ser usado como prenome. De igual modo: ‘Ana’, de ‘Anita’; ‘Antônia’, de ‘Antonieta’; ‘Lúcia’, de ‘Lucíola’;
- e) Nomes formados pela combinação de dois prenomes têm como hipocorístico qualquer um dos componentes. ‘Ana’ e ‘Lúcia’ são, por exemplo, formas abreviadas de ‘Luciana’, assim como ‘Elis’ e ‘Ângela’, de ‘Elisângela’;
- f) Semelhantemente ao caso acima, o hipocorístico muitas vezes se confunde com outro prenome. Exemplos: ‘Vera’, de ‘Verônica’; ‘Sandra’, de ‘Alexandra’; ‘Ana’, de ‘Adriana’; ‘Nice’, de ‘Berenice’; ‘Gina’, de ‘Regina’.

Como é possível notar, Monteiro confunde-se ao compreender hipocorístico como um apelido, assim como podemos verificar em alguns dos exemplos postos na citação anterior. É bem verdade que formas hipocorísticas são, de fato, apelidos, mas daí a considerarmos qualquer uso, sem que haja uma relação intrínseca com o antropônimo, um hipocorístico é simplesmente comprovar e ratificar o que a gramática

tradicional reitera, isto é, hipocorísticos são, de fato, um dos mal-comportados do português.

Além da definição do processo de Hipocorização, Monteiro, no mesmo artigo, propõe uma subdivisão das formas, consideradas, por ele, hipocorísticas. Para o autor, a Hipocorização pode ocorrer por (a) duplicação, esta sendo perfeita, como em ‘Fátima’ >> ‘Fafá’, ou imperfeita, como ocorre em ‘Anália’ >> ‘Lalá’; (b) braquimessia, esta se subdividindo em braquissemia por aférese, como em ‘Osvaldo’ >> ‘Váldo’, por síncope, como ocorre em ‘Catarina’ >> ‘Carína’, por apócope, como, por exemplo, ‘Filomena’ >> ‘Filó’, e por aférese e apócope simultaneamente, como em ‘Elisabete’ >> ‘Lís’; (c) acrosssemia, como ocorre em ‘Maria Tereza’ >> ‘Matê’; (d) sufixação, como em ‘Manuel’ >> ‘Manéco’ e, por fim, (e) reforço, como, por exemplo, ‘Josefa’ >> ‘Zefinha’.

Podemos observar que, ainda que a definição de Monteiro tenda a abranger qualquer condicionamento afetivo a partir do qual tenhamos como base antropônimos, no momento em que expõe os tipos de hipocorísticos, na maior parte dos dados, eles estão condicionados à redução, exceto os casos de sufixação. Esses dados reforçam que a Hipocorização origina-se, basicamente, a partir de encurtamentos oriundos de nomes próprios.

A tipologia proposta por Monteiro (1983) se apropria de termos técnicos da Fonologia, caracterizando, a partir de fenômenos fonológicos bem definidos, os vários tipos de redução a que o antropônimo está sujeito. Assim, o autor confunde um processo morfoprosódico, como é o caso da Hipocorização, com processos puramente segmentais. Por exemplo, o autor considera a aférese uma estratégia para a formação de hipocorísticos como ‘Osvaldo’ >> ‘Váldo’ e ‘Roberto’ >> ‘Béto’. Esses dados, no entanto, não revelam qualquer motivação para a aplicação desse processo, uma vez que

o apagamento não é determinado por questões segmentais, mas por questões prosódicas, como bem observou Gonçalves (2004) na análise dos dados desse tipo.

Com respeito aos dados de sufixação e, no caso, de reforço, posto que reforçar seria, na verdade, gerar um apelido a partir de um hipocorístico, eles correspondem a uma estratégia lingüística de formação de palavras considerada consagrada e produtiva pelas GTs, o que, por sua vez, deveria ser abrangido por ela e considerado respeitador dos padrões básicos de formação de palavras de nossa língua.

Dessa forma, é possível depreender que, caso os hipocorísticos fossem oriundos de processos derivacionais, estariam, por sua vez, respaldados nas abordagens tradicionais. Exatamente por serem considerados diferentes, os hipocorísticos constituem-se a partir de processos não-consagrados pela GT, diferentemente do que propõe Monteiro. Assim, formas reduzidas são aquelas que, de fato, fogem aos padrões e, portanto, essas sim são dadas como anômalas e não acomodadas por mecanismos gerais de formação de palavras do português. Com base nesse ponto de vista, Monteiro propõe, em uma única nomenclatura, dados de redução e de derivação, mostrando, pois, uma confusão metodológica ao tratar dos hipocorísticos.

Outra proposta para o tratamento dos hipocorísticos é encontrada em Brito (2003). A autora não se atém à formalização dos padrões de Hipocorização; ao invés disso, tenta definir e mostrar como essas formas atuam na própria identificação do indivíduo.

A proposta de definição de Brito, assim como a de Monteiro, admite duas interpretações – uma mais geral e outra, mais específica. No primeiro caso, hipocorístico “é uma palavra que traduz a intenção de carinho e própria para uso no trato familiar, entende-se ainda como qualquer palavra que designa carinhosamente a pessoa na intimidade, estendendo-se a animais de estimação” (BRITO, 2003). No

segundo, o termo é entendido como “uma alteração do prenome, sendo também designações carinhosas familiares” (BRITO, 2003).

Podemos observar que a definição de Brito equivale à que postula Monteiro e, portanto, apresenta os mesmos problemas metodológicos ao entender que hipocorístico é qualquer item lexical formado a partir de um antropônimo: independentemente de haver uma relação de identidade entre o nome próprio e o hipocorístico. Desse modo, essa formação lingüística é considerada, por ser afetiva, uma palavra originária a partir do nome próprio.

Além da definição de Hipocorização, a autora faz menção aos tipos, tidos por ela como consagrados, de formas hipocorísticas. Segundo Brito, essas estruturas podem ser formadas a partir (a) do uso de sufixo diminutivo, como em ‘Renato’ >> ‘Renatinho’; (b) de abreviação do prenome, como ocorre em ‘Gabriela’ >> ‘Gabi’; (c) da reduplicação de sílabas, como, por exemplo, ‘Luciana’ >> ‘Lulú’ e, por fim, (d) da abreviação ou reduplicação com acréscimo do sufixo diminutivo, como em ‘Gabriela’ >> ‘Gabizinha’.

Devemos ressaltar que, na verdade, há formações derivadas a partir de estruturas oriundas de processos de encurtamento, mas a base desse processo se constitui por redução. Por exemplo, a autora cita reduções como ‘Gabi’ e ‘Lulú’. Essas estruturas, de fato, não correspondem a nenhum processo de formação de palavra considerado padrão para o português. Dados como ‘Renatinho’ são abarcados pelas abordagens tradicionais, inclusive no que diz respeito à afetividade, já que a GT reconhece que algumas formações em –inho(a) são afetivas. No que concerne a dados como ‘Gabizinha’, é importante destacar que, para que haja o acréscimo do sufixo, há, antes, a redução da palavra primitiva.

Em outras palavras, dados de redução não são contemplados pelas GTs e, ao contrário do que sugerem Monteiro (1983) e Brito (2003), hipocorísticos formam-se a

partir de processos não-lineares e esse, e apenas esse motivo, faz com que essas estruturas não se encaixem em padrões amplamente estudados e, portanto, sejam passíveis de análise e de formalizações. Dessa maneira, a análise desenvolvida nesta Dissertação contempla apenas dados de redução, deixando de abordar formações hipocorísticas derivadas. Interessa-nos, antes, determinar a base para essas outras formações.

2.3. HIPOCORIZAÇÃO – DEFINIÇÃO E DIVERGÊNCIAS EM RELAÇÃO ÀS PROPOSTAS ANTERIORES

A Hipocorização é considerada um processo marginal de formação de palavras do português, porque processos de encadeamento, como a Flexão, a Sufixação, a Prefixação e a Composição, são predominantes na língua e, portanto, descritos com mais detalhamento tanto nas GTs quanto na literatura especializada na área (SANDMANN, 1989; LAROCA, 1994).

Em contrapartida, não se pode negar que, em português, sobretudo na variedade brasileira, processos que não levam ao encadeamento formativo – os chamados não-concatenativos – são produtivos e capazes de formar novos itens lexicais a partir da perda de componentes morfofonológicos, como a Reduplicação, o Truncamento, o Cruzamento Vocabular, a Siglagem e a Hipocorização, que é o objeto de estudo desta análise.

A Hipocorização pode ser definida, portanto, como um processo não-linear de formação de palavras (GONÇALVES, 2004). Essa operação, ao contrário das demais, parte de antropônimos que, após sofrerem perdas fônicas, levam à criação de uma forma diminuta que mantém profunda relação de identidade para com o item derivante. Então,

diferentemente do que determinam as propostas alternativas de Monteiro (1983) e Brito (2003) – para quem formações hipocorísticas são oriundas de reduções e derivações – consideramos hipocorísticas as formas que resultam de um algum tipo de mapeamento melódico do antropônimo para um molde prosodicamente delimitado.

A afetividade, que constitui traço característico desse processo, como ressaltam as abordagens de Monteiro (1983) e Brito (2003), funciona como fator relevante para distinguir a Hipocorização de outros processos de encurtamento. Um processo em que há perda de material fônico e considerado bastante semelhante à Hipocorização denomina-se, segundo Gonçalves (2004), Truncamento.

O Truncamento, que também é um processo não-concatenativo de formação de palavras do português, para alguns autores, como, por exemplo, Benua (1995), é um fenômeno genericamente caracterizado pela perda de segmentos melódicos e, desse modo, se determinada palavra perde massa fônica, essa, portanto, é considerada truncada. Entretanto, há dois pontos fundamentais de distinção entre esses dois processos: um relacionado ao item lexical básico capaz de originar formas truncadas ou formas hipocorísticas e outro, referente ao chamado grau de afetividade/pejoratividade.

O primeiro ponto que devemos destacar a respeito da diferença entre Hipocorização e Truncamento decorre do fato de o primeiro processo restringir-se a nomes próprios, enquanto o segundo estrutura-se a partir, basicamente, de adjetivos e de substantivos comuns, a exemplo do que ocorre em ‘vagabunda’ >> ‘vagaba’ e ‘português’ >> ‘portuga’.

O segundo ponto de diferença entre Hipocorização e Truncamento se refere ao grau de afetividade e/ou pejoratividade envolvido em cada um dos fenômenos em questão. A Hipocorização caracteriza-se por ser um encurtamento com função afetiva na

língua e, desse modo, ao usar formas reduzidas a partir de antropônimos, o falante busca certa proximidade com seu interlocutor.

Já o Truncamento é responsável pela expressão quase sempre negativa do ponto-de-vista do falante e, por isso mesmo, está vinculado à pejoratividade. É cabível dizer que alguns itens lexicais truncados, de certo modo, perderam essa visão avaliativa negativa pela própria lexicalização do uso das formas, o que, por sua vez, ratifica a idéia defendida, nesta Dissertação, de que processos não-concatenativos são de uso freqüente no português³.

Além de se caracterizar por ser um processo não-concatenativo de formação de palavras restrito a nomes próprios e considerado afetivo em comparação a outros processos de redução, a Hipocorização é marcada pela restrição de ‘palavra mínima’, como mostra Gonçalves (2004). Esse termo advém do fato de formas hipocorísticas apresentarem uma estrutura silábica composta por apenas duas moras⁴, que são unidades de peso silábico que garantem a formação dos pés, um das categorias que compõem a hierarquia prosódica. Desse modo, o encurtamento de nomes próprios admite a formação de até um pé binário e, portanto, estruturas que não respeitem esse padrão de formação não são consideradas hipocorísticas. Diferentemente, formas truncadas podem ser trissilábicas (‘aspira’, ‘delega’), não formando, por isso, uma palavra mínima na língua.

Outra perspectiva bastante diferenciada em relação aos demais autores que abordaram, de certo modo, a Hipocorização ratifica-se a partir da diferença entre o que é, de fato, um hipocorístico e o que é um apelido. Para Monteiro (1983) e Brito (2003), por exemplo, formas afetivas, independentemente da relação de identidade dessas

³ De fato, formas como ‘batera’ e ‘Maraca’ não são depreciativas, como a maioria dos truncamentos com vogal –a, a exemplo de ‘salafra’, ‘japa’, ‘trava’ (de ‘travesti’) e ‘china’, entre inúmeras outras.

⁴ Consideramos, para esta análise, a proposta de Collischonn (2005) em que a autora propõe, com base na análise pioneira de Hayes (1980), que a formação de um pé está associada à contagem de moras, que seriam unidades de peso da sílaba; dessa forma, um pé se forma por duas moras.

estruturas com o prenome, são hipocorísticas. No entanto, nesta análise, adota-se a posição de Gonçalves (2004), que afirma: “Se de um lado, hipocorísticos são apelidos, por outros apelidos não são, necessariamente, hipocorísticos” (GONÇALVES, 2004: 12), ou seja, formas hipocorísticas são consideradas apelidos, mas, para que sejam denominados hipocorísticos, apelidos devem ser formas mínimas na língua e, portanto, dados que não respeitem essa premissa básica não são considerados hipocorísticos, como ocorre em casos como ‘João’ >> ‘Joãozinho’, e, além disso, deve haver uma relação estrita entre o prenome e a sua forma reduzida correspondente, evitando, assim, a formação de estruturas lingüísticas opacas.

Esse respeito à identidade do antropônimo e à sua redução é, de fato, o que caracteriza o processo de Hipocorização. Quando construímos uma palavra derivada, essa palavra preserva o elemento mórfico básico de sua formação – o radical. Da mesma forma, para que se consiga identificar o antropônimo de um dado hipocorístico, devemos ter em conta um mínimo de correspondência entre os termos e isso não é determinado por relações de afetividade, como acreditam Monteiro (1983) e Brito (2003), nem tampouco por relações fundamentadas, apenas, em questões relativas à economia lingüística, como postula a tradição gramatical. Uma nova palavra, formada a partir de encurtamento, deve, pois, respeitar uma estrutura básica de formação, capaz de promover uma relação entre formas encurtadas e palavras-bases, sendo esta a proposta básica de nossa análise.

2.4. OS PADRÕES DE HIPOCORIZAÇÃO E SUAS PECULIARIDADES

Nesta proposta de análise, as formações hipocorísticas são subdivididas em cinco grupos, conforme o quadro em (01):

(01)

Tipos de Hipocorísticos				
(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
'Francisco' >> 'Chico'	'Cristina' >> 'Cris'	'Tereza' >> 'Teté'	'Barnabé' >> 'Bebé'	'Maria Luiza' >> 'Malú'
'Murilo' >> 'Lilo'	'Mariana' >> 'Mári'	'Jamile' >> 'Jajá'	'Isabel' >> 'Bebél'	'João Carlos' >> 'Jóca'
'Marilena' >> 'Lêna'	'Rafael' >> 'Ráfa'	'Joana' >> 'Jô'	'Nicolau' >> 'Laláu'	'Carlos Eduardo' >> 'Cadú'

Em primeiro lugar, devemos explicitar o motivo a partir do qual a divisão dos hipocorísticos é representada desse modo. Em segundo lugar, buscamos enfatizar o que há de comum entre os tipos de hipocorísticos apresentados em (01); por último, propomos a descrição mais detalhada de cada um dos cinco padrões apresentados.

A fim de explicitar o modo como os hipocorísticos apresentados no quadro em (01) são agrupados, apresentamos, neste momento inicial, alguns fatores que corroborem com a divisão que propomos, tendo em vista, sobretudo, a análise de Gonçalves (2004).

Destacamos, então, que as estruturas hipocorísticas agrupam-se a partir de características estruturais, sendo uma delas o respeito ao alinhamento, isto é, o material fônico copiado advém ou da margem direita, como em (A) e (D), ou da margem esquerda da palavra, como em (B). O segundo ponto importante que nos faz agrupar os hipocorísticos desse modo provém do respeito a uma estrutura silábica básica, ou seja, em (C), a primeira sílaba com *onset* é utilizada para formar a base e, posteriormente, o reduplicante que compõe a estrutura de superfície. A terceira observação advém do

respeito à tonicidade da palavra-base, quer dizer, a formação do hipocorístico se dá a partir da sílaba tônica do antropônimo, como ocorre em (A). Por último, o padrão (E) foi assim definido pelo fato de formar o hipocorístico através de nomes compostos, promovendo, dessa maneira, uma espécie de combinação vocabular pelas iniciais dos antropônimos (quase uma siglagem).

No que concerne à formação dos hipocorísticos, é importante ressaltar que os cinco padrões respeitam uma estrutura silábica básica, que, por sua vez, caracteriza-se por apresentar até um pé binário, isto é, o hipocorístico, por constituir palavra mínima na língua, deve ser formado por uma sílaba composta de duas moras ('Bél', 'Crís') ou de duas sílabas em que a última é monomoraica ('Béto', 'Lándo').

Outro fator inerente aos processos não-concatenativos de formação de palavras e, portanto à Hipocorização, refere-se à perda segmental. Como já foi apresentado anteriormente, consideramos que formações hipocorísticas são aquelas que pressupõem perdas fonológicas e, por isso mesmo, essas estruturas suprimem materiais fônicos, mas sem, evidentemente, perder uma relação de identidade mínima com o antropônimo correspondente.

O grupo (A), descrito por Gonçalves (2004), é considerado o padrão básico de formação de itens lexicais a partir de antropônimos. Esse padrão, que copia os segmentos melódicos à direita do antropônimo, rastreia como base-mínima o pé binário à direita da palavra prosódica e, a partir desse pé, há condicionamentos no que concerne à formação silábica.

Em termos de sílaba, podemos dizer que, nesse grupo de hipocorísticos, há predomínio de estruturas com a posição de ataque preenchida, mas, ao mesmo tempo, sem complexidade. Além disso, devemos observar a possibilidade de se copiar o *onset* da última sílaba. Esse fato, por sua vez, não é fortuito, pois, para que isso ocorra, a

sílaba inicial da base deve ser introduzida por r-fraco, elemento que não ocupa, no português, a posição de início de palavra (daí a substituição de /r/ por /l/ em ‘Murilo’, cujo hipocorístico é ‘Lílo’). Destacamos, também, a preferência por sílabas sem travamento, ou seja, em que a posição de coda não seja ocupada.

Ainda sobre o grupo (A), podemos acrescentar que a acentuação do pé binário, formado com os segmentos à direita do antropônimo, é feita à esquerda, ou seja, o acento recai na penúltima sílaba e, com isso, formam-se, necessariamente, troqueus moraicais.

Sobre o grupo (B), descrito por Silva (2004), devemos pontuar, em primeiro lugar, que a sua formação se dá a partir do rastreamento da margem esquerda do antropônimo. Nesse tipo de Hipocorização, a estrutura silábica é mais complexa, em comparação aos dados em (A), posto que, para esse conjunto de encurtamentos, é mais importante o respeito à margem esquerda que a estruturas silábicas complexas. Desse modo, são permitidas sílabas em que não haja ataque (‘Edu’ << ‘Eduardo’) ou que este seja complexo (‘Crís’ << ‘Cristina’) e, ainda, sílabas travadas por elementos marcados pelo traço [+contínuo] (‘Vál’ << ‘Valquíria’).

No que diz respeito ao grupo (C), descrito por Silva (2006), é importante dizer que ele forma hipocorísticos a partir do rastreamento da primeira sílaba com *onset* preenchido, tendo em vista a margem esquerda da base. A sílaba rastreada, se complexa, é simplificada e, portanto, não admite nenhum tipo de complexidade interna, como o preenchimento da coda ou complexidades no onset. Então, a estrutura formada, CV, por sua vez, pode funcionar como reduplicante e, desse modo, geram-se formas com uma ou duas sílabas, sendo, portanto, um caso variável de Hipocorização, a exemplo de ‘Fernanda’ >> ‘Fefê’ ou ‘Fê’.

O grupo (C) apresenta, ainda, como característica básica, a formação de pés iâmbicos, ou seja, acentuados à direita da palavra prosódica. Esse fato é motivado pelo possível acréscimo de um afixo do tipo prefixo, que, de uma maneira geral, não é acentuado e, por isso mesmo, o acento recai na base CV que constitui esse padrão de Hipocorização.

Quanto ao grupo (D), descrito por Lima (2007), podemos destacar, como primordial, que o material fônico rastreado para a formação da nova palavra deve ser constituído pela sílaba tônica do antropônimo a que a estrutura hipocorística se refere. Essa sílaba, por sua vez, se complexa, é simplificada para a formação de um prefixo do tipo CV e, então, forma-se um hipocorístico a partir da sílaba tônica em associação a um reduplicante do tipo prefixo.

Um fato interessante acerca do grupo (D) é a possibilidade de haver alguns dados variáveis, ou seja, algumas estruturas hipocorísticas podem ser formadas por prefixo + base ('Dedé') e outras, simplesmente, pela base ('Bél'). Esse fato, em geral, está condicionado à estrutura silábica da base. Quando o antropônimo possui complexidade na sílaba tônica, para que haja a formação do prefixo, essa complexidade é desfeita. Sendo assim, podemos ter formações de prefixo CV + base ('Tetéu') ou, então, apenas a base, mas esta mantendo a complexidade original ('Quél').

Cumprido destacar que, ainda que haja acréscimo de um prefixo, os padrões (C) e (D) só permitem esse acréscimo após o encurtamento da palavra primitiva, que, no caso, é o antropônimo. Sendo assim, esses padrões não estariam vinculados a processos de encadeamento *strictu sensu* e, por esse motivo, são analisados a partir da perda de segmentos, sendo esta, posteriormente, acrescida de um afixo/reduplicante.

O grupo (E), analisado por Lima (2004), caracteriza-se por formar hipocorísticos a partir da combinação de antropônimos compostos. Essa fusão de antropônimos se dá

com a manutenção da primeira sílaba de cada um dos nomes envolvidos na formação do prenome composto. Só não há respeito ao rastreamento da primeira sílaba, caso esta não tenha a posição de ataque preenchida ('Cadú' << 'Carlos Eduardo').

No que se refere ao acento, o padrão (E) mostra-se bastante regular: o acento recai sempre na última sílaba, exceto se a vogal final for -a ('Catú' << 'Carlos Artur', mas 'Jóca' << 'João Carlos'). Sendo assim, esse padrão forma, na maioria esmagadora dos dados, pés iâmbicos e, nos dados restantes, pés trocaicos, caso a penúltima sílaba seja formada pela estrutura CV+C-a, havendo, segundo Lima (2004), um impedimento para que essa vogal receba acento final.

A estrutura silábica dos hipocorísticos oriundos de antropônimos compostos é CV, ou seja, a sílaba utilizada para formar os encurtamentos possui o *onset* preenchido e é leve, quer dizer, a posição de coda não é preenchida. Desse modo, os antropônimos compostos formam pés binários que, em geral, são iâmbicos; não há preenchimento da coda e a posição de *onset* deve sempre ser ocupada.

Como se pode notar, todos os padrões de Hipocorização reconhecem uma formação estrutural básica, caracterizada, sobretudo, por ser uma palavra mínima na língua. Essa estrutura, por sua vez, pode apresentar algumas peculiaridades e, por isso mesmo, organizamos os hipocorísticos em padrões. Dessa maneira, torna-se mais fácil a análise desses padrões e do processo como um todo.

2.5. OS PADRÕES PRIVILEGIADOS NESTA ANÁLISE

Para a análise apresentada nesta Dissertação, são considerados os grupos (B) e (C), que, na verdade, admitem uma característica comum básica – o material fônico rastreado para a formação do hipocorístico está à esquerda do antropônimo. Buscamos,

então, com base nas análises preliminares realizadas por Silva (2004 e 2006), (a) mapear as características gerais dos padrões que copiam os segmentos melódicos à esquerda da base, (b) verificar questões importantes que reforcem características da própria Fonologia do Português e (c) apresentar algumas tendências gerais de uso, sobretudo, do padrão variável analisado neste trabalho. Antes, porém, destacamos os principais dispositivos do modelo teórico assumido – a Teoria da Otimalidade, de uma forma geral, e a Teoria da Correspondência, mais especificamente.

3. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentamos as principais idéias da Teoria da Otimalidade (doravante OT), modelo teórico a partir do qual analisamos os padrões de Hipocorização que constituem o objeto de estudo desta Dissertação. Para tanto, dividimos o capítulo nas seguintes subseções: em (3.1), apresentamos os aspectos mais gerais da OT; em (3.2), refletimos sobre as premissas básicas que norteiam o modelo teórico adotado neste trabalho; na subseção seguinte, formalizamos o funcionamento da gramática na perspectiva da OT; em (3.4), atentamos para os principais grupos de restrições que fomentam a teoria; em (3.5), contemplamos o conceito de fidelidade adotado nesta análise e, assim, apresentamos uma versão mais recente da OT – a Correspondência (doravante TC) e, na seção subsequente, (3.6), correlacionamos a Correspondência à análise do processo de Hipocorização e, ainda, destacamos sua funcionalidade para o estudo de processos de interface Fonologia-Morfologia.

3.1. A TEORIA DA OTIMALIDADE CLÁSSICA

A Teoria da Otimalidade (OT), criada por Prince & Smolensky (1993), é um modelo teórico pautado em restrições universais e a hierarquização dessas restrições constitui a estrutura lingüística particular de cada língua. Diferentemente do que propõem outros modelos de base gerativa, a OT não se baseia em regras e, com isso, se mostra inovadora, já que, em propostas baseadas em princípios não-violáveis, uma infração representa agramaticalidade, enquanto, na OT, a violação implica a satisfação de um restritor mais bem cotado no *ranking* de determinada língua.

Dessa maneira, a OT postula uma nova forma de encarar os princípios lingüísticos. Baseados nessa perspectiva, destacamos, a seguir, as premissas que consolidam a OT.

3.2. PREMISSAS BÁSICAS DA OT

A Teoria da Otimalidade apresenta as seguintes premissas básicas:

3.2.1. UNIVERSALIDADE

Esta premissa consiste num conjunto de restrições presente em qualquer gramática, a que podemos denominar Gramática Universal (doravante GU). Desse modo, pode-se dizer que todas as restrições postuladas pela OT são aplicáveis a todas as línguas e a diferença entre elas está no modo como essas restrições são hierarquizadas. Dessa forma, não se faz necessário formalizar restritores particulares a cada língua, como ocorre, por exemplo, com modelos teóricos pautados em regras, que também fazem uso de estratégias de reparo ou filtros. Por generalizar mecanismos variados a partir da rubrica ‘restrição’, a OT coloca num mesmo patamar noções como ‘regras’, ‘condições’, ‘parâmetros’ e ‘princípios’ (COLLISCHON & SCHWINDT, 2003).

3.2.2. VIOLABILIDADE

A violabilidade caracteriza-se pela possibilidade de violação das restrições universais. Essa violação, no entanto, não corre de maneira fortuita, pois infringir uma restrição significa satisfazer a outro restritor mais bem cotado na hierarquia da língua. Sendo assim, um candidato que viole restrições pode ser considerado ótimo, mas, para isso, é necessário que sua infração seja mínima em relação aos outros candidatos.

Através dessa perspectiva, a OT mostra-se divergente de outros modelos gerativos, posto que a noção de agramaticalidade é substituída por princípios que expliquem o funcionamento lingüístico. Essa característica da teoria admite, portanto, que uma estrutura que não seja comum em uma língua apareça como um possível candidato em outra, o que, por sua vez, mostra o caráter mais generalizante da OT.

Dessa forma, a Teoria da Otimalidade acaba por trazer à tona a violabilidade como um recurso inerente às línguas, mostrando, assim, que para ser ótimo, ou seja, para que a forma escolhida seja, de fato, a realização do falante, não é fundamental obedecer a todo e qualquer princípio ou regra lingüística, ao passo que um candidato ótimo deve apenas consolidar-se em relação às demais formas como “respeitador” de restritores bem cotados numa hierarquia.

3.2.3. HIERARQUIZAÇÃO

A hierarquização é uma premissa aplicada às restrições universais. Podemos afirmar, então, que a hierarquia é o que configura a gramática de uma língua. Dessa maneira, a organização de um *ranking* de restrições muda em função de cada uma dessas línguas, o que explica, portanto, a necessidade de aceitar a violabilidade como recurso capaz de transformar regras em restritores que se apliquem a qualquer estrutura lingüística; assim, a diferença entre as estruturas caracteriza-se pela mudança na hierarquização dos restritores universais.

3.2.4. INCLUSIVIDADE

A inclusividade é uma premissa da OT que se refere ao conjunto de análises candidatas, ou seja, às expressões lingüísticas que são avaliadas como possíveis candidatos ótimos. Para que uma estrutura lingüística seja incluída como candidato à

forma ótima, ela deve respeitar a padrões gerais de boa-formação, sendo que estes não estão restritos ao nível da sílaba; ao contrário, estão relacionados a condições gerais de boa-formação. Dessa forma, a OT difere dos modelos ditos derivacionais (ou serialistas), já que a avaliação de formas ótimas não se restringe à formação estrutural, somente.

3.2.5. PARALELISMO

O paralelismo é uma premissa da OT que, na verdade, acaba por ser o carro-chefe da teoria, dado que pressupõe a análise dos candidatos em paralelo, ou seja, não recorre a estratos derivacionais. Todas as restrições são organizadas em um único instrumento analítico, denominado *tableau* (essa formalização será apresentada posteriormente, ao tratarmos das restrições de marcação e de fidelidade), e os candidatos são analisados simultaneamente por cada um dos restritores. Dessa forma, não há necessidade de filtros nem de ciclos derivacionais⁵.

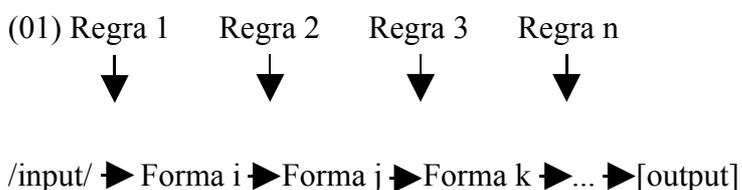
Assim, essa premissa faz com que a OT seja um modelo mais econômico, já que, para que se chegue à forma de superfície, não é preciso recorrer a mecanismos variados de análise.

Como se pode perceber, a OT é uma teoria que prima pela economia e, além disso, é capaz de abarcar, de maneira geral, todos os dispositivos utilizados em abordagens derivacionais, generalizando-os em restrições de caráter universal.

⁵ Pelo menos no modelo utilizado nesta análise – a Teoria da Correspondência (McCarthy & Prince, 1995; Benua, 1995). Em outros modelos otimalistas, como a LPM-OT (Lexical Phonology-Morphology OT), desenvolvido por Kiparsky (1997), faz-se uso de ciclos, o que leva a descartar o princípio do paralelismo.

3.3. A GRAMÁTICA DA OT E SUAS FORMALIZAÇÕES

Em primeiro lugar, é importante destacar que a Teoria da Otimalidade diverge das abordagens de cunho derivacional, já que, nessa perspectiva, a definição de uma forma de superfície se dá a partir de um conjunto de regras, atuantes na forma subjacente, conforme mostra a formalização em (01):



(Cf. Gonçalves, 2008)

Como se pode perceber a partir do esquema em (01), modelos derivacionais processam a análise de formas a partir de níveis (estratos). Em cada camada de derivação, podem atuar regras gerais, para, só então, emergir a estrutura efetivamente utilizada pelos falantes, ou seja, o *output*.

A Teoria da Otimalidade, em contraposição a esses modelos serialistas, propõe uma abordagem paralelista que trabalha com a avaliação de formas a partir de uma hierarquização de restrições. Essa hierarquização tem como objetivo checar possíveis candidatos a *output*. Desse modo, para se atingir a forma ótima, conforme prevê a teoria, faz-se uso de uma gramática que se estrutura a partir de cinco componentes: (a) léxico, (b) *input*, (c) gerador (GER), (d) avaliador (AVAL) e, por fim, (e) o *output*, sendo essa gramática formalizada, segundo Prince & Smolensky (1993), como em (02):

(02) Gen ($input_i$) = { $cand_1, cand_2 \dots cand_n$ }

Eval ({ $cand_1, cand_2 \dots cand_n$ }) \rightarrow $cand_k$ (*output real*)

Levando-se em conta a formalização em (02), pode-se afirmar que o *input*, selecionado a partir do léxico, propicia a formação de candidatos que são, na verdade, gerados por GEN (Generator). Esses candidatos, construídos com base numa relação mínima de similaridade com o *input*, são avaliados por EVAL (Evaluator) e, por fim, atinge-se a forma de superfície que é efetivamente utilizada pelos falantes (*output*).

A partir da síntese acerca do funcionamento da OT, detalhamos, a seguir, todos os componentes que contribuem para o funcionamento da teoria:

(a) LÉXICO

O léxico representa, na verdade, todas as possibilidades de itens lexicais que a língua oferece. Sendo assim, o léxico fomenta a seleção de dados para análise de um determinado fenômeno lingüístico.

No caso da Hipocorização, o léxico fornece os antropônimos, que são capazes de gerar formas mínimas. Além disso, esse componente da gramática torna possível a organização desses antropônimos em tipos, como vimos no capítulo dois, dado que cada prenome admite uma forma de redução diferente, como se nota nos seguintes dados: ‘Francisco’ >> ‘Chíco’; ‘Rafael’ >> ‘Ráfa’; ‘Fernada’ >> ‘Fefê’ ou ‘Fê’; ‘Barnabé’ >> ‘Bebé’ e ‘Maria Luiza’ >> ‘Malú’.

(b) INPUT

Esse componente da gramática caracteriza-se por fornecer a representação subjacente de uma dada estrutura lingüística. Por exemplo, na Hipocorização, a

estrutura subjacente à forma mínima representada pelo hipocorístico é o antropônimo, forma que, ao se submeter à hierarquia de restrições, é capaz de se encurtar e, com isso, realizar-se como palavra mínima. Sendo assim, a forma subjacente ao hipocorístico é, pois, o antropônimo.

(c) GERADOR (doravante GER)

Na OT, esse componente é de suma importância, visto que ele é responsável pela geração de formas candidatas a *output*. Podemos afirmar, então, que GER constitui o conjunto de itens lexicais através do quais se seleciona a verdadeira realização dos falantes.

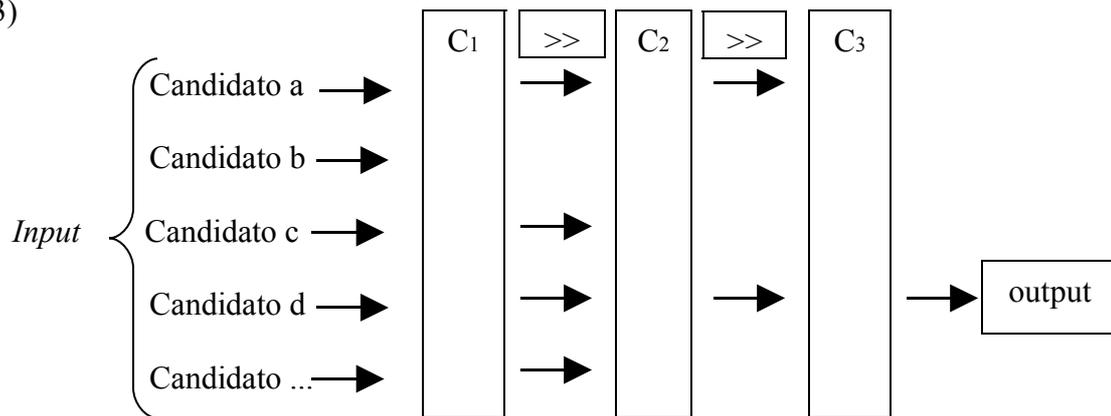
(d) AVALIADOR (doravante AVAL)

A função do avaliador na gramática da OT é a de checar as formas candidatas a *output*, obtidas por GER, a partir da hierarquização de restrições universais. Dessa forma, a fase de avaliação é aquela em que os candidatos são analisados e, após essa análise, obtém-se o *output* ótimo, a realidade dos falantes.

(e) *OUTPUT*

O *output* é o último componente da gramática da OT. Ele representa a forma de superfície que é selecionada por AVAL, conforme posto acima. Desse modo, analisados todos os candidatos, aquele que melhor satisfaça a hierarquia de restrições será, então, o *output* ótimo e, portanto, a forma equivalente ao uso, conforme representado por Kager (1999), em (03), a seguir:

(03)



Tomando como exemplo o processo de Hipocorização, o *output* é a forma reduzida do antropônimo que, de fato, é consagrada pelo uso. Sendo assim, essa forma caracteriza a estrutura lingüística real na língua.

Em síntese, pode-se afirmar, tendo em vista o processo de Hipocorização, que o léxico, conjunto de elementos lingüísticos que possibilitam a formação do *input*, fornece os antropônimos. Após determinada a forma subjacente, o gerador cria candidatos a *output*, sempre levando em conta algum grau de similaridade em relação à estrutura profunda. Os candidatos, então, passam pela fase de avaliação, levada a cabo por AVAL, que, por sua vez, compõe-se de um conjunto de restrições universais. Finalmente, após avaliadas as formas, tem-se o *output* ótimo, realização dos falantes.

Cumprе salientar que as restrições funcionam em paralelo e, portanto, não há estratos de derivação numa análise pautada nessa teoria. Toda a organização da gramática da OT estrutura-se a partir de um único mecanismo de análise – o *tableau*, que será apresentado na subseção seguinte.

3.4. A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES DE FIDELIDADE E MARCAÇÃO

A OT, conforme posto anteriormente, fundamenta-se em uma hierarquização de restrições universais. Essas restrições, por sua vez, subdividem-se em dois grandes grupos: as de fidelidade e as de marcação.

As restrições de fidelidade são aquelas que visam à relação de identidade entre uma estrutura subjacente e sua respectiva forma de superfície. Dessa maneira, esses restritores buscam impedir que candidatos a *output* destoem do *input*, mantendo, assim, uma perfeita relação de um-para-um entre a estrutura profunda e a de superfície.

As restrições de marcação primam por avaliar a boa-formação em nível estrutural e/ou prosódico dos candidatos a *output*. Sendo assim, para esse grupo de restritores, mais vale uma boa estrutura formal do que uma relação estrita entre forma subjacente e de superfície.

Como se pode notar, os dois tipos de restritores instauram um grande conflito, uma vez que, enquanto a fidelidade repele, por exemplo, apagamento do nível do *input* para o *output*, a marcação faz emergir candidatos estruturalmente mais harmônicos que não são necessariamente fiéis ao *input*.

Vale ressaltar que, no caso da Hipocorização, a relação de identidade entre o *input* e o *output* deve ser mínima e capaz meramente de tornar possível o rastreamento do antropônimo a partir da forma hipocorizada. No entanto, no que concerne à marcação, algumas são as exigências para que um candidato seja, de fato, considerado hipocorístico, como, por exemplo, a quantidade de sílabas. Por constituir palavra mínima na língua, o hipocorístico somente pode ser composto por até um pé binário e, portanto, formas com mais de duas sílabas não são consideradas hipocorísticas. Pode-se perceber, pois, que a Hipocorização, por ser um processo de formação de palavras não-

concatenativo, pressupõe perda segmental e, por esse motivo, na hierarquia que define o processo, MARCAÇÃO domina FIDELIDADE.

A fim de mostrar como as restrições atuam, efetivamente, na análise de dados, apresenta-se, a seguir, a formalização básica da OT – o *tableau*:

(04)

/Input/	A	B	C
Candidato 1 ➡			*
Candidato 2	*!		

No caso da Hipocorização, como marcação domina fidelidade, A e B representam restrições de marcação e, portanto, são dominantes em relação a C, um restritor de fidelidade.

O *input*, conforme posto em (04), é identificado no primeiro espaço da tabela e os elementos seguintes a ele, colocados na mesma coluna, são os candidatos a *output* ótimo.

Iniciada a avaliação de formas, pode-se verificar que o candidato 2 infringe uma das restrições mais bem cotadas da hierarquia. Como a restrição seguinte, ou seja, B, não está crucialmente hierarquizada em relação a A, fato marcado pelo uso da linha tracejada, que corresponde à relação {A, B}, ambos os candidatos passam para a avaliação do restritor B. Como o candidato 1 passa ileso por ambos os restritores, o candidato 2 recebe o sinal de infração *, seguido de !, que caracteriza a sua eliminação. Dessa maneira, o candidato 1, apesar de infringir a restrição de fidelidade C⁶, ainda assim constitui forma ótima na língua e, portanto recebe a indicação ➡, que marca a sua vitória na disputa.

⁶ A restrição C é dominada por A e B (no tableau, B se separa de C por uma linha sólida). A troca de posições entre A e B não altera o resultado. Assim, temos, entre A, B e C, a seguinte relação: A, B >> C, em que a vírgula representa a não-hierarquização entre restritores e o símbolo >>, dominância.

É possível depreender, a partir do *tableau* acima, que a hierarquização de restrições de marcação e de fidelidade constitui elemento essencial para a análise de processos de formação de palavras, pois, a depender do objetivo de cada fenômeno lingüístico, haverá oscilação entre a relação de dominância entre esses dois grupos de restritores universais.

3.5. A AMPLIAÇÃO DO CONCEITO DE FIDELIDADE – A TEORIA DA CORRESPONDÊNCIA

A Teoria da Otimalidade, conforme apresentado na subseção anterior, organiza-se a partir do conceito de marcação e de fidelidade. No entanto, a fidelidade adotada pela OT chamada Clássica (McCARTHY & PRINCE, 1995) restringe-se à relação de identidade entre *input* e *output* e, dessa maneira, não se estabelece qualquer tipo de fidelidade nas formas de superfície (cf. seção 3.4).

Com o objetivo de ampliar o conceito de fidelidade postulado na versão clássica da OT, McCarthy & Prince (1995) desenvolveram um modelo teórico denominado Teoria da Correspondência (doravante TC). A TC, que faz uso dos mesmos dispositivos analíticos da OT, amplia a relação de fidelidade e esta passa a ser checada não somente entre a forma subjacente e a forma de superfície (fidelidade *input-output*), mas também nas próprias formas de superfície (fidelidade *output-output*), o que, segundo McCarthy & Prince (1995), é traduzido formalmente por (05):

(05) Dadas duas camadas, S_1 e S_2 , correspondência é a relação \mathbf{R} dos elementos de S_1 para S_2 . Elementos $\alpha \in S_1$ e $\beta \in S_2$ são considerados correspondentes um do outro sempre que $\alpha \mathbf{R} \beta$.

Como se pode notar, “Correspondência é o relacionamento mínimo entre elementos de natureza variada” (GONÇALVES, 2008) e, portanto, é aplicável tanto a questões de ordem prosódica quanto a processos de encurtamento, como a Hipocorização, e a outras relações entre palavras⁷.

Assim, a TC consegue descrever melhor processos de interface Fonologia-Morfologia – a Otimalidade dita “clássica” ou *standard*, por se restringir, em sua origem, a processos puramente fonológicos, acaba por não abarcar, de modo satisfatório, fenômenos morfológicos motivados por questões de ordem fonológica, como é o caso dos processos não-concatenativos (incluindo aí a Hipocorização).

3.6. A CORRESPONDÊNCIA E SUA RELEVÂNCIA NO ESTUDO DA HIPOCORIZAÇÃO

De acordo com o que discutimos no item acima, pode-se afirmar que a TC é mais pertinente para a análise de operações morfológicas de natureza não-concatenativa, já que esse tipo de processo, como é o caso da Hipocorização, promove mudanças nas formas de base que, por sua vez, levam à expressão de um significado. Sendo assim, esses processos caracterizam-se por mudanças fonológicas, mas essas mudanças são, na verdade, impostas à formação de um novo item lexical e, portanto, têm caráter morfológico: são responsáveis pela expressão de um morfema, como ocorre em dados como ‘Eduardo’ << ‘Dudú’⁸.

⁷ McCarthy (1997) afirma que a Correspondência é aplicável em processos prosódicos; Benua (1995) reitera que a teoria abrange, também, casos de encurtamento e, ainda, Burzio (1996), Benua (1997) e Boudlal (1999) ratificam a aplicabilidade da Correspondência em outras relações entre palavras.

⁸ As formas em questão diferem em relação à chamada função expressiva de avaliação (Basílio, 1987). Desse modo, o hipocorístico, apesar de apresentar o mesmo conteúdo referencial que o antropônimo, tem valor afetivo e, por isso mesmo, é mais expressivo que o prenome que lhe deu origem.

a possibilidade de se agregar um morfema para formação de uma nova estrutura lingüística.

Dessa forma, os hipocorísticos capazes de formar estruturas reduplicadas não são devidamente contemplados pela OT Clássica e, daí, a necessidade de recorrer à TC. No entanto, é cabível afirmar que reduções de antropônimos sem acréscimo de reduplicante são perfeitamente analisáveis pela OT Clássica, mas, como propomos, nesta dissertação, uma abordagem de dois tipos de Hipocorização, para que tenhamos uma perspectiva mais geral, adotamos a Teoria da Correspondência como forma de unificar a análise proposta, conforme pode ser verificado no capítulo seguinte.

4. A ANÁLISE DOS PADRÕES DE HIPOCORIZAÇÃO

Neste capítulo, propomos a análise dos padrões de Hipocorização que conservam os segmentos melódicos à esquerda da base. Para tanto, organizamos o capítulo em duas seções. Em (4.1), apresentamos a metodologia de trabalho adotada para recolhimento e análise dos dados que constituem o *corpus* desta Dissertação; em (4.2), retomando os trabalhos de Silva (2004 e 2006), descrevemos os dois padrões de Hipocorização ora em foco.

4.1. METODOLOGIA

No que concerne à metodologia, dois aspectos devem ser destacados: a aplicação de testes e a conseqüente organização do *corpus*⁹ que constitui o objeto de estudo desta dissertação.

Com o objetivo de chegar a um *corpus* representativo para a análise da Hipocorização, Silva, em 2004 e, posteriormente, em 2006, aplicou dois testes, a partir dos quais foram avaliados aspectos relativos à formação dos hipocorísticos que preservam a margem esquerda. Parte dos dados foi rastreada a partir do dicionário de hipocorísticos de Monteiro (1999), disponível em <http://www.geocities.com/Paris/cathedral/1036>; e também foi extraída de contextos reais de interação.

O primeiro teste¹⁰, que privilegia dados que não sofrem reduplicação, como ocorre em ‘Mariana’ >> ‘Mári’, foi realizado com falantes de ambos os sexos e faixa etária variando de sete a mais de quarenta e cinco anos. Esse material compõe-se de quatro questões. A primeira teve como objetivo formar hipocorísticos a partir de antropônimos passíveis de redução. Sendo assim, o informante propôs para cada item,

⁹ No Anexo I, encontra-se disponível a análise dos dados levantados para esta dissertação.

¹⁰ No Anexo II, apresentamos uma cópia do teste aplicado e, além disso, no Anexo III, mostramos as respostas, dadas pelos informantes, que viabilizaram o encaminhamento desta análise.

de A a J, uma forma carinhosa para denominar pessoas a partir dos antropônimos apresentados.

A segunda questão deste primeiro teste apresenta algumas formas reduzidas de antropônimos, como ‘Bê’ (hipocorístico de ‘Bernardo’) e ‘Dâni’ (hipocorístico de ‘Daniele’), e o informante foi instruído a rastrear o prenome equivalente ao hipocorístico fornecido. Considerando que a forma reduzida deve sempre admitir uma relação mínima de identidade com a forma subjacente, a questão objetiva ratificar essa relação a partir da ótica do próprio falante.

Na questão subsequente, criamos nomes ou adotamos aqueles que são considerados pouco comuns, como ‘Catielen’ e ‘Zabriele’, a fim de verificar de que modo o falante encurtaria formas não consagradas na língua, visto o não-uso ou a pouca frequência de uso de um ou outro antropônimo. Com base na questão, foi possível depreender padrões de encurtamento, observando, para isso, a constituição do antropônimo e o modo como o falante o encurtou.

Na última questão, fornecemos dados compostos por até um pé binário e pedimos que o informante dissesse como chamaria carinhosamente indivíduos cujos nomes fossem aqueles a que fizemos referência. Nesse caso, como consideramos que os hipocorísticos constituem palavra mínima na língua, para nós, não seria possível encurtar essas formas.

Com base nas respostas dadas pelos informantes, foi possível confirmar algumas hipóteses básicas acerca da Hipocorização. A primeira delas diz respeito à natureza estrutural dos hipocorísticos. Conforme previu Gonçalves (2004), as formas reduzidas a partir de antropônimos são efetivamente formadas por até um pé binário e, por esse motivo, nomes que possuam essa configuração prosódica não são passíveis de redução,

a exemplo do que se observa em ‘Hugo’, ‘Isis’ e ‘Lia’, formas que a maioria dos informantes avaliou como não-suscetíveis de encurtamento.

Outra observação ratificada a partir da aplicação dos testes refere-se à fidelidade entre o antropônimo e o hipocorístico correspondente. Ainda que a perda de material fônico caracterize efetivamente processos de natureza não-concatenativa, como a Hipocorização, há, contudo, uma relação mínima de identidade que deve ser preservada para a formação de uma estrutura reduzida a partir de um prenome. Essa identidade, por sua vez, é marcada, fundamentalmente, no caso do padrão de Hipocorização que não admite reduplicação, pelo respeito ao alinhamento, ou seja, o material fônico à esquerda da base deve ser mantido na formação do hipocorístico.

Cumprе salientar, ainda, no que se refere aos testes, que, por mais que tenhamos controlado as variáveis sexo e faixa etária, não percebemos nenhum condicionamento advindo do uso de uma ou outra forma de hipocorístico em relação às variáveis controladas. No entanto, foi observado que o uso do comando “carinhosamente”, o que justifica a relação existente entre a Hipocorização e a afetividade, foi responsável pela associação feita pelo informante entre usar o antropônimo como um tratamento formal, enquanto o hipocorístico caracterizava uma intenção afetiva do falante.

A partir dessa última observação acerca do primeiro teste, pensamos na elaboração de um segundo material de informação¹¹, de modo que fossem englobados os padrões de Hipocorização passíveis de reduplicação. Sendo assim, organizamos um novo teste dividido em três partes. Na primeira e na segunda, criamos situações hipotéticas em que os informantes deveriam dizer como se dirigiriam a um indivíduo em uma dada situação. Essas situações poderiam ser formais ou informais.

¹¹ O formato do teste está disponível no Anexo IV e as respostas atribuídas aos testes compõem o Anexo V.

Tendo em vista essas duas primeiras partes, objetivamos verificar se, de fato, o hipocorístico enquadra-se apenas em contextos afetivos e, além disso, focalizando mais especialmente o padrão de Hipocorização passível de reduplicação, buscamos verificar se o uso da reduplicação admite caráter mais ou menos afetivo em relação à estrutura lingüística composta apenas por uma base, sem acréscimo de um reduplicante.

Considerando essas duas partes iniciais do segundo teste, pudemos constatar que apenas contextos afetivos admitem o uso de formações reduzidas a partir de antropônimos, mas, em contrapartida, algumas formas diminutas, já consagradas pelo uso, mostram-se adequadas a contextos formais e informais, como, por exemplo, ‘Malú’, para ‘Maria Lúcia’ e ‘Cadú’, para ‘Carlos Eduardo’.

No que diz respeito ao uso da reduplicação, nesse primeiro momento, não se observa distinção entre o uso da estrutura lingüística formada apenas da base, como ‘Jú’ (para ‘Juliana’) e aquela em que há cópia da base e acréscimo de um reduplicante (‘Jujú’): ambas são utilizadas em contextos afetivos e, aparentemente, o condicionamento da reduplicação está associado à natureza estrutural do antropônimo e não propriamente ao contexto em que essas formas são empregadas. Esse fato foi percebido através da parte três do teste, em que pedimos para o informante escolher entre usar a forma com ou sem reduplicante. Dessa maneira, foi possível depreender que a natureza estrutural regula o uso de estruturas reduplicativas (conforme será mostrado no capítulo (5) desta dissertação), diferentemente do que pensávamos, já que o objetivo do teste era analisar o contexto em que as formas reduzidas são empregadas.

Percebendo, então, que as análises de Silva (2004 e 2006) não contemplavam observações acerca da natureza estrutural dos hipocorísticos que admitem acréscimo de afixo de reduplicação, para a presente abordagem, foi necessária a aplicação de um novo modelo de teste¹², a fim de avaliar, de modo mais consistente, que tipo de

¹² O teste três compõe o Anexo VI desta dissertação e o resultado desses testes forma o Anexo VII.

condicionamento estrutural é capaz de determinar se uma estrutura lingüística pode ser reduplicada ou não.

Partindo desse questionamento, o terceiro teste é formado por duas questões. A primeira, que focaliza, efetivamente, as estruturas passíveis de reduplicação, como ocorre em ‘Jujú’ ou ‘Jú’, para Juliana’, pede para que o informante selecione entre a forma simples ou reduplicada de vários antropônimos, sendo estes de estrutura segmental bem variada. Nesse caso, a intenção é verificar se a natureza da consoante à esquerda da base ou da vogal a que ela se associa são elementos determinantes para a formação de hipocorísticos com reduplicante.

O que se pode notar, com base nessa primeira questão do terceiro teste, é que alguns segmentos fônicos efetivamente influem na formação de estruturas simples ou reduplicativas (fato este que será discutido no Capítulo 5). Um exemplo que corrobora a afirmação anterior diz respeito ao fato de que todos os informantes não admitem o uso de estruturas reduplicadas caso o segmento fônico propicie a contigüidade de dois r-fortes, como ‘Rerrê’ e ‘Rirri’, para ‘Regina’ e ‘Ricardo’, respectivamente. Há de considerar que o português não admite, em sua Fonologia, a contigüidade segmental r-forte + r-forte, conforme afirma Bisol (2005), o que, por sua vez, ratifica que a maioria dos falantes não considera essa estrutura lingüística adequada.

A segunda questão do teste três versa sobre a localização do acento nos dados que não sofrem reduplicação. O motivo de retomar o padrão e rever a questão do acento diz respeito ao fato de, em 2004, Silva não ter contemplado essa questão em sua abordagem preliminar acerca dos hipocorísticos do tipo (B), conforme nomenclatura proposta por Gonçalves (2004). Sendo assim, a segunda questão desse último teste teve por objetivo verificar se, quando um hipocorístico termina em vogal média, esta é, na verdade, acentuada para evitar o alteamento da vogal final e, com isso, a perda da

identidade entre o segmento fônico da base em relação ao hipocorístico, já que, como vimos, a Hipocorização deve preservar uma fidelidade mínima entre a forma reduzida e o antropônimo equivalente.

Após aplicados esses três testes, o *corpus* desta análise foi organizado a partir dos dados avaliados e, em alguns casos, apresentados. Apesar de a perspectiva acerca da Hipocorização ser diferente, buscamos, inicialmente, respaldar a pertinência de alguns dados do Dicionário de Hipocorísticos (MONTEIRO, 1999). Dessa forma, constituímos um banco de dados e, além disso, testamos o *corpus*, de modo a tornar a análise, que será exposta na seção seguinte, mais consistente.

4.2. DESCRIÇÃO DOS PADRÕES

Nesta seção, serão revistas e ampliadas as análises de Silva (2004 e 2006). Com o objetivo de explicitar de modo mais detalhado as abordagens realizadas pela autora, propomos uma subdivisão deste item em duas partes: na primeira, detalharemos o padrão de Hipocorização que copia os segmentos melódicos à esquerda do antropônimo, mas sem que haja acréscimo de reduplicante. Na segunda, analisamos os hipocorísticos que, além de manterem a margem esquerda da base, caracterizam-se pelo acréscimo de um reduplicante.

4.2.1. A ANÁLISE DOS HIPOCORÍSTICOS QUE PRESERVAM A MARGEM ESQUERDA DA BASE

Conforme discutimos ao longo desta Dissertação, a Hipocorização é um processo não-concatenativo de formação de palavras do português, ou seja, para a formação de uma nova palavra na língua, é necessária a perda de parte da estrutura segmental de um antropônimo. A partir dessa perspectiva, Gonçalves (2004) apresentou quatro tipos de Hipocorização, sendo um deles o tipo (B), caracterizado por manter a margem esquerda da base, como mostram os exemplos em (01) a seguir:

(01)

‘Alessandra’ >> ‘Alê’
‘Rafael’ >> ‘Ráfa’
‘Itamar’ >> ‘Íta’
‘Carolina’ >> ‘Caról’
‘Mariana’ >> ‘Mári’

Partindo do trabalho pioneiro de Gonçalves (2004), Silva (2004) propõe uma análise preliminar desse padrão de Hipocorização sob a ótica da Teoria da Otimalidade. Para a autora, a Hipocorização, assim como postula Gonçalves (2004), caracteriza-se por formar uma palavra mínima na língua, ou seja, uma estrutura prosódica formada por até um pé binário. Dessa forma, para que se produza um hipocorístico, é fundamental que haja a perda de material fônico, mas, ao mesmo tempo, uma associação estrita entre a forma reduzida e o antropônimo equivalente.

Considerando, então, que a Hipocorização é um processo de interface Fonologia-Morfologia e que a Teoria da Otimalidade (doravante OT) pressupõe a

seleção das melhores formas a partir de um ranqueamento de restrições universais passíveis de violação, como definido no Capítulo 3, é importante destacar quais desses restritores são atuantes na análise dos hipocorísticos que preservam a margem esquerda da base.

Em primeiro lugar, amplamente utilizadas em Gonçalves (2004), duas restrições são fundamentais na abordagem da Hipocorização como um todo e, portanto, atuantes na formação dos hipocorísticos do tipo (B). Esses restritores são ANALISE- σ e TODO-PÉ(D). O primeiro obriga que sílabas sejam integradas a pés, ou seja, considerando a hierarquia prosódica, a categoria mais baixa dessa hierarquia, de acordo com ANALISE- σ , deve estar integrada àquela de nível mais elevado que, no caso, é o pé. Sendo assim, candidatos que apresentem sílabas desgarradas infringem essa restrição.

O segundo restritor obriga que o pé esteja alinhado à direita da palavra prosódica, isto é, na hierarquia prosódica, o nível mais baixo que, nesse caso, é o pé, deve estar alinhado à categoria mais alta, ou seja, a palavra prosódica. Como a restrição é TODO-PÉ(D), pode-se perceber que o (D) caracteriza a posição do alinhamento e, portanto, esse alinhamento deve ser feito à direita.

Como se pode notar, essas duas restrições fazem menção ao alinhamento e à integração de categorias prosódicas e, por isso mesmo, sua satisfação leva ao encurtamento. Além disso, faz-se necessário acrescentar que esses restritores são os mais cotados da hierarquia, pois regulam o tamanho do hipocorístico. Esse fato é decorrente da afirmação de que estruturas hipocorísticas formam palavras mínimas na língua; sendo assim, somente podem ser formadas por até um pé binário.

Dessa maneira, ANALISE- σ e TODO-PÉ(D) são restrições invioláveis e, por isso, qualquer candidato que as infrinja é sumariamente eliminado da disputa a *output* ótimo. Vale ressaltar, ainda, que, além de invioláveis, esses restritores atuam em

conjunto e, por esse motivo, na formalização em (02)¹³, a linha que divide essas restrições está tracejada:

(02)

<(ná).(tal[y]a)>	ANALISE	TD-PÉ(D)
a) <(lí.a)>		
b) <(ná.ta)>		
c) <tá.(lí.a)>	*!	
d) <(nát)>		
e) <(ná.ti)>		

Como se pode perceber no *tableau* em (02), dados os candidatos a *output* referentes ao antropônimo ‘Natália’, ‘Tália’ é eliminado da disputa por violar a restrição ANALISE- σ , posto que esse candidato é o único a apresentar uma sílaba que não está integrada a um pé e, com isso, comete violação a ANALISE- σ e, a partir do momento em que todos os demais candidatos passam ilesos por esses restritores, ‘Tália’ é eliminada da disputa como ocorre, também, com o seguinte exemplo:

(03)

<(má.nu).(é.la)>	ANALISE	TD-PÉ(D)
a) <(má.nu).(é.la)>		*!
b) <nú.(é.la)>	*!	
c) <(mâ.na)>		
d) <(lá)>		
e) <(ma.nú)>		

¹³ Neste e nos demais *tableaux*, utilizaremos a transcrição grafemática. Só faremos uso de transcrições fonéticas quando da necessidade de explicitar fatos fônicos relevantes na estrutura segmental de candidatos. O acento agudo sobre as vogais indica a sílaba proeminente nas formas concorrentes. Além disso, utilizamos as seguintes convenções na representação do *input* e dos candidatos: o símbolo < > indica que a transcrição utilizada é grafemática, conforme dito anteriormente; o ponto (.) demarca fronteira silábica; os parênteses () mostram a formação de pés; o acento gráfico, no *input*, indica o elemento proeminente no pé e, no caso das vogais médias, distinguimos as abertas das fechadas utilizando o circunflexo para essas últimas, o mesmo acontece com as nasais, sempre representadas com circunflexo.

Pode-se notar que o *tableau* (03) mostra a infração cometida pelo candidato (a) ao restritor TODO-PÉ(D), já que, como se sabe, o pé deve estar à direita da palavra prosódica e, no dado ‘Manuela’, há dois pés e, portanto, um alinhado à direita e outro à esquerda da palavra prosódica. Além disso, o candidato (b) viola a restrição ANALISE- σ , já que apresenta uma sílaba desgarrada, isto é, que não está filiada à categoria prosódica hierarquicamente superior, o pé. Veja-se mais um exemplo no *tableau* em (04):

(04)

<(crís).(tí.na)>	ANALISE	TD-PÉ(D)
a) <(crís).(tí.na)>		*!
b) <(tí.na)>		
c) <(crí)>		
d) <(tí)>		
e) <(crís)>		

Como se pode verificar, os candidatos em (04) possuem sílabas integradas a pés e, portanto, respeitam o restritor ANALISE- σ . No entanto, o candidato (a), formado por dois pés binários, viola TODO-PÉ(D).

Observando, então, os *tableaux* anteriores, é notório que candidatos formados por mais de duas sílabas, por não serem formas mínimas na língua, jamais podem ser estruturas hipocorísticas. Confirma-se, a partir dessas restrições, o que postula Gonçalves (2004), que caracteriza a Hipocorização como um processo oriundo da perda de segmentos fônicos, diferentemente de abordagens como as de Monteiro (1983) e Brito (2003), resenhadas no Capítulo 2.

Após os restritores que regulam a integração e o alinhamento de categorias prosódicas, a restrição mais importante na hierarquia dos hipocorísticos do tipo (B) é

ALIN(H)esq,(A)esq. Essa restrição visa a nivelar a margem esquerda do antropônimo (A) com a margem esquerda do hipocorístico (H). Dessa forma, ela é violada quando os segmentos à esquerda de (H) e (A) não equivalem, isto é, quando não há uma perfeita coincidência entre as margens esquerdas do antropônimo e do hipocorístico, como é visto na avaliação em (05):

(05)

<(ná).(tá.l[y]a)>	ANALISE	TD-PÉ(D)	ALIN
a) <(lí.a)>			*!***
b) <(ná.ta)>			
c) <tá.(lí.a)>	*!		**
d) <(nát)>			
e) <(ná.ti)>			

Pode-se perceber que o candidato (a), que ainda não havia violado nenhuma restrição, apaga quatro segmento à esquerda do antropônimo e, com isso, comete quatro infrações a ALIN(H)esq,(A)esq. Já o candidato (c), além de infringir a restrição ANALISE- σ , viola duas vezes ALIN(H)esq,(A)esq, dado que as margens esquerdas da base e do hipocorístico não coincidem e, sendo assim, para cada segmento apagado à esquerda da base, marca-se uma infração a ALIN. O mesmo pode ser percebido na avaliação formalizada em (06):

(06)

<(má.nu).(é.la)>	ANALISE	TD-PÉ(D)	ALIN
a) <(má.nu).(é.la)>		*!	
b) <nú.(é.la)>	*!		**
c) <(mâ.na)>			
d) <(lá)>			*!****
e) <(ma.nú)>			

Como se pode notar, o candidato (b), que já havia violado a restrição a de integração de categorias prosódicas, infringe também ALIN(H)esq,(A)esq, posto que apaga dois segmentos fônicos à esquerda do antropônimo, não havendo, assim, coincidência entre as margens esquerdas do prenome e da formação hipocorística. Além desse, o candidato em (d) viola cinco vezes a restrição de alinhamento, posto que, da base para o hipocorístico, há perda de cinco segmentos à esquerda, assim como observamos em (07), *tableau* em que os candidatos (b) e (d) violam quatro vezes esse restritor:

(07)

<(crís).(tí.na)>	ANALISE	TD-PÉ(D)	ALIN
a) <(crís).(tí.na)>		*!	
b) <(tí.na)>			*!***
c) <(crí)>			
d) <(tí)>			*!***
e) <(crís)>			

Pode-se notar, então, que o restritor de alinhamento é de suma importância para a formação de hipocorísticos por esse padrão, pois a característica fundamental desse tipo de Hipocorização é exatamente a preservação da margem esquerda. Desse modo, candidatos que desrespeitem essa restrição não podem ser *outputs* ótimos – pelo menos por esse padrão de Hipocorização.

Outra restrição bem cotada na hierarquia desse padrão de redução de antropônimos denomina-se UNIQUENESS (PIÑEROS, 2000). Esse restritor impede que os hipocorísticos equivalham a termos já existentes no português, o que é pertinente, já que a Hipocorização é um processo de formação de palavras que, por sua

vez, cria termos novos na língua e, por isso mesmo, palavras já existentes não são consideradas hipocorísticos¹⁴, como se pode perceber em (08):

(08)

<(ná).(tá.l[y]a)>	ANALISE	TD-PÉ(D)	ALIN	UNIQU
a) <(lí.a)>			*!***	*
b) <(ná.ta)>				*!
c) <tá.(lí.a)>	*!		**	
d) <(nát)>				
e) <(ná.ti)>				

Os candidatos (a) e (b), formados a partir do antropônimo ‘Natália’, infringem UNIQUENESS, pois ‘lia’ e ‘nata’ são palavras já existente na língua e, portanto, não podem ser consideradas hipocorísticos, assim como ocorre em (09):

(09)

<(má.nu).(é.la)>	ANALISE	TD-PÉ(D)	ALIN	UNIQU
a) <(má.nu).(é.la)>		*!		*
b) <nú.(é.la)>	*!		**	
c) <(mã.na)>				*!
d) <(lá)>			*!****	*
e) <(ma.nú)>				

A palavra ‘mana’, um candidato possível para ‘Manuela’, refere-se à ‘irmã’ no português e, por esse motivo, não é uma formação particularizante na língua, não sendo, portanto, uma estrutura hipocorística. O candidato (a), por se tratar do próprio

¹⁴ A restrição UNIQUENESS corresponde ao bloqueio homofônico (PIÑEROS, 2000): uma forma linguística é bloqueada quando existe outra com configuração fonológica idêntica.

antropônimo, não é uma forma lingüística nova na língua e, por isso mesmo, não pode ser, pois, um candidato ótimo. O também candidato (d), anteriormente eliminado por ALIN, também viola UNIQUENESS, pois equivale a um advérbio de lugar. A atuação de UNIQUENESS também fica clara em (10):

(10)

<(crís).(tí.na)>	ANALISE	TD-PÉ(D)	ALIN	UNIQ
a) <(crís).(tí.na)>		*!		*
b) <(tí.na)>			*!***	
c) <(crí)>				
d) <(tí)>			*!***	
e) <(crís)>				

Observamos, com base em (10), que o candidato (a), já eliminado da disputa a *output* ótimo, por ser equivalente ao próprio antropônimo, não forma uma nova palavra na língua e, portanto, não é uma estrutura hipocorística.

Além de UNIQUENESS, três restritores de marcação, ou seja, restrições que fazem referência à estrutura silábica de uma palavra, são cotados na formação dos hipocorísticos que mantêm a margem esquerda do antropônimo: ONSET, *COMPLEX e CODA-COND [+contínua].

O primeiro postula que a posição de ataque silábico deve ser sempre preenchida e, sendo assim, candidatos que não apresentem essa posição da sílaba ocupada violam essa restrição.

O restritor *COMPLEX proíbe a formação de uma sílaba em que a estrutura seja CCV ou CVCC, ou seja, não permite complexidade nem no *onset* nem na coda de uma sílaba.

A restrição CODA-COND [+contínua] limita a existência da posição de coda, ou seja, se essa posição for ocupada por uma consoante oclusiva, cujo traço é [-

contínuo], há infração dessa restrição; são permitidas codas preenchidas somente por vogais, soantes e sibilantes.

Como se pode verificar, esses três restritores atuam de maneira a breca algumas estruturas silábicas, como, por exemplo, sílabas CCV ou, ainda, CVC_[não-contínuo]. No entanto, no padrão de Hipocorização analisado, ainda é mais importante obedecer ao restritor de alinhamento que os de marcação, posto que, para respeitar ALIN, alguns candidatos ótimos terão de infringir ONSET, *COMPLEX ou CODA-COND [+contínua]. Nos *tableaux* a seguir, para mostrar a relação entre os restritores de sílaba e de alinhamento, omitiremos as demais restrições relevantes.

(11)

<(ná).(tá.l[y]a)>	ALIN	ONSET	*COMPLEX	CODA-COND
a) <(lí.a)>	*!***			
b) <(ná.ta)>				
c) <tá.(lí.a)>	**	*		
d) <(nát)>				*!
e) <(ná.ti)>				

Pode-se perceber que o candidato (c), ainda que já tenha sido eliminado da disputa pelas restrições mais altas que não aparecem em (11), infringe ONSET, já que apresenta uma sílaba cujo ataque não foi preenchido. O candidato (d) passa ileso pelos restritores ONSET e *COMPLEX, mas é bloqueado por CODA-COND [+contínua], pois sua posição de coda é ocupada por /t/, que é uma consoante oclusiva e, por isso mesmo, marcada pelo traço [-contínuo]. Observamos, em (12), outras violações a restritores silábicos:

(12)

<(má.nu).(é.la)>	ALIN	ONSET	*COMPLEX	CODA-COND
a) <(má.nu).(é.la)>		*		
b) <nú.(é.la)>	**	*		
c) <(mâ.na)>				
d) <(lá)>	*!****			
e) <(ma.nú)>				

O candidato (a), que já havia sido eliminado da disputa, infringe, ainda, ONSET. Como se pode notar, há uma sílaba em que não há preenchimento da posição de ataque e, por isso, essa forma viola o restritor de marcação que proíbe sílabas em que não haja *onset*. O mesmo ocorre com o candidato (b), que, apesar de já eliminado por ANALISE- σ (ver 03), também possui uma sílaba que não apresenta a posição de ataque preenchida e, com isso, infringe ONSET. Em contrapartida, em (13),

(13)

<(crís).(tí.na)>	ALIN	ONSET	*COMPLEX	CODA-COND
a) <(crís).(tí.na)>			*	
b) <(tí.na)>	*!***			
c) <(crí)>			*	
d) <(tí)>				
e) <(crís)>			*	

os candidatos (a), (c) e (e) infringem a restrição *COMPLEX, até então respeitada nos *tableaux* (11) e (12). A infração ocorre porque os quatro candidatos, para respeitar uma restrição mais alta na hierarquia, no caso, ALIN, mantêm a complexidade da posição de ataque de sílaba e, desse modo, violam um restritor de marcação. No entanto, como o

mais importante é a manutenção da margem esquerda da base, qualquer candidato ótimo para o antropônimo ‘Cristina’ deverá, então, infringir *COMPLEX, dada essa necessidade de respeitar a coincidência das margens esquerdas da forma subjacente com a superficial.

O próximo restritor da hierarquia refere-se à fidelidade entre o *input* e o *output*. MAX-IO é uma restrição anti-apagamento e, portanto, todo segmento eliminado da estrutura subjacente para a superficial corresponde a uma infração computada por MAX. Cumpre salientar, no entanto, que MAX é um restritor sempre violado, pois a Hipocorização, como já dito anteriormente, caracteriza-se pela perda de material fônico; logo, o apagamento é inevitável. Por que MAX, então, é relevante na hierarquia?

A restrição anti-apagamento é relevante, pois, como a hipocorístico tem de garantir uma fidelidade mínima entre a base e a forma reduzida, o candidato que apagar menos segmentos fônicos é, pois, mais fiel à forma subjacente e, com isso, o rastreamento do antropônimo a partir da sua redução torna-se mais garantido. Daí, a importância desse restritor na hierarquia, como veremos a seguir:

(14)

<(ná).(tá.[y]a)>	ANA	TD- PÉ(D)	ALIN	UNIQ	ONSET	*COMP	CODA- COND	MAX
a) <(lí.a)>			*!***	*				****
b) <(ná.ta)>				*!				***
c) <tá.(lí.a)>	*!		**		*			**
d) <(nát)>							*!	****
e) <(ná.ti)>								****

Em (14), a atuação de MAX não pode ser efetivamente percebida muito embora se possa verificar que, para o antropônimo ‘Natália’, o máximo de apagamento possível para que se mantenha uma relação entre *input* e *output* é de quatro segmentos.

No que diz respeito ao restritor DEP, o candidato vencedor, (e), infringe essa restrição, posto que insere um /i/ ('ná.ti)' sem respaldo na representação subjacente. A epêntese realizada por esse candidato, na verdade, é decorrente do respeito a outro restritor mais bem cotado na hierarquia – CODA-COND [+contínua].

Como se pode verificar, o candidato (e), já selecionado como ótimo pela atuação de CODA-COND sob o candidato (d), infringe MAX quatro vezes. No entanto, percebe-se que, por mais que haja perda desse segmento, é possível rastrear o *input* a partir do *output*, o que mantém a relação de identidade entre a forma encurtada e o prenome a ela relacionado.

Retomando a análise referente ao antropônimo 'Manuela', vejamos a formalização em (15):

(15)

<(má.nu).(é.la)>	ANA	TD-PÉ(D)	ALIN	UNIQ	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX
a) <(má.nu).(é.la)>		*!		*	*			
b) <nú.(é.la)>	*!		**		*			**
c) <(mâ.na)>				*!				****
d) <(lá)>			*!****	*				*****
e) <(ma.nú)> ➔								***

Em (15), pode-se notar que o candidato (a), por não apagar nenhum segmento do *input* para o *output*, não infringe MAX, mas, em contrapartida, não forma uma nova estrutura lingüística e, com isso, desrespeita a premissa básica do processo de Hipocorização, que é a formação de palavras, mais especificamente palavras mínimas. Desse modo, é importante enfatizar que a relação de fidelidade I-O deve existir, mas

minimamente, visto que a fidelidade estrita causa, na realidade, infrações a restritores invioláveis: ANALISE- σ e TODO-PÉ(D).

Observando a mesma formalização, verifica-se que o candidato vitorioso (e), além de passar ileso pelas restrições mais bem cotadas na hierarquia, é aquele que, depois do candidato (a), apaga menos segmentos da estrutura subjacente para a superficial, o que comprova, por sua vez, que há uma fidelidade a ser mantida pela mínima violabilidade a MAX.

Vejamos, em (16), a atuação de MAX como seletor do candidato ótimo:

(16)

<(crís).(tí.na)>	ANA	TD-PÉ(D)	ALIN	UNIQ	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX
a) <(crís).(tí.na)>		*!		*		*		
b) <(tí.na)>			*!***					****
c) <(crí)>						*		****!*
d) <(tí)>			*!***					*****
e) <(crís)>						*		****

Ao contrário do que se percebe nos demais *tableaux*, MAX é o restritor que, apesar de não estar bem cotado na hierarquia, é decisivo na seleção do candidato ótimo. Os *outputs* (c) e (e), até chegarem ao restritor de fidelidade, infringem somente uma restrição na hierarquia e, como os outros candidatos já haviam sido eliminados, seguem

na disputa, pois comentem uma mesma infração. Ao se depararem com MAX, (c), que apaga cinco segmentos do *input* para o *output*, é eliminado da disputa, dando, assim, a vitória ao candidato (e) que, por sua vez, apaga apenas quatro segmentos fônicos da estrutura profunda para a de superfície. Assim, comprova-se que MAX, ainda que não se mostre bem cotado na hierarquia, em alguns casos é de suma importância para decidir o candidato ótimo, haja vista a necessidade de manutenção de uma relação mínima de identidade I-O.

Sendo assim, a partir da análise dos prenomes ‘Natália’, ‘Manuela’ e ‘Cristina’, é possível a formalização do ranqueamento em (17) e, sem seguida, explicitar a sua constituição:

(17)

ANALISE- σ , TODO-PÉ(D) >> ALIN(H)esq,(A)esq >> UNIQUENESS >> ONSET
>> *COMPLEX >> CODA-COND [+contínua] >> MAX-IO.

A hierarquia que melhor traduz o processo de Hipocorização que preserva os segmentos à esquerda da base é construída por nove restrições. As que se mostram imprescindíveis na análise de qualquer padrão de Hipocorização são aquelas que fazem menção ao tamanho da estrutura que emergirá. Esses restritores são, pois, ANALISE- σ e TODO-PÉ(D). Como se pode notar, o uso da vírgula, na formalização em (17), ratifica que essas restrições atuam em conjunto, não estando, então, crucialmente hierarquizadas, não havendo, entre elas, uma situação de conflito.

Posteriormente, um restritor essencial para a análise do padrão de Hipocorização que constitui objeto de estudo desta Dissertação é ALIN(H)esq,(A)esq. O alinhamento tem papel fundamental na seleção de candidatos ótimos, pois, se não fossem definidos

padrões de formação de hipocorísticos, não seria possível agrupá-los em conjuntos amplos que compartilham características comuns e, se assim fosse, estaríamos dando razão ao que postulam as gramáticas tradicionais que descrevem a Hipocorização como um processo anômalo de formação de palavras.

Por ser a Hipocorização processo que forma novas palavras na língua, a restrição UNIQUENESS, ainda que subordinada às restrições que regulam tamanho e à restrição de alinhamento, é fundamental ao processo em questão, pois garante que as formas de superfície oriundas de antropônimos tenham configuração fonológica própria, confirmando-se, assim, a real produtividade da Hipocorização enquanto processo de formação de novas formas.

Os restritores de marcação ONSET >> *COMPLEX >> CODA-COND [+contínua] constituem uma relação de dominância em que é mais importante preencher a posição de ataque. Esse constituinte, por sua vez, deve ser simples, conforme prevê *COMPLEX, e, por fim, caso haja uma sílaba travada, que esta seja composta de um segmento especificado como [+contínuo]. Essa ordenação de restrições se deve ao fato de a maioria dos dados ser formada por sílabas cujo ataque é preenchido, seguida da necessidade de não haver complexidade no *onset*, principalmente visando a focalizar não as sílabas iniciais, pois estas devem ser preservadas por ALIN, mas, sobretudo, tendo em vista a segunda sílaba. Sobre a posição de coda, quando ocupada, ela, na verdade, contribui para que MAX seja minimamente satisfeito, já que, mantendo a posição de coda, em geral, apaga-se menos um segmento do *input* para o *output*.

Tratando, pois, da relação de fidelidade, MAX-IO descarrega-se da identidade entre a forma subjacente e a superficial, mas, em contrapartida, a formação de uma nova palavra na língua está vinculada a essa perda de segmentos. Sendo assim, MAX funciona como um “regulador de perdas fônicas”. Se um candidato X apaga tantos

segmentos e esta perda prejudica a interpretabilidade do termo, MAX bloqueia essa estrutura, preservando, dessa maneira, uma correspondência mínima I-O.

Explicada a formulação da hierarquia, apresenta-se, a seguir, um *tableau* em que mostramos, na íntegra, a análise do prenome ‘Patrícia’:

Em (18), as restrições estão hierarquizadas conforme a ordenação proposta em (17). O *tableau* consta de cinco candidatos a *output*, sendo que apenas um deles será o *output* ótimo:

(18)

Primeiramente, nenhum candidato infringe as restrições que regulam tamanho, já que não possuem sílabas desgarradas nem, tampouco, pés não-alinhados à direita da palavra prosódica. Ao se deparar com ALIN(H)esq,(A)esq, os candidatos (b) e (c) são eliminados da disputa, posto que o primeiro apaga dois segmentos fônicos à esquerda

<(pá).(trí.c[y]a)>	ANA	TP-(D)	ALIN	UNIQ	ONS	*COMP	CODA COND	MAX
a) <(pa.trí)>						*!		***
b) <(trí.c[y]a)>			*!*			*		**
c) <(cía)>			*!****					*****
d) <(pá)>				*!				*****
e) <(pá.ti)>								****

do antropônimo e o segundo, cinco. Os demais candidatos chegam, então, à restrição UNIQUENESS. O único candidato a infringir essa restrição é (d), pois ‘pá’ é um monossílabo que corresponde a um substantivo bastante usual na língua. Quanto às

restrições de marcação, ou seja, ONSET, *COMPLEX e CODA-COND [+contínua], apenas dois candidatos violam *COMPLEX: (b), que já havia sido eliminado da disputa e, também, o candidato (a) que acaba eliminado por apresentar complexidade na posição de *onset*. Os únicos candidatos que otimizam o padrão CV são (d) e (e). O candidato (e) viola a restrição anti-apagamento quatro vezes, mas, nesse caso, MAX não tem mais qualquer efeito, pois os concorrentes foram eliminados por restritores mais bem cotados no *ranking* de prioridades.

O *ranking* em (17) se mostra adequado e dá conta da maioria esmagadora dos dados; no entanto, devem ser feitas algumas considerações sobre essa proposta, que, em grande parte, retoma e amplia o trabalho de Silva (2004). Até então, não atentamos para a formalização de restrições que caracterizassem o padrão acentual do fenômeno. Desse modo, há, efetivamente, um padrão acentual para esse processo ou, na verdade, o acento não tem importância para a definição desse grupo de hipocorísticos?

Buscando responder a esse questionamento, observamos a distribuição do acento nos dados levantados para esta análise e chegamos a algumas constatações¹⁵. A primeira delas é que esse padrão de Hipocorização pode receber acento paroxítono ou oxítono, a depender dos seguintes fatores: (a) os encurtamentos terminados em vogais médias requerem o acento à direita da palavra prosódica; (b) os hipocorísticos dissilábicos terminados em –i recebem acento na primeira sílaba e (c) os encurtamentos, sobretudo os efetuados a partir de antropônimos constituídos por quatro sílabas, são fiéis ao acento secundário.

No que concerne à constatação em (a), o fato de as vogais médias atraírem o acento, como ocorre em ‘Godofredo’ >> ‘Godô’ e ‘Alessandra’ >> ‘Alê’, está atrelado à regra de neutralização das vogais postônicas em português. Para que haja a manutenção da identidade de traços entre o *input* e a forma de superfície que emergirá como ótima,

¹⁵ A tabela com a distribuição acentual do processo discutido nesta análise encontra-se no Anexo VIII.

as vogais médias receberão acento, quando à direita de palavra prosódica dissilábica. O acento sobre essas vogais impede o alteamento, fatalmente levado a cabo se a sílaba inicial for a proeminente (‘gódo’ e ‘ále’). Como se sabe, o português apresenta, na posição postônica final, apenas três vogais – /I, U, a/ (CÂMARA JR., 1970). Nesses casos, se o acento for paroxítono, a regra de neutralização se aplicará de fará com que uma média do *input* corresponda a uma alta no *output*.

Devido à observação detalhada dos dados, constatamos a necessidade de impedir que formas não-ótimas, como, por exemplo, *‘Gôdo’ para ‘Godofredo’ e *‘Ále’ para ‘Alessandra’, emerjam como *outputs* reais para os prenomes ‘Godofredo’ e ‘Alessandra’. Com tal finalidade, adotamos a restrição IDENT-IO. Esse restritor exige que todos os segmentos do *output* devem ser idênticos, em termos de traços, aos que constam no *input*, ou seja, não permite nenhuma permuta de traços do *input* para o *output*. Dessa forma, o papel dessa restrição é impedir que a regra de neutralização se aplique a formações hipocorísticas ótimas, preservando a identidade do *input* para o *output*, conforme se observa em (19), a seguir:

(19)

<(á.le).(sân.dra)>	IDENT-IO
a) <(á.li)>	*!
b) <(a.lê)>	☛

Como se pode notar, se não houvesse a atuação de um restritor de identidade que regulasse a permuta de traços do *input* para o *output*, dados como ‘Áli’, para ‘Alessandra’, poderiam emergir como ótimos, o que não corresponderia a real estrutura adotada pelos falantes.

Com respeito à consideração feita em (b), pode-se dizer que a vogal –i final repele o acento em todos os dados, como em ‘Patrícia’ << ‘Páti’, incluindo-se aí, também, casos de epêntese, como ocorre em ‘Jeferson’ << ‘Jéfi’. Os únicos dados que recebem acento nessa vogal são os monossílabos, como em ‘Priscila’ >> ‘Pri’, posto o fato de haver, apenas, um lugar possível para o pouco do acento lexical.

Baseados nessas observações acerca da não-acentuação da vogal alta –i em posição de final de palavra, verificamos a pertinência de haver uma restrição, na hierarquia da Hipocorização com cópia à esquerda, capaz de bloquear a emergência de formas em que essa vogal seja acentuada, impedindo, assim que dados, como *‘Páti’ para ‘Patrícia’, venham à superfície como ótimos. Propomos, então, a restrição de marcação *i]. Esse restritor proíbe que palavras terminadas em –i recebam acento. Para mostrar o papel desse restritor na seleção de candidatos ótimos, apresentamos um pequeno *tableau* para validar o papel do restritor na análise dos dados e, também, o modo como ele atua na seleção do *output*:

(20)

<(pá).(trí.c[y]a)>	*i]P _{Wd}
a) <(pa.tí)>	*!
b) <(pá.ti)> ➔	

É possível perceber que, em (20), dos candidatos apresentados, aquele que melhor atende ao restritor que proíbe acento em <i>s finais é (b), visto que essa forma não acentua a vogal alta –i em final de palavra prosódica. Dessa forma, o candidato (a), que seria efetivamente um candidato concorrente à forma ótima, por preservar,

sobretudo, a margem esquerda do antropônimo, é bloqueado pelo restritor acentual, de modo a não emergir, assim, uma estrutura lingüística que não condiga com a realização dos falantes.

No entanto, um dado foge a esse perfil – ‘Gabriela’. Por se tratar de um caso isolado, tentamos encontrar alguma explicação que justificasse a acentuação no –i final. Entrevistamos, informalmente, em contexto real de interação, cerca de oito falantes (quatro homens e quatro mulheres), cujos prenomes fossem ‘Gabriel’ ou ‘Gabriela’. Desses informantes, todos admitiam a existência de duas estruturas encurtadas para ‘Gabriel’ e ‘Gabriela’, no caso ‘Gábi’ e ‘Gabi’. Segundo os falantes, a primeira forma se refere ao prenome masculino e à outra, ao feminino, o que, por sua vez, caracteriza uma distinção de gênero a partir da posição do acento. Sendo assim, a forma seria preterida em relação ao uso e, devido à restrição que proíbe o acento em –i final, apenas o candidato ‘Gábi’ emerge como ótimo, conforme mostra o *tableau* a seguir:

(21)

<gabriela>	IDENT-IO
a) <(ga.bí)>	*!
b) <(gá.bi)> ➔	

É possível notar que, devido à restrição acentual que focaliza o segmento –i em final de palavra prosódica, ‘Gabi’, o hipocorístico de ‘Gabriela’, dado como ótimo pelos falantes, não emerge como vencedor, mas, em contrapartida, trazemos à superfície o encurtamento referente a ‘Gabriel’. Dessa forma, como se pode perceber, a hierarquia proposta para o fenômeno não é capaz de promover as duas formas (‘Gábi’ e ‘Gabi’), já que, nesse caso, a diferença de gênero é mais relevante do que a estrutura da palavra e, como nossa intenção é evidenciar que existe um padrão formal para processos de

encurtamento, como a Hipocorização, não contemplaremos, nesta análise, a distinção de uso das formas.

Sobre a proposição em (c), pode-se afirmar que dados como ‘Rafael’ >> ‘Ráfa’ e ‘Itamar’ >> ‘Íta’ não apresentam o mesmo comportamento dos casos citados anteriormente; no entanto, há um fator que chama atenção e se refere ao padrão acentual de dados desse tipo – a fidelidade ao acento secundário. Como se pode notar, casos como ‘Rafael’ e ‘Itamar’ mostram que, ainda que não haja uma fidelidade ao acento primário entre o antropônimo e o hipocorístico, o acento secundário desempenha função primordial na seleção do candidato ótimo, já que o respeito a esse acento confere maior fidelidade entre a forma de *input* e de *output*, impedindo que formas infiéis sejam consideradas ótimas e, assim, prejudiquem o rastreamento entre a forma hipocorística e seu antropônimo correspondente.

Para dar conta desses dados, lançamos mão do restritor FID-AC (fidelidade acentual). O restritor proíbe que o candidato a *output* altere o padrão acentual posto no *input*, conforme mostramos a seguir, em (22):

(22)

<(rá).(fa.él)>	FID-AC
a) <(ra.fá)>	*!
b) <(rá.fa)> ➡	

Como se pode notar, em (22), o candidato ótimo é ‘Ráfa’, para ‘Rafael’, posto que o candidato (a) – ‘Rafá’ – viola a restrição FID-AC, por não respeitar o acento secundário da forma subjacente.

Retomando a questão relativa à importância do acento para a definição do fenômeno, pode-se notar que, de fato, o acento tem papel fundamental na seleção da forma ótima e, por esse motivo, é imprescindível propor um novo *ranking* em que os restritores formulados anteriormente sejam incluídos na análise das formas candidatas. Mas ainda é preciso discutir a ordenação desses restritores na hierarquia proposta em (17). Dessa forma, a que restrições IDENT-IO, *i]_{Pwd} e FID-AC são subordinadas?

A hierarquia formulada em (17) foi definida com base nos dados, ou seja, ANALISE- σ e TODO-PÉ(D) são os restritores mais elevados do *ranking*, pois a Hipocorização presuppõe perdas segmentais e formação de até um pé binário. Do mesmo modo, o respeito ao alinhamento é determinante no padrão ora em foco, posto que a própria definição do tipo de hipocorístico advém do respeito à margem esquerda do antropônimo. Esse respeito, por sua vez, não pode trazer à tona palavras já existentes na língua, o que descaracterizaria a Hipocorização como um processo de formação de palavras. Além disso, os restritores de sílaba, ainda que subordinados ao alinhamento, garantem um padrão estrutural para o fenômeno. Além disso, MAX, o restritor que regula as perdas segmentais do antropônimo para o hipocorístico, é de suma importância para a manutenção da fidelidade entre a forma encurtada e a forma subjacente. As três novas restrições entram, pois, na última etapa de organização da hierarquia, posto que decidirão, entre os candidatos restantes, por aquele que melhor acentua, levando-se em conta a melhor satisfação a essas demandas.

Com base nos dados, a restrição mais alta no novo *ranking* dos hipocorísticos com cópia à esquerda é IDENT-IO. A preservação da identidade de traços é, dentre todos os aspectos relativos ao acento, a mais relevante, já que é uma característica sempre respeitada pelo candidato ótimo. IDENT força uma relação de fidelidade mais estrita entre a forma hipocorizada e o prenome que ela evoca.

O restritor $*i]_{\text{Pwd}}$ ocupa, na hierarquia, a posição subsequente à IDENT, sobretudo pelo fato de ser uma restrição violada ao focalizar estruturas monossílabas e, com isso, a fim de garantir a emergência dessas formas, esse restritor, além de dominado, deve estar subordinado à restrição referente à identidade de traços fonológicos.

Por último, FID-AC regula as formas que passam pelos demais restritores, impedindo que emerjam candidatos totalmente infieis às relações de proeminência que se estabelecem no *input*.

Dessa maneira, com base nas características acentuais que perpassam o processo ora em voga, é possível ampliar o *ranking* proposto em (17), de modo a sanar as questões que envolvem a acentuação do padrão de Hipocorização com cópia à esquerda, conforme mostra a formalização em (23):

(23)

ANALISE- σ , TODO-PÉ(D) >> ALIN(H)esq,(A)esq >> UNIQUENESS >> ONSET
 >> *COMPLEX >> CODA-COND [+contínua] >> MAX-IO >> IDENT-IO >> $*i]_{\text{Pwd}}$
 >> FID-AC

Em (23), temos o ranqueamento que dá conta dos dados levantados. Contudo, a fim de tornar a análise mais sucinta, omitiremos candidatos que apresentem mais de um pé binário e que, além disso, formem alguma palavra já existente na língua. Com isso, os restritores ANALISE- σ , TODO-PÉ(D) e UNIQUENESS serão também ocultados, já que são sempre invioláveis. Vale ressaltar que iremos manter o restritor de alinhamento, devido ao seu papel crucial na hierarquia e, além disso, mostraremos a interação desse

restritor com os de marcação. Desse modo, propõe-se, em (24), a seguir, a análise do antropônimo ‘Heloísa’:

(24)

<(ê.lo).(í.sa)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]PWd	FID-AC
a) <(é[w)]>		*			****!	*		
b) <(lo.lô)>	*!				****			*
c) <(í.sa)>	*!***	*			***			
d) <(ê.lu)>		*			***	*!		
e) <(e.lô)>		*			***			*

No *tableau* em (24), os primeiros candidatos eliminados são (b) e (c), pois ambos infringem pelo menos duas vezes o restritor de alinhamento. Seguem no páreo os candidatos (a), (d) e (e). Os três violam ONSET, posto que não preenchem a posição de ataque silábico, mas, como os demais candidatos já haviam sido eliminados, continuam na disputa. Ao se deparar com o restritor de fidelidade, (a), por apagar quatro segmentos, também é eliminado. Em seguida, o candidato (d) é eliminado, já que, pelo fato de o acento recair sobre a sílaba à esquerda da palavra prosódica, há permuta de traços do *input* para o *output* (aplica-se a regra de neutralização e /o/ passa a /u/). A forma de superfície em (e) é, pois, a vencedora, ainda que viole FID-AC. Como ‘Heloísa’ apresenta dois pés binários com cabeça à esquerda, a forma resultante, ‘Helô’, com cabeça à direita, não é fiel ao primeiro pé da forma subjacente (um troqueu).

Para comprovar a importância do restritor IDENT-IO e, além disso, destacar o comportamento de alguns dados, abaixo, em (25), apresentamos uma relação de antropônimos que funcionam como o antropônimo ‘Heloísa’:

(25)

‘Alessandra’ >> ‘Alê’
‘Adelaide’ >> ‘Adê’
‘Godofredo’ >> ‘Godô’

Observamos, em (26), a atuação do restritor $*i]_{\text{PwD}}$ que, em (24), mostra-se inativo:

(26)

<(vlá.di).(mír)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(vlá)>			*		****!*			
b) <(di.mír)>	*! **				***			
c) <(vla.dí)>			*		***		*!	*
d) <(vlád)>			*	*!	****			
e) <(vlá.di)> ➔			*		***			

O primeiro candidato a ser eliminado é (b), que não respeita a margem esquerda da base para a formação do hipocorístico. Na restrição $*COMPLEX$, por manterem o alinhamento com a margem esquerda, todos os candidatos cometem uma infração e, portanto, seguem na disputa. Prosseguindo a análise, (d) é eliminado em CODA-COND, já que apresenta uma consoante oclusiva e, portanto portadora do traço [-contínuo] na posição de coda. Seguem, então, os candidatos (a), (c) e (e). O candidato (a) é eliminado da disputa por MAX, uma vez que apaga muitos segmentos e perde uma relação de fidelidade mais estrita entre a forma subjacente e a de superfície. A forma (c) é eliminada na restrição acentual que bloqueia o acento na vogal /i/ em final de palavra

prosódica. Sendo assim, (e) é o candidato vitorioso e, portanto, a forma de *output* realizada pelos falantes.

Alguns outros dados se comportam como o antropônimo do prenome ‘Vladimir’, conforme mostrado em (27), a seguir:

(27)

‘Patrícia’ >> ‘Páti’
‘Mariana’ >> ‘Mári’
‘Tatiana’ >> ‘Táti’
‘Daniele’ >> ‘Dâni’
‘Edvaldo’ >> ‘Édi’

O último restritor a ser testado na hierarquia é FID-AC. Vejamos a sua atuação a seguir:

(28)

<(jâ.na).(í.na)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(ja.ná)>					***			*!
b) <(í.na)>	*!***	*			****			
c) <(na.ná)>	*!*				*****			*
d) <(na.í)>	*!*	*			****		*	
e) <(jâ.na)>					***			

No tableau em (28), três candidatos já são eliminados em ALIN, já que (b), (c) e (d) não admitem correspondência entre a margem esquerda do antropônimo e a dos hipocorísticos. Os candidatos (a) e (e) passam ilesos pelos restritores de marcação e apagam o mesmo número de segmentos, violando MAX da mesma maneira. Além disso, não há infração, por parte dessas formas, aos restritores IDENT e *i]_{pwd}. Em FID-

AC, o candidato (a) é eliminado, por que não respeitar o acento secundário da forma subjacente e, com isso, (e) é considerada a forma ótima na língua. Observe-se que ‘Janaína’ apresenta dois pés binários com cabeça à esquerda [(já.na)(í.na)] e a forma vencedora, ‘Jána’, é fiel à subjacente, por preservar a proeminência na primeira sílaba do primeiro.

Além de ‘Janaína’, antropônimos como ‘Rafael’ e ‘Itamar’ têm a forma ótima selecionada a partir desse restritor. Cumpre salientar, no entanto, que muitos candidatos respeitam essa restrição, mostrando assim o seu papel na formação dos hipocorísticos que preservam a margem esquerda. Como exemplos, podemos citar os dados em (29):

(29)

‘Leonardo’ >> ‘Léo’
‘Tatiana’ >> ‘Táti’
‘Daniele’ >> ‘Dâni’
‘Rosilene’ >> ‘Rôse’
‘Jurací’ >> ‘Júra’

Concluimos, então, que, para o padrão de Hipocorização que mantém a margem esquerda do antropônimo, oito são as restrições atuantes, considerando que ANALISE- σ , TODO-PÉ(D) e UNIQUENESS são invioláveis para que um candidato emerja como ótimo.

Além disso, demos conta da posição do acento. Os restritores IDENT, FID-AC e *í]_{PWD}, como se pode notar, mostram-se pertinentes e são capazes de dar conta da posição do acento, nas formas dissilábicas. Dessa forma, ratificamos que a abordagem otimalista dada ao processo em questão é pertinente e possibilita capturar o conflito entre demandas da língua. Para finalizar a análise, resta justificar CODA-COND e mostrar que a infidelidade de alguns hipocorísticos decorre do atendimento a essa exigência.

O restritor CODA-COND é relevante na hierarquia de prioridades dos hipocorísticos que preservam a margem esquerda, posto que, na língua portuguesa, a posição de coda não pode ser ocupada por consoantes cujo traço seja [-contínuo], como é o caso das oclusivas. Para solucionar esse problema, há a inserção de uma vogal epentética, que no caso do português é sempre –i. Dessa forma, o respeito ao restritor CODA-COND, em candidatos como ‘Náti’, para ‘Natália’, pressupõe a violação de outro restritor, DEP-IO. Este proíbe inserção de material fônico do *input* para o *output*, conforme se vê no tableau seguinte:

(30)

<(ná).(tá.l[y]a)>	CODA-COND	DEP-IO
a) <(nát)>	*!	
b) <(ná.ti)>		*

Como se pode perceber, a satisfação ao restritor que condiciona os segmentos que ocupam a posição de coda implica, necessariamente, a violação de DEP, devido à inserção de um –i para formar uma sílaba que tenha estrutura CV. Dessa forma, ainda que não seja relevante postular DEP na hierarquia dos hipocorísticos que preservam a margem esquerda, devido a sua violação categórica para satisfação de CODA-COND, é importante frisar que esses dois restritores comprovam que a gramática de uma língua, na OT, forma-se a partir do conflito entre restrições universais e, portanto, no caso da Hipocorização, essa característica da teoria e da própria língua vem à tona através do conflito entre esses dois restritores.

Cumprе salientar, ainda, que o papel da restrição de alinhamento, no caso do padrão discutido nesta seção, é fundamental, já que, de acordo com os dados, é mais relevante copiar integralmente a margem esquerda, ainda que ela apresente

complexidades estruturais, do que transformar estruturas complexas em simples, diferentemente do que ocorre com o padrão a ser analisado a seguir.

4.2.2. ANÁLISE DOS HIPOCORÍSTICOS QUE PODEM SOFREM REDUPLICAÇÃO

Outro padrão de Hipocorização contemplado nesta análise é o que se estrutura a partir de primeira sílaba com *onset* à esquerda da base, que pode ou não sofrer reduplicação. Vejam-se os dados em (31), a seguir:

(31)

‘Fernanda’ >> ‘Fefê’ ou ‘Fê’
‘Luciana’ >> ‘Lulú’ ou ‘Lú’
‘Eduardo’ >> ‘Dudú’ ou ‘Dú’
‘Tereza’ >> ‘Tetê’ ou ‘Tê’
‘Gustavo’ >> ‘Gugú’ ou ‘Gú’

Como se pode notar, diferente do que ocorre com os hipocorísticos descritos na subseção (4.2.1), o padrão acima privilegia a simplificação de estruturas silábicas em detrimento da estrita equivalência de margens na relação antropônimo- hipocorístico, o que, por sua vez, faz com que, apesar de semelhantes, os tipos de Hipocorização analisados nesta Dissertação apresentem características bastante peculiares.

Um fator importante a ser destacado acerca do padrão de Hipocorização ora em foco é a variação entre o uso de formas simples e formas com acréscimo de um reduplicante. Ao contrário do que ocorre com o tipo (B) de Hipocorização, este padrão faz emergir duas formas superficiais possíveis para um mesmo *input*.

Para esta análise, a fim de que sejam contempladas as duas formas de *output* em relação a um mesmo *input*, utiliza-se a Teoria da Correspondência (doravante TC), pois, para descrever o fenômeno, é necessário que haja dois níveis de fidelidade, ou seja, o hipocorístico deve ser avaliado tanto com base na relação I-O (input-output), como na dimensão O-O (output-output), em função do reduplicante.

Como apresentado no capítulo (3), a TC difere da Otimalidade Clássica, visto que, nesta, a fidelidade entre a forma de *input* e a de *output* ocorre, apenas, a partir da relação entre um antropônimo e a sua forma reduzida. Já a TC expande a conceito de fidelidade e o aplica, também, à relação *output-output*, nesse caso B-R (base-reduplicante).

No caso dos hipocorísticos com reduplicante, a TC mostra-se mais adequada, já que, nessa situação, tem-se uma base e esta, por sua vez, pode ser acrescida de um reduplicante. Sendo assim, a relação de fidelidade não se restringe necessariamente ao *input* e ao *output*; ao contrário, ela ocorre também a partir de uma base, no *output*, em relação a uma outra estrutura de *output*, formada por essa mesma base e um reduplicante.

A fim de analisar o processo em questão sob a ótica de TC, algumas restrições devem ser consideradas para a análise do padrão de hipocorísticos que preserva a margem esquerda, sendo esta passível ou não do acréscimo de um reduplicante. Os restritores mais bem cotados na hierarquia, assim como na proposta anterior, são os que regulam o tamanho das formações hipocorísticas e, portanto, mais uma vez, compõem o topo da hierarquia os restritores ANALISE- σ e TODO-PÉ(D).

Como vimos anteriormente, ANALISE- σ exige que um candidato não apresente sílabas desgarradas, ou seja, sílabas que não estejam vinculadas à categoria prosódica mais elevada – o pé.

O restritor TODO-PÉ(D) propõe o alinhamento do pé com a palavra prosódica, sendo esse alinhamento efetuado à direita. Desse modo, formações que apresentem mais de um pé são sumariamente eliminadas da disputa.

Esses dois restritores, por atuarem em conjunto e não estarem em conflito (daí o uso da linha tracejada), fazem com que estruturas hipocorísticas sejam necessariamente constituídas por até um pé binário, o que pode ser comprovado pelo *tableau* em (32):

(32)

<(fêr).(nân.da)>	ANALISE-σ	TODO-PÉ(D)
a) <(fêr)>		
b) <(nân.da)>		
c) <(fê.fe).(nân.da)>		*!
d) <(fê)>		
e) <(fe.fê)>		

Em (31), como se pode perceber, não há nenhum candidato que apresente uma sílaba não agrupada em pés e, portanto, nenhum deles viola ANALISE-σ. Em contrapartida, o candidato (c) é formado por dois pés e, com isso, um deles, necessariamente, está à esquerda da palavra prosódica. Dessa forma, (c) está eliminado da disputa.

Em (33), pode-se novamente observar a atuação desses restritores de tamanho na hierarquia:

(33)

<(ê.du).(ár.do)>	ANALISE-σ	TODO-PÉ(D)
a) <(e.dú)>		
b) <du.(ár.do)>	*!	
c) <(dú.du).(ár.do)>		*!
d) <(du.dú)>		
e) <(dú)>		

É possível verificar que o candidato (b), por possuir uma sílaba não integrada ao pé, infringe ANALISE- σ . Já o candidato (c), que forma dois pés, ou seja, um alinhado à direita da palavra prosódica e outro, à esquerda, infringe TODO-PÉ(D). Como os demais candidatos passam por esses dois restritores, (b) e (c) acabam por ser eliminados na disputa. O mesmo pode ser visto em (34):

(34)

<(rô).(drí.go)>	ANALISE- σ	TODO-PÉ(D)
a) <(ro.drí)>		
b) <(ro).(drí.go)>	*!	
c) <(rô.ro).(drí.go)>		*!
d) <(ro.rô)>		
e) <(rô)>		

Em (34), assim como ocorre em (33), o candidato (b) é eliminado por ANALISE- σ e (c), por TODO-PÉ(D). O candidato (b) tem uma sílaba desgarrada e, portanto, não agrupada em pés; daí recebe o sinal de violação. Já (c) forma dois pés, sendo um à direita e outro à esquerda da palavra prosódica; com isso, viola TODO-PÉ(D). Como os demais candidatos passam ilesos por esses restritores, (b) e (c) estão eliminados da disputa.

Outro restritor bem cotado na hierarquia do padrão de Hipocorização analisado nesta subseção é IAMBO. Essa restrição acentual refere-se à posição da cabeça (sílabas proeminente) no pé. No processo em questão, o acento recai sempre à direita da palavra prosódica resultante e, por isso mesmo, a sílaba acentuada sempre será a última, como pode ser visto em (35)¹⁶:

¹⁶ Assumimos que os monossílabos leves formam um iambo por alongamento da vogal-núcleo. O alongamento faz com que a sílaba se torne pesada e, conseqüentemente, encontre na vogal as duas moras necessárias à formação do pé. Assim, formas como 'Fê' se comportam como sílabas pesadas. hipocorístico muitas vezes é produzido em situações de chamamento, nas quais realmente a vogal se torna longa. Além disso, essas formas exigem uma consoante epentética quando funcionam como bases para sufixação: 'Fezinha', 'Bezinha'.

(35)

<(fêr).(nân.da)>	ANALISE- σ	TODO-PÉ(D)	IAMBO
a) <(fêr)>			
b) <(nân.da)>			*!
c) <(fê.fe).(nân.da)>		*!	**
d) <(fê)>			
e) <(fe.fê)>			

É possível notar, com base no *tableau* acima, que os candidatos (b) e (c) infringem IAMBO porque a cabeça não está à direita (os pés são trocaicos). Dessa forma, como os demais candidatos passam ilesos por essa restrição, (b) é eliminado e (c) recebe duas infrações (apresenta dois troqueus), mas, como havia violado outro restritor mais bem cotado na hierarquia, já está fora da disputa. O mesmo ocorre em (36):

(36)

<(ê.du).(ár.do)>	ANALISE- σ	TODO-PÉ(D)	IAMBO
a) <(e.dú)>			
b) <du.(ár.do)>	*!		*
c) <(dú.du).(ár.do)>		*!	**
d) <(du.dú)>			
e) <(dú)>			

Como se pode notar, os candidatos (b) e (c), ainda que já tenham sido eliminados pelos restritores que regulam tamanho, infringem, também, IAMBO, uma vez que formam troqueus, como também se verifica em (37)

(37)

<(rô).(drí.go)>	ANALISE- σ	TODO-PÉ(D)	IAMBO
a) <(ro.drí)>			
b) <ro.(drí.go)>	*!		*
c) <(rô.ro).(drí.go)>		*!	**
d) <(ro.rô)>			
e) <(rô)>			

Em (37), como se pode notar, três candidatos violam IAMBO. Os candidatos (b) e (c), que já haviam sido eliminados pelos restritores de tamanho, também violam a restrição IAMBO e, portanto, quando formam pés binários, a sílaba proeminente não figura à direita.

Cumprе ressaltar que IAMBO é uma restrição bem cotada no *ranking*, pois, de acordo com os testes aplicados, o padrão de Hipocorização analisado nesta subseção tem como característica fundamental a acentuação à direita da palavra prosódica. Assim, qualquer candidato anoxítono é sumariamente eliminado da disputa.

Conforme dito anteriormente, os hipocorísticos que podem sofrer reduplicação distinguem-se da Hipocorização do tipo (B) (GONÇALVES, 2004) devido à supremacia da boa-formação silábica, em detrimento do perfeito alinhamento entre estrutura subjacente e estrutura superficial. Por esse motivo, três restritores silábicos,

que atuam em conjunto, são dominados por IAMBO na escala de prioridades. São eles: ONSET, *COMPLEX e NÃO-CODA.

O primeiro impede sílabas que não tenham preenchida a posição de ataque e, com isso, estruturas como VC ou V são brecadas por ONSET. A segunda restrição proíbe que haja complexidade em qualquer ramificação da sílaba; logo, estruturas CCV ou CVCC são bloqueadas pelo restritor *COMPLEX. No que diz respeito à restrição NÃO-CODA, pode-se dizer que essa condição proíbe o preenchimento da posição de coda na formação da sílaba e, com isso, são permitidas, apenas, sílabas abertas.

Vale ressaltar que os restritores de sílaba, por não se encontrarem em conflito, não estão crucialmente hierarquizados na análise deste padrão de Hipocorização e a atuação desses restritores pode ser verificada a seguir. Nos próximos *tableaux*, observamos apenas a atuação dos restritores de sílaba. Começemos a análise com o antropônimo ‘Fernanda’:

(38)

<(fêr).(nân.da)>	ONS	*COMP	NÃO-CODA
a) <(fêr)>			*!
b) <(nân.da)>			*
c) <(fê.fe).(nân.da)>			*
d) <(fê)>			
e) <(fe.fê)>			

Os restritores silábicos atuam em conjunto, porque a estrutura da sílaba, nesse padrão de Hipocorização, é categoricamente CV e, portanto, os três restritores colaboram para a formação desse padrão silábico. Pode-se observar, a partir do *tableau* acima, que todos os candidatos passam ilesos pelas restrições ONSET e *COMPLEX, já que apresentam a posição de ataque silábico preenchida e, além disso, não possuem

ramificação em nenhuma margem de sílaba. No entanto, quando avaliado por NÃO-CODA, o candidato (a) é eliminado da disputa, já que sua estrutura silábica é CVC. Os candidatos (b) e (c), apesar de já terem sido eliminados (ver 35), infringem a restrição que proíbe a formação de sílabas fechadas.

Em (39), ainda se pode verificar como os restritores de marcação atuam no processo de Hipocorização ora em foco:

(39)

<(ê.du).(ár.do)>	ONS	*COMP	NÃO-CODA
a) <(e.dú)>	*!		
b) <du.(ár.do)>	*		*
c) <(dú.du).(ár.do)>	*		*
d) <(du.dú)>			
e) <(dú)>			

Como se pode notar, o candidato (a)¹⁷ é eliminado da disputa por não preencher a posição de ataque, mas, em contrapartida, ele não infringe os outros restritores de marcação. Os candidatos (b) e (c), embora já eliminados (ver 36), violam ONSET, já que não preenchem essa posição, e NÃO-CODA, pois ambos os candidatos travam a sílaba com uma vibrante.

Diferentemente do que ocorre em (38) e (39), em (40), a seguir, nenhum candidato infringe ONSET ou NÃO-CODA, mas, em contrapartida, *COMPLEX, que proíbe complexidade nos constituintes da sílaba, é violado pelo candidato (a), que ainda não havia sido eliminado da disputa, e pelos candidatos (b) e (c), que já tinham sido

¹⁷ O candidato (a) é um *output* consagrado pelos falantes para o antropônimo ‘Eduardo’; no entanto, nesta hierarquia, ‘Edú’ não faz parte do grupo de *outputs* que podem sofrer reduplicação e, por isso, não está contemplado como forma ótima. Num próximo trabalho, procuraremos unificar as duas análises, de modo a assegurar a escolha de todas as formas possíveis para o antropônimo ‘Eduardo’.

eliminados pelas restrições de integração de categorias prosódicas, conforme ratifica o *tableau* a seguir:

(40)

<(rô).(drí.go)>	ONS	*COMP	NÃO-CODA
a) <(ro.drí)>		*	
b) <ro.(drí.go)>		*	
c) <(rô.ro).(drí.go)>		*	
d) <(ro.rô)>			
e) <(rô)>			

Nas três análises ora apresentadas, restam apenas dois candidatos após a avaliação pelos restritores de sílaba: (a) uma forma monossilábica e (b) essa forma acrescida de reduplicante. A total obediência aos restritores de sílaba faz com que seja banido qualquer candidato que não tenha o formato CV. Por sua vez, a obediência à ANÁLISE- σ e a TODO-PÉ(D) impede formas com mais de duas sílabas. Como a satisfação de IAMBO também é importante, somente candidatos do tipo CV ou CV.CV conseguem passar pelo crivo dos seis restritores até então apresentados.

Subseqüente aos restritores de marcação, a restrição que atua na hierarquia do padrão de Hipocorização ora em voga é $*i]_{p_{wd}}$. Como vimos, essa restrição fonotática repele o acento em -i final. Desse modo, dados como *‘Lucí’ para ‘Luciana’ ou *‘Fatí’ para ‘Fátima’ são eliminados da disputa, pois efetivamente não são dados ótimos para a forma subjacente proposta. Na análise aqui proposta, o descarte dessas formas provém da não-possibilidade de acentuar à direita, caso haja um -i final, exigência imposta por $*i]_{p_{wd}}$, como pode ser visto na análise de ‘Rodrigo’, em (41), a seguir:

(41)

<(rô).(drí.go)>	$*i]$
a) <(ro.drí)>	$*!$
b) <ro.(drí.go)>	
c) <(rô.ro).(drí.go)>	
d) <(ro.rô)>	
e) <(rô)>	

Conforme se vê, a forma de *output* *Rodrí, além de desrespeitar a restrição *COMPLEX, infringe também *í]_{pwd}, já que o acento recai sob –i em posição final de palavra.

Após os restritores de marcação e o restritor fonotático, pode-se acrescentar à hierarquia desse padrão de Hipocorização a restrição de alinhamento: ALINH (E) A (esq), (E) H (esq). Essa restrição postula que o pé à esquerda do antropônimo esteja posicionado à esquerda do hipocorístico e são computados, portanto, quaisquer apagamentos/inserções que houver do pé à esquerda da base em relação ao candidato a *output* ótimo.

Conforme já discutido anteriormente, os hipocorísticos constituem palavra mínima na língua e, por isso mesmo, formações com mais de um pé binário não são consideradas hipocorísticas. Desse modo, o alinhamento proposto para o fenômeno em questão, além de focalizar a margem esquerda do prenome, estabelece uma relação entre a formação de pés da forma subjacente em relação à estrutura lingüística que emerge como forma de superfície. Desse modo, o pé à esquerda do antropônimo deve estar, pois, alinhado à esquerda do hipocorístico, garantindo, assim, a estrita coincidência entre categorias prosódicas da estrutura profunda em relação à de superfície.

Para dar conta de dados como os que apresentamos a seguir, em (42),

(42)

‘Renata’ >> ‘*Rená’
‘Janete’ >> ‘*Jané’
‘Tereza’ >> ‘*Terê’
‘Natália’ >> ‘*Natá’

que apresentam estrutura silábica CV e, além disso, acento à direita da palavra prosódica, tomamos por base a proposta de constituição de um pé para casos que tenham uma única sílaba leve. Assim, 'Renata', que forma um pé trocaico (ná.ta), composto por duas moras e com proeminência à esquerda, teria em (rê) um pé degenerado. Apesar de apresentar uma única mora, tal sílaba, a fim de garantir a integração de categorias prosódicas, formaria um pé não-binário.

Dessa forma, o restritor de alinhamento postulado para o padrão de Hipocorização em questão tem como objetivo, diferentemente do que propomos para o primeiro fenômeno, estabelecer relações entre categorias prosódicas, de modo a eliminar candidatos que não reflitam a verdadeira realização dos falantes.

É importante destacar que o restritor de alinhamento, no primeiro processo analisado, tinha destaque na hierarquia; já no caso dos hipocorísticos que podem sofrer reduplicação, a atuação desse restritor tem menor importância. Nesse padrão, é mais importante simplificar a estrutura silábica do que respeitar o alinhamento exemplar entre os constituintes prosódicos do antropônimo e do hipocorístico.

No entanto, apesar de dominada, essa restrição é importante, no padrão em exame, para impedir que estruturas CV com um mínimo aproveitamento do pé à esquerda do antropônimo venham à superfície. Vejamos o efeito desse restritor no seguinte *tableau* que, para efeitos de economia e simplicidade, não apresenta as restrições mais altas da hierarquia e tampouco candidatos com mais de duas sílabas:

(43)

<(fêr).(nán.da)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN
a) <(dá)>						**!*
b) <(da.dá)>						**!*
c) <(nan.nân)>				*!*		***
d) <(fê)>						*
e) <(fe.fê)>						*

Os três primeiros candidatos infringem o restritor de alinhamento, porque não há coincidência entre os segmentos que compõem o pé à esquerda do antropônimo em relação ao hipocorístico; são, com isso, são eliminados da disputa. Desse modo, (a) e (b) são descartados nesse momento da avaliação e (c), já eliminado por NÃO-CODA, computa três infrações nesse restritor: os três segmentos do pé à esquerda não foram aproveitados.

Os candidatos (d) e (e) violam uma vez a restrição ALIN, mas a violação é decorrente do respeito a um restritor mais bem cotado – NÃO-CODA. Como os demais candidatos já haviam sido eliminados da disputa, (d) e (e) seguem no páreo.

Vejamos o *tableau* em (44), em que os candidatos ainda em competição violam o alinhamento:

(44)

<(ê.du).(ár.do)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN
a) <(e.dú)>		*!				
b) <(dô)>						**!*
c) <(do.dô)>						**!*
d) <(du.dú)>						*
e) <(dú)>						*

Como se pode observar, os candidatos (b) e (c) violam o restritor de alinhamento, pois apagam os três segmentos que compõem o pé à esquerda da representação subjacente. Os candidatos (d) e (e) infringem essa restrição, mas, como apagam apenas um segmento que forma o pé à esquerda, mantêm-se na disputa. É importante notar que o candidato (a) é o único a respeitar o alinhamento, mas, como já afirmamos anteriormente, nesse padrão de Hipocorização, um candidato que tenha estrutura silábica CV tem primazia sobre outro(s) que preserve(m) o alinhamento à esquerda. Em (45), também podemos observar a atuação do restritor de alinhamento:

(45)

/(rô).(drí.go)/	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN
a) <(ro.drí)>			*!		*	***
b) <(go.gô)>						*!*
c) <(gô)>						*!*
d) <(ro.rô)>						
e) <(rô)>						

Conforme se pode verificar em (45), o candidato (a) infringe três vezes o restritor de alinhamento, já que aproveita a seqüência fônica ‘dri’, formadora do pé à direita do antropônimo. Desse modo, não há coincidência entre o pé à esquerda do prenome e o do hipocorístico. Os candidatos (b) e (c) também infringem o restritor ALIN, pois copiam uma seqüência fônica formadora do pé à direita do *input*.

A restrição de alinhamento, como se pode notar, apesar de donimada pelas restrições de marcação, ainda assim se motra bastante importante na análise dos hipocorísticos passíveis de reduplicação. Desse modo, devido à força desses restritores silábicos e da restrição de alinhamento, é possível abrir mão de imposições sobre o formato do reduplicante e sobre sua posição na estrutura da palavra. Desse modo, restrições como RED=CV e RED=BASE, embora sejam sempre respeitadas pelos candidatos com reduplicação, não têm qualquer efeito na escolha das melhores formas porque os restritores de marcação bloqueiam qualquer competidor com complexidade silábica e a restrição de alinhamento impõe a permanência da margem esquerda, impedindo a emergência de formas que privilegiem, por exemplo, a estrutura à direita da base.

Retomando a formação da hierarquia do processo ora em voga, deve-se acrescentar uma última exigência; tal imposição é de natureza fonotática e inibe a presença do reduplicante. Os hipocorísticos que preservam a margem esquerda e podem ser reduplicados fazem parte de um padrão variável e, desse modo, é possível gerar, na hierarquia proposta para o fenômeno, *outputs* com e sem reduplicante. No entanto, a

própria fonologia do português inibe a possibilidade de se gerarem dados em que haja a contigüidade de erres-fortes em posição de *onset*. Dessa forma, qualquer dado que apresente contigüidade de erres-fortes jamais constituirá output do processo, uma vez que não há, na língua, palavras com duas vibrantes múltiplas iniciando sílabas adjacentes.

Partindo dessa evidência, uma restrição que atua no processo em questão é $*[[r_{\sigma 1} = [r_{\sigma 2}]_{P_{wd}}]$, ou seja, é proibida a contigüidade de r-forte, na posição de *onset*, numa mesma palavra prosódica.

Na análise dos dados ‘Fernanda’ e ‘Eduardo’, esse restritor não é ativo. No caso de ‘Rodrigo’, no entanto, só há um *output* ótimo. No tableau em (46), mostraremos apenas o comportamento dos candidatos (d) e (e), que ainda se mantêm na disputa, em relação ao restritor fonotático que proíbe contigüidade de erres-fortes:

(46)

/rô).(drí.go)/	$*[[r_1 = [r_2]_{P_{wd}}]$
d) <(ro.rô)>	*!
e) <(rô)>	

Em (46), como se pode notar a partir da eliminação do candidato (d), a restrição fonotática, apesar de não estar bem cotada no *ranking*, é de suma importância para dar conta de antropônimos iniciados por “r-forte”. No caso do prenome ‘Rodrigo’, a forma consagrada pelos falantes é ‘Rô’ e não ‘Rorô’. Essa característica da Fonologia do português pode ser explicada, segundo Bisol (2005), pelo fato de, na estrutura subjacente, o erre básico do português ser fraco, mas, em determinados contextos, através de uma regra fonológica, ele se converte em r-forte.

Essa proposta de análise para a vibrante pode ser validada com o fato de não existir nenhuma palavra em português em que haja dois erres-fortes na posição de *onset*; logo, estruturas como *Rorrô são consideradas agramaticais. Além disso, em termos derivacionais, haveria um custo muito alto para que uma palavra possuísse a estrutura /r/V + /r/V, já que a presença de dois erres-fracos desencadearia duas regras fonológicas que focalizam o mesmo tipo de estrutura. Dessa forma, não estaria licenciada a contigüidade de r-forte + r-forte; daí a não-atestabilidade de formas como *Rarrá, *Rirri e *Rerrê, respectivamente, para os antropônimos ‘Rafael’, ‘Ricardo’ e ‘Renata’.

Desse modo, em (46), a estrutura ‘Rorrô’, representada por (d), é bloqueada pela restrição que visa a analisar a presença de erres-fortes contíguos e, com isso, apenas um candidato emerge como forma ótima, no caso ‘Rô’ << ‘Rodrigo’.

Como se pode notar, a análise dos dados ‘Fernanda’, ‘Eduardo’ e ‘Rodrigo’ é organizada a partir do ranking em (47):

(47)

ANALISE- σ ; TODO-PÉ(D) >> IAMBO >> ONSET; *COMPLEX; NÃO-CODA >>

*í[>> ALINH (E) A (esq), (E) H (esq) >> *[[r σ 1 = [r σ 2]P_{wd}

Conforme já dito anteriormente, as restrições que regulam o tamanho da palavra prosódica são as mais bem cotadas na hierarquia do processo de Hipocorização, haja vista a necessidade de formação de uma palavra mínima na língua, como postula Gonçalves (2004). Dessa forma, os restritores mais bem cotados no *ranking* são, pois, ANALISE- σ e TODO-PÉ(D).

A terceira restrição mais bem cotada no *ranking* desse padrão de Hipocorização é IAMBO. Esse restritor é considerado de suma importância, já que não há, no caso do padrão de Hipocorização analisado, estruturas silábicas cujo acento esteja à esquerda da palavra prosódica. Desse modo, candidatos que formem pés trocaicos são impedidos de continuar na disputa a *output* ótimo, pois esse padrão de Hipocorização, como constatado pelos testes aplicados, só recebe acento à direita da palavra prosódica.

Outras restrições bem cotadas na hierarquia são as que fazem menção à formação silábica do *output*. São elas: ONSET, *COMPLEX e NÃO-CODA. Esses restritores atuam em conjunto, visto que regulam a estrutura silábica da forma que virá a superfície. Com base nos testes, verificamos que só são permitidas estruturas do tipo CV; logo, todas as formações silábicas devem possuir a posição de ataque silábico preenchida, conforme obriga ONSET; não é permitida qualquer complexidade no nível da sílaba e, portanto, *COMPLEX é de suma importância nessa hierarquia e, além disso, sílabas devem ser abertas, ou seja, NÃO-CODA bloqueia o preenchimento da posição de coda, fazendo, assim, com que sílabas sejam sempre livres.

Após os restritores silábicos, encontramos a restrição fonotática que bloqueia o acento em *-i* final, inibindo formas como ‘Tatiana’ >> ‘Tatí’ ou ‘Luciana’ >> ‘Lucí’. Posterior a essa restrição, encontramos a de alinhamento: ALINH (E) A (esq), (E) H (esq). No processo de Hipocorização analisado em (4.2.1), o alinhamento é sempre respeitado em detrimento do uso de complexidades no nível da sílaba; no entanto, no caso do padrão (C) de Hipocorização, a otimização do tipo CV é mais importante que o respeito integral ao alinhamento, sendo esse restritor menos cotado em relação às exigências silábicas. Em contrapartida, o alinhamento, na Hipocorização, é um fator determinante na própria classificação dos tipos de hipocorísticos. Como esse padrão preserva a margem esquerda da base, a restrição ALINH é fundamental na seleção do

candidato ótimo, impedindo, assim, a emergência de formas que respeitem a formação silábica CV, mas não façam mínimo aproveitamento do pé à esquerda da palavra-matriz.

Por fim, a restrição $*[[r\sigma_1 = [r\sigma_2]_{Pwd}]$, que é ainda mais específica, pois se dirige a apenas um segmento fônico, proíbe a contigüidade de erres-fortes, dado que a Fonologia do português bloqueia esse tipo de estrutura e, com isso, candidatos a *output* que reduplicem uma estrutura com ‘r-forteV’ são eliminados da disputa.

A partir das discussões feitas anteriormente acerca da hierarquia proposta para o padrão de Hipocorização do tipo (C), propõe-se, a seguir, em (48), a análise do dado ‘Bernardo’, a fim de mostrar a atuação de todos os restritores e a própria organização da hierarquia, lembrando que, por uma questão de economia, os restritores de alinhamento de categorias prosódicas serão ocultados e, com isso, não há candidatos que apresentem mais de um pé binário:

(48)

<(bêr).(nár.do)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i[ALIN	*[[r1 = [r2]Pwd
a) <(ber.nár)>				*!*		***	
b) <(bêr)>				*!			
c) <(nár.do)>	*!			*		***	
d) <(bê)> ➔						*	
e) <(be.bê)> ➔						*	

Como se pode perceber, o candidato (c) é eliminado da disputa, porque troqueou, ao contrário do que exige IAMBO. No que diz respeito aos restritores que regulam a estrutura silábica, podemos observar que todos os candidatos passam ilesos por ONSET e *COMPLEX, mas, em contrapartida, os candidatos (a), (b) e (c) infringem NÃO-CODA, pois (a) apresenta duas sílabas travadas e, portanto, recebe duas infrações; (b), que ainda não havia violado nenhum restritor, é sumariamente

eliminado da disputa – apresenta uma sílaba com rima ramificada; e, por fim, (c), que já havia sido eliminado, também recebe uma violação, já que a posição de coda, na sílaba ‘nar’, é preenchida.

Seguindo a análise, não há infração ao restritor $*i]_{\text{pwd}}$. Em ALIN, os candidatos já eliminados (a) e (c) violam essa restrição, dado que apagam ou inserem três segmentos que não correspondem ao pé localizado à esquerda do antropônimo e, com isso, se perde a coincidência entre o pé do hipocorístico e a mesma estrutura à esquerda do antropônimo. Os candidatos (d) e (e) violam uma vez o restritor de alinhamento, pois apagam um segmento fônico que compõe o pé à esquerda do antropônimo. Contudo, como os demais candidatos já haviam violado restritores mais bem cotados na hierarquia, saem vencedores (d) e (e).

Como se pode notar, a hierarquia proposta para a análise do padrão (C) de Hipocorização é satisfatória para dar conta do processo e, além disso, é capaz de trazer à tona um caso variável de Hipocorização, fazendo emergir, então, até dois candidatos ótimos para uma mesma estrutura subjacente. Sendo assim, a OT mostra-se pertinente para lidar com casos variáveis de processos de formação de palavras, já que, através do conceito de violabilidade, mais de uma forma de *output* pode vir à superfície. Portanto, a OT licencia que mais de uma forma se manifeste na língua. Questões como frequência de uso na alternância entre formas simples e formas reduplicadas serão discutidas a seguir.

5. TENDÊNCIAS GERAIS DE USO DOS HIPOCORÍSTICOS

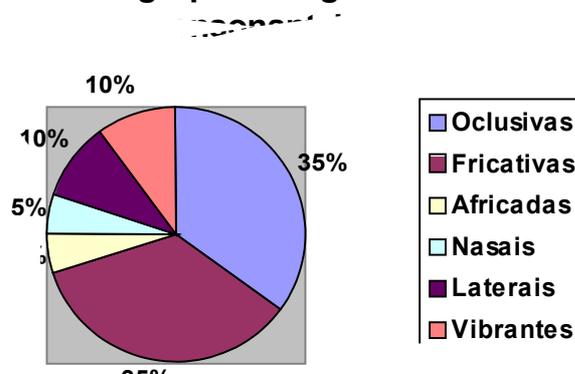
A Hipocorização, processo de formação de palavras, marcado pelo seu emprego em contextos afetivos, apresenta alguns aspectos interessantes no que concerne ao padrão que pode ou não ser passível de reduplicação.

Os hipocorísticos do tipo (C) (GONÇALVES, 2004), apesar de variáveis, admitem algumas tendências gerais que propiciam ou inibem o uso de formas reduplicadas, como em ‘Luciana’ >> ‘Lulú’ ou, simplesmente, ‘Lú’. Neste capítulo, propomos uma descrição bastante geral do que observamos acerca dessas tendências de uso no que se refere aos hipocorísticos que podem ser reduplicados.

Em primeiro lugar, é importante descrever o *corpus* que constitui objeto de estudo nesta análise. No que se refere a esse padrão de hipocorísticos, testamos quarenta dados¹⁸ passíveis de reduplicação e estes, por sua vez, são compostos por consoantes oclusivas, fricativas, africadas, laterais, nasais e vibrantes, conforme o gráfico, em (01), a seguir:

(01)

Quantidade de dados relativos a cada grupo de segmentos



¹⁸ No Anexo IX, apresentamos uma tabela que mostra a distribuição dos dados de acordo com grupos consonantais e vocálicos.

Como se pode notar, a maioria dos dados que compõem o *corpus* é formada por consoantes oclusivas e fricativas. Há um número limitado de dados referentes às africadas e nasais e, também, às laterais e vibrantes. No entanto, neste capítulo, procuraremos adotar uma postura generalizante e, portanto, não detalharemos casos específicos.

Como pudemos observar, consoantes oclusivas apresentam condicionamento quanto ao uso de formas reduplicadas ou simples no que concerne, sobretudo, ao vozeamento. Para todos os dados encontrados, consoantes oclusivas favorecem o uso da forma reduplicada, ou seja, em dados, como, por exemplo, ‘Tatiana’ e ‘Gustavo’, as formas ‘Tatá’ e ‘Gugú’ são consideradas melhores do que as formas simples ‘Tá’ e ‘Gú’, ainda que sejam formas consagradas e possíveis, segundo os informantes dos testes aplicados. No que diz respeito às consoantes oclusivas vozeadas, a maioria das respostas mostra certa preferência pelo uso de estruturas simples, como em ‘Bernardo’ >> ‘Bê’ e ‘Denise’ >> ‘Dê’. Dessa forma, quanto às oclusivas, é possível perceber que o traço [vozeado] é determinante para que os falantes privilegiem o uso de formas simples ou reduplicadas.

Sobre as consoantes fricativas, ainda que haja uma distribuição mais uniforme se comparadas às oclusivas, a maioria dos segmentos fricativos desvozeados também favorece a forma reduplicada, enquanto os vozeados favorecem a forma simples. No entanto, de um modo geral, as consoantes fricativas favorecem a forma simples, em detrimento da reduplicada, diferentemente do que ocorre com as oclusivas que, majoritariamente, inibem a forma simples.

Foram encontrados apenas dois dados referentes a consoantes africadas e, em ambos, a preferência dos falantes é pelo uso de formas simples: ‘Diego’ >> ‘Dí’ e ‘Tiago’ >> ‘Tí’.

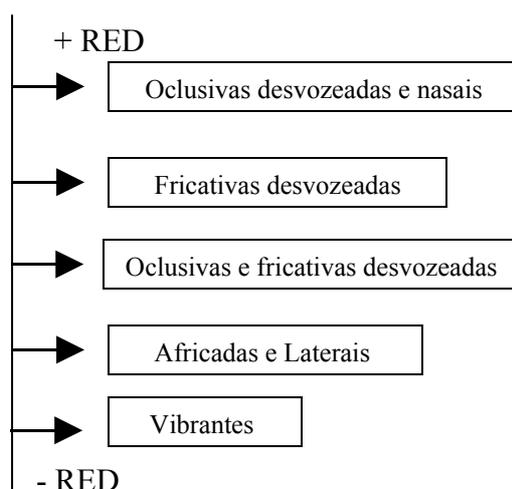
Sobre as consoantes nasais, é correto afirmar que esses segmentos favorecem a forma reduplicada, uma vez que, em todos os dados, a preferência dos falantes é pelo uso de formas como ‘Naná’ para ‘Natália’ e ‘Memé’ para ‘Américo’.

As laterais e vibrantes têm comportamento equivalente, no sentido de que ambas inibem a forma reduplicada em favor da simples. Inclusive, é importante frisar que as vibrantes inviabilizam a forma reduplicada, o que, conforme discutido anteriormente, traz à tona um aspecto fonológico do português, dado que, na língua, não há casos de contigüidade de erres-fortes.

Sendo assim, conforme comentamos nos parágrafos anteriores, no que se refere às características das consoantes, é correto afirmar que (a) consoantes oclusivas desvozeadas favorecem a forma reduplicada em todos os contextos até então analisados; (b) oclusivas vozeadas podem condicionar tanto formas simples como reduplicadas, mas, predominantemente, a forma simples é considerada melhor entre os falantes; (c) fricativas são mais flexíveis quanto ao uso de formas simples ou reduplicadas, mas, ainda assim, mantêm a mesma característica das consoantes oclusivas, ao passo que as desvozeadas favorecem a forma reduplicada e as vozeadas, a forma simples; (d) africadas inibem o uso do reduplicante, ainda que, segundo os testes aplicados, seja possível usar a forma com reduplicação, a maioria esmagadora dos informantes prefere o uso da estrutura simples; (e) as consoantes nasais propiciam a reduplicação, enquanto (f) laterais e vibrantes repelem o reduplicante e são encontradas bem mais em estruturas simples.

Verifiquemos as proposições anteriores sobre a frequência de uso de formas simples e reduplicadas, segundo o esquema em (02), a seguir:

(02)



Como se pode perceber, apesar de ser um padrão variável de Hipocorização, existe, por parte dos falantes, certa preferência pelo uso de formas com ou sem reduplicante. Ainda que se possam extrair generalizações no que concerne ao uso dessas formas lingüísticas, não propomos, nesta Dissertação, especificar segmentos determinados para o uso de formas simples ou reduplicadas, porque não foram testados e, em alguns casos, nem encontrados dados que pudessem garantir um nível maior de detalhamento no que se refere às tendências de uso de hipocorísticos com ou sem reduplicação e, por esse motivo, apresentamos, de modo bastante geral, o que foi observado até o momento, lembrando que, conforme será discutido mais adiante, pretendemos desbobrar as análises e aprofundar questões relativas ao uso dessas estruturas.

É interessante destacar que as vogais também podem favorecer ou não o uso do reduplicante. Com base nos teste aplicados, a vogal que evidencia maior uso de reduplicante é –a, considerando, inclusive, que todos os dados com essa vogal previligiam o acréscimo de reduplicante. As demais vogais, de uma forma geral, aparecem construções simples, exceto a vogal média aberta (é), pois o único dado

registrado, ‘Américo’, admite como melhor forma ‘Memé’ e, por esse motivo, pode-se dizer que esse segmento vocálico também propicia casos de reduplicação. Dessa forma, numa escala gradativa, a vogal –a é aquela que, de fato, confere maior chance de acréscimo de reduplicante, enquanto as demais privilegiam estruturas simples.

Um ponto interessante a ser tratado diz respeito à expressividade relativa ao uso de hipocorísticos com e sem reduplicante. O que percebemos de mais significativo durante o processo de coleta e verificação dos dados é que formas sem reduplicante mostram-se mais afetivas, caracterizando um nível de intimidade maior entre os actantes em processo de interação e, na verdade, esse fato pode ser ratificado, inclusive, por uma questão fonológica. De um modo geral, caracteriza-se a formação de um pé a partir da presença de duas moras (unidade de peso silábico). Uma estrutura como ‘Fê’ para ‘Fernanda’, teoricamente, poderia não caracterizar a formação de um pé. No entanto, o que faz com que ‘Fê’ seja efetivamente um pé no português?

A resposta para esta pergunta está no alongamento da vogal final e a veracidade dessa afirmação está no uso de vocativos que, por excelência, são formações que pressopõem alongamentos vocálicos. Dessa forma, estruturas lingüísticas simples, como ‘Fê’, enquadram-se na própria estrutura fonológica da língua, garantindo que a Hipocorização seja, de fato, um processo legítimo de formação de palavras do Português.

Dessa forma, como podemos perceber, os hipocorísticos passíveis de reduplicação admitem usos específicos a depender da natureza da consoante e da vogal que os formam, ainda que sejam, efetivamente, um caso variável.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises propostas no capítulo (4), é possível notar que, em primeiro lugar, a Hipocorização, conforme argumenta Gonçalves (2004), de fato é um processo não-concatenativo de formação de palavras que gera estruturas morfológicas mínimas na língua. Por esse motivo, a partir da Teoria da Otimalidade, verifica-se que as restrições mais cotadas nas hierarquias que dão conta dos padrões analisados nesta Dissertação são as que regulam o tamanho da palavra prosódica.

No que concerne especificamente à Teoria da Otimalidade, é importante destacar que esse arbabouço teórico mostra-se pertinente, sobretudo, para a análise de processos de interface Fonologia-Morfologia, como é o caso da Hipocorização, principalmente, por ser uma teoria pautada nos conceitos de violabilidade e conflito de restrições. Através desses dois pontos relevantes acerca da OT, estruturas consideradas pouco comuns ou agramaticais em uma determinada língua ainda sim podem emergir como *outputs* ótimos em outra.

Vale ressaltar, ainda, que, diferentemente do que afirma a Gramática Tradicional, processos que não se formam com base no encadeamento são produtivos na língua e, além disso, obedecem a padrões gerais de formação e, portanto, devem ser analisados e apresentados como estruturas morfológicas reais da Língua Portuguesa.

Outro ponto fundamental enfatizado nesta Dissertação diz respeito ao fato de a Hipocorização, como processo morfofonológico, trazer à tona características gerais da própria fonologia do português, como pode ser verificado na não possibilidade de haver contiguidade de “erres-fortes” numa mesma palavra prosódica.

Por fim, é importante ratificar que, conforme observado durante a análise dos processos de Hipocorização, os padrões (B) e (C) (GONÇALVES, 2004), em muitos

momentos, se cruzam e se caracterizam a partir de aspectos comuns, como, sobretudo, a preservação da parte esquerda da palavra-base. Por esse motivo, pretendemos, futuramente, desenvolver um trabalho em que sejam analisados os padrões de Hipocorização em questão a partir de uma única hierarquia de prioridades, segundo a OT. Esperamos, no entanto, ter conseguido mostrar, a partir desta análise sobre a Hipocorização, como a língua resolve os conflitos entre demandas variadas, que são violadas apenas para garantir satisfação a outra(s).

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BENUA, Laura. Identify effects in morphological truncation. In: BECKMAN, J. (ed.). *Papers in Optimality Theory*, Massachusetts, 18 (1): 77-136, 1995.

BENUA, Laura. *Transderivational identity: phonological relations between words*. Ph.D. Dissertation. Amherst, MA: University of Massachusetts at Amherst, 1997.

BISOL, Leda. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BOU DLAL, Abdelaziz. *Constraint Interaction in the phonology and morphology of casablanca moroccan arabic*. D.E.S. Thesis. Faculté des Lettres, Rabat, 1999.

BURZIO, Luigi. Surface constraints versus underlying representation. In Durand, Jacques & Laks, Bernard (orgs.). *Current Trends in Phonology: Models and Methods*. Manchester, England: European Studies Research Institute, University of Salford, p. 123-42, 1996.

BORBA, Francisco da Silva. *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna*. São Paulo: C.E.Nacional, 1971.

BRITO, Cristina. *Hipocorístico: um identificador ou apenas um tratamento carinhoso?*, 2003. Disponível em: www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno06-09.html (Acesso em 01 de agosto de 2008).

CÂMARA Jr., Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática*. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1968.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: Linguagens*. São Paulo: Atual, 2005.

_____, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Gramática: texto, reflexão e uso*. Rio de Janeiro: Atual Editora, 2006.

COLLISCHON, Gisela. *A sílaba em português*. In.: *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. BISOL, Leda (Org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

_____, Gisela; SCHWINDT, Luiz Carlos. *Teoria da otimalidade em fonologia: discutindo conceitos*. Teoria Lingüística: Fonologia e Outros Temas. João Pessoa: Ed Universitária, 2003. p. 17-49.

CUNHA, C.F. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Condições de minimalidade no molde da Hipocorização. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 10-32, 2004.

_____, Carlos Alexandre. *Restrições de identidade em modelos paralelistas: morfologia e fonologia*. DELTA, Campinas, v. 25, n. 2, p. 70-112, 2005.

_____, Carlos Alexandre. *Retrospectiva dos estudos em Morfologia Prosódica: das circunscrições e regras à abordagem por ranking de restrições*. 2008.

HAYES, B. *A Metrical Theory of stress rules*. Tese de Doutorado. Cambridge, Mass.: Mrr, 1980.

KAGER, René. *Optimality Theory*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1999.

KIPARSKY, Paul. *Lexical Phonology & Morphology*. Iceland: Scancinavian Summer School in Generative Phonology, 1997.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes; EDUFJF, 1994.

LIMA, Bruno Cavalcanti. Processos não-concatenativos do português: hipocorização de antropônimos compostos. In: VIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2004, Rio de Janeiro. Questões de Morfossintaxe. Rio de Janeiro : CiFeFil, 2004. v. VIII, n. 14, p. 177-185.

_____. Hipocorização com reduplicação: um enfoque otimalista para o padrão de cópia dos segmentos à direita. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Edição especial n. 1, 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

_____. A formação de ‘Malú’ e ‘Dedé’: uma análise otimalista de dois padrões de Hipocorização. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Letras, 2008.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Olympio, 2003.

McCARTHY, John & PRINCE, Alan. Faithfulness and reduplicative identity. In: Beckman, Jill et alii (orgs.). *University of Massachusetts Occasional Papers in Linguistics*. Amherst, MA: GLSA publications, p. 333-79, 1995.

MONTEIRO, José Lemos. Processos de formação dos hipocorísticos. *Revista da Academia Cearense da Língua Portuguesa*. Fortaleza, 4:79-110, 1983.

_____, J. L. *Morfologia portuguesa*. Campinas: Pontes, 1987.

_____, José Lemos. Disponível em: www.geocities.com/Paris/cathedral/1036. (Acesso em 01 de agosto de 2008), 1999.

PIÑEROS, C. E. *Word-blending as a case of non-concatenative morphology in spanish*. Rutgers: Rutgers University, 2000.

PRINCE, Alan & SMOLENSKY, Paul. *Connectionism and harmony theory in linguistics*. Boulder: University of Colorado, 1991.

PRINCE, Alan & SMOLENSKY, Paul. *Optimality Theory: constraints and interaction in Generative Grammar*. Boulder: University of Colorado/Rutgers University, 1993.

SANDMANN, A. J. *A Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor / Ícone Editora, 1989.

SILVA, Hayla Thami da. *Hipocorização no Português – o padrão de cópia dos segmentos à esquerda*, 2004. Questões de morfossintaxe – Vol. VIII, nº.: 14 (VIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia/I Congresso Internacional de Linguística e Filologia): Cifefil (Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos), 2004.

_____. *O tratamento Otimalista de um padrão variável de Hipocorização: a cópia dos segmentos à esquerda*, 2006. Disponível em: www.filologia.org.br/cluerj%Dsg/anais/ii/mesa11.htm (Acesso em 01 de agosto de 2008).

SPENCER, A. *Morphological theory*. Cambridge: Brasil Blackwell, 1991.

WIKIPÉDIA. *Enciclopédia eletrônica*. Disponível em: pt.wikipedia.org/wiki (Acesso em 01 de agosto de 2008).

ZANOTTO, N. *Estruturas mórnicas do português*. Caxias do Sul: EDUCRS, 1989.

8. ANEXOS

8.1. Anexo I

DADOS FENÔMENO 01

1. ‘Filomena’ – ‘Filó’

<(fĩ.lo).(mê.na)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(mê.na)>	*!***				****			
b) <(lo.lô)>	*!*				*****			*
c) <(fĩ)>					*****!*		*	
d) <(fĩ.fĩ)>					*****!*		*	
e) <(fĩ.ló)> ➡					****	*		*

2. ‘Alessandra’ – ‘Alê’

<(á.le).(sân.dra)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(sá)>	*!***				*****	*		
b) <(lê.sa)>	*!				*****			*
c) <(lê)>	*!				*****			*
d) <(á.le)>		*			*****	*!		
e) <(a.lê)> ➡		*			*****			*

3. ‘Manuela’ – ‘Manú’

<(má.nu).(é.la)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(nú.e)>	*!*	*			****			*
b) <(mán)>					***!*			
c) <(lá)>	*!****				*****			*
d) <(é.la)>	*!****	*			****			
e) <(ma.nú)> ➡					***			*

4. ‘Beatriz’ – ‘Bía’

<(bê.a).(triz)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) [(triz)]	*!***		*		***			
b) [(trí)]	*!***		*		****		*	
c) [(bí)]					*****!*	*	*	
d) [(a.tríz)]	*!*	*	*		**			
e) [(bía)] ➡					****	*		

5. ‘Leonardo’ – ‘Léo’

<(lê.o).(nár.do)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(lê)>					*****!*			
b) <(nár.do)>	*!***				***			
c) <(le.lê)>					*****!*			
d) <(dô)>	*!*****				*****			*
e) <(lê[w])> ➡					*****	*		

<(pá).(trí.c[y]a)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(pa.trí)>			*!		***		*	
b) <(trí.c[y]a)>	*!*		**		**			
c) <(pá.trí)>			*!		***			
d) <(pa.tí)>					*****		*!	
e) <(pá.ti)> ➡					*****			*

<(cá.ro).(lí.na)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(lí.na)>	*!***				****			
b) <(lí)>	*!***				*****		*	
c) <(na.ná)>	*!*****				*****			*
d) <(ró[w])>	*!*				*****	*		*
e) <(ca.ró[w])> ➡					***	*		*

6. ‘Patrícia’ – ‘Páti’

7. ‘Carolina’ – ‘Caról’

8. ‘Mariana’ – ‘Mári’

<(má.ri).(â.na)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(na.ná)>	*!****				****			*
b) <(rí.na)>	*!*				***			*
c) <(rí)>	*!*				****		*	*
d) <(ma.rí)>					***		*!	*
e) <(má.ri)> ➡					***			

9. ‘Cristina’ – ‘Crís’

<(crís).(tí.na)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(tí.na)>	*!***				****			
b) <(crí)>			*		*****!		*	
c) <(tí)>	*!*****				**		*	
d) <(ná)>	*!*****				*****			*
e) <(crís)> ➡			*		****		*	*

10. ‘Rafael’ – ‘Ráfa’

<(rá).(fá.él)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(fa.él)>	*!*	*			**			
b) <(rá)>					***!*			*
c) <(fá)>	*!*				****			
d) <(ra.fá)>					**			*!
e) <(rá.fá)> ➡					**			

11. ‘Tatiana’ – ‘Táti’

<(tá.ti).(â.na)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(ná)>	*!****				****			*
b) <(ta.tí)>					***		*!	*
c) <(tát)>				*!	****			
d) <(tá)>					****!*			
e) <(tá.ti)> ➡					***			

12. ‘Daniele’ – ‘Dâni’

<(dâ.ni).(é.le)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(é.le)>	*!***	*			****			
b) <(dâ)>					****!*			
c) <(ní.le)>	*!*				***			*
d) <(da.ní)>					***		*!	*
e) <(dâ.ni)> ➡					***			

13. ‘Adelaide’ – ‘Adê’

<(á.de).(lá[y].de)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(lâ[y].de)>	*!***				***			
b) <(de.lá[y])>	*!				***			
c) <(de.dê)>	*!				*****			*
d) <(á.de)>		*			*****	*!		
e) <(a.dê)> ➡		*			*****			*

14. ‘Cleonice’ – ‘Cléo’

<(clê.o).(ní.ce)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(ní.ce)>	*!***				****			
b) <(cle.clê)>			*!*		*****			
c) <(clê)>			*		****!*			
d) <(ní.cê)>	*!***				****	*		*
e) <(clé[w])> ➡			*		****	*		

15. ‘Rosilene’ – ‘Rôse’

<(rô.si).(lê.ne)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(rô)>					*****!*			
b) <(lê.ne)>	*!***				****			
c) <(rôs)>					*****!			
d) <(si.lê)>	*!*				****			
e) <(rô.si)> ➡					****			

16. ‘Itamar’ – ‘Íta’

<(í.ta).(mar)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(í.ti)>		*			***!*			
b) <(ta.tá)>	*!				****			*
c) <(tá)>	*!				****			*
d) <(í.tá)>		*			***			*!
e) <(í.ta)> ➡		*			***			

17. ‘Juraci’ – ‘Júra’

<(jú).(ra.cí)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(cí)>	*!***				****		*	

b) <(ju.jú)>					***!*			
c) <(ra.cí)>	*!*				**		*	
d) <(jú)>					***!*			
e) <(jú.ra)>					**			

18. ‘Valquíria’ – ‘Vál’

<(vál).(quí.r[y]a)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(quí)>	*!***				*****		*	
b) <(quí.r[y]a)>	*!***		*		***			
c) <(va[w].vá[w])>					*****	*!*		
d) <(va.vá)>					*****!*			
e) <(vá[w])>					*****	*		

19. ‘Priscila’ – ‘Prí’

<(prís).(cí.la)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(la.lá)>	*!*****				*****			*
b) <(cí.la)>	*!***				*****			
c) <(cí)>	*!***		*		*****		*	
d) <(cí.cí)>	*!***				*****		*	
e) <(prí)>			*		*****		*	*

20. ‘Heloísa’ – ‘Helô’

<(ê.lo).(í.sa)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(é[w])>		*			****!	*		
b) <(lo.lô)>	*!				****			*
c) <(í.sa)>	*!***	*			***			
d) <(ê.lu)>		*			***	*!		
e) <(e.lô)>		*			***			*

21. ‘Eduardo’ – ‘Edú’

<(ê.du).(ár.do)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(dú)>	*!				*****			*
b) <(ár.do)>	*!***	*			***			
c) <(du.dú)>	*!				*****			*
d) <(é.dí)>		*			*****!*	*		
e) <(e.dú)>		*			****			*

22. ‘Francine’ – ‘Fran’

<(frân).(cí.ne)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(frá)>			*		*****!*	*		

b) <(ne.nê)>	*!*****		*		*****	*		*
c) <(cí.ni)>	*!***				*****	*		
d) <(ci.cí)>	*!***				*****		*	
e) <(frân)> ➡			*		****			

23. ‘Godofredo’ – ‘Godô’

<(gô.do).(frê.do)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(gô)>					*****!*			
b) <(gô.du)>					*****	*!		
c) <(frê.do)>	*!***		*		****			
d) <(frê.di)>	*!***		*		*****	*		
e) <(go.dô)> ➡					*****			*

24. ‘Jeferson’ – ‘Jéfi’

<(jé.fer).(sôn)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(jé)>					*****!*			
b) <(je.fí)>					*****	*	*!	*
c) <(fêr)>	*!*				*****			*
d) <(je.jé)>					*****!*			
e) <(jé.fí)> ➡					*****	*		

25. ‘Adriana’ – ‘Drí’

<(á.dri).(â.na)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(ná)>	*!****				*****			*
b) <(â.na)>	*!***	*			****			
c) <(drí.a)>	*!	*	*		***	*		*
d) <(na.ná)>	*!****				*****			*
e) <(drí)> ➡	*		*		****		*	*

26. ‘Edvaldo’ – ‘Édi’

<(ê.d[i]).(vá[w].do)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(éd)>		*		*!	*****			
b) <(vá[w])>	*!*				****			
c) <(e.dí)>		*			*****	*	*!	*
d) <(vá[w].do)>	*!*				**			
e) <(é.di)> ➡		*			*****	*		

27. ‘Josiane’ – ‘Jôsi’

<(jô.si).(â.ne)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(jô)>					*****!*			
b) <(â.ne)>	*!***	*			****			

c) <(sí)>	*!*				*****		*	*
d) <(jo.sí)>					***		*!	*
e) <(jô.si)> ➡					***			

28. ‘Magnólia’ – ‘Mágui’

<(mág).(nó.l[y]a)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(lí.a)>	*!****	*			*****	*		*
b) <(nó.l[y]a)>	*!***		*		***			
c) <(mág)>				*!	*****			
d) <(ma.guí)>					*****		*!	*
e) <(má.guí)> ➡					*****			

29. ‘Guilherme’ – ‘Guí’

<(guí).(lhér.me)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(mê)>	*!****				*****			*
b) <(lhér.me)>	*!*				**			
c) <(lhér)>	*!***				***			
d) <(me.mê)>	*!****				*****			*
e) <(guí)> ➡					*****		*	

30. ‘Natália’ – ‘Náti’

<(ná).(tá.l[y]a)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(lí.a)>	*!***	*			****			*
b) <(nát)>				*!	****			
c) <(na.ná)>					*****!			
d) <(tá.l[y]a)>	*!*		*		**			
e) <(ná.ti)> ➡					****			

31. ‘Janaína’ – ‘Jâna’

<(jâ.na).(í.na)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*i]	FID-AC
a) <(ja.ná)>					***			*!
b) <(í.na)>	*!***	*			*****			
c) <(na.ná)>	*!*				*****			*
d) <(na.í)>	*!*	*			****		*	
e) <(jâ.na)> ➡					***			

32. 'Jaqueline' – 'Jáque'

<(já.que).(lí.ne)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*í]	FID-AC
a) <(já)>					*****!*			
b) <(lí.ne)>	*!***				****			
c) <(lí)>	*!***				*****		*	
d) <(ja.quí)>					****	*	*!	*
e) <(já.qui)> ➡					****	*		

33. 'Vladimir' – 'Vládi'

<(vlá.di).(mír)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*í]	FID-AC
a) <(vlá)>			*		*****!*			
b) <(di.mír)>	*!***				***			
c) <(vla.dí)>			*		***		*!	*
d) <(vlád)>			*	*!	****			
e) <(vlá.di)> ➡			*		***			

35. 'Bianca' - 'Bía'

DADOS FENÔMENO 02

1. 'Fernanda' – 'Fefê' ou 'Fê'

<(bí).(ân.ca)>	ALIN	ONS	*COMP	CODA-COND	MAX	IDENT	*í]	FID-AC
a) <(bí)>					*****!		*	*
b) <(ân.ca)>	*!*	*			**			
c) <(cá)>	*!***				****			*
d) <(bi.á)>		*!			****	*		
e) <(bía)> ➡					***	*		*

<(fêr).(nán.da)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pwd
a) <(nán.da)>	*!			*		***	
b) <(fêr)>				*!			
c) <(fêr.na)>	*!			*		**	
d) <(fê)> ➡						*	
e) <(fe.fê)> ➡						*	

2. ‘Eduardo’ – ‘Dudú’ ou ‘Dú’

<(ê.du).(ár.do)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pwd
a) <(e.dú)>		*!					
b) <(ár.do)>	*!	*		*		***	
c) <(dô)>						**!*	
d) <(dú)> ➡						*	
e) <(du.dú)> ➡						*	

3. ‘Renata’ – ‘Rê’

<(rê).(ná.ta)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pwd
a) <(ná.ta)>	*!					**	
b) <(re.ná)>						*!*	
c) <(rê.na)>	*!					**	
d) <(re.rê)>							*!
e) <(rê)> ➡							

4. ‘Jamile’ – ‘Jajá’ ou ‘Já’

<(já).(mí.le)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pwd
a) <(mí.le)>	*!					**	
b) <(já.mi)>	*!					**	
c) <(ja.mí)>					*!	**	
d) <(já)> ➡							
e) <(ja.já)> ➡							

5. ‘Fátima’ – ‘Fafá’ ou ‘Fá’

<(fá).(tí.ma)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pw
a) <(fa.tí)>					*!	**	
b) <(fá.ti)>	*!					**	
c) <(tí.ma)>	*!					**	
d) <(fá)> ➡							
e) <(fa.fá)> ➡							

6. ‘Tatiana’ – ‘Tatá’ ou ‘Tá’

<(tá.ti).(â.na)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pw
a) <(tá.ti)>	*!						
b) <(tát)>	*!			*		*	
c) <(ta.tí)>					*!		
d) <(tá)> ➡						**	
e) <(ta.tá)> ➡						**	

7. ‘Luciana’ – ‘Lulú’ ou ‘Lú’

<(lú.ci).(â.na)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pw
a) <(lú.ci)>	*!						
b) <(lu.ci)>					*!		
c) <(â.na)>	*!	*				****	
d) <(lú)> ➡						**	
e) <(lu.lú)> ➡						**	

8. ‘Domingos’ – ‘Dodó’ ou ‘Dó’

<(dô).(mín.gos)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pw
a) <(dô.mi)>	*!					**	
b) <(mín.gos)>	*!			**		**	
c) <(do.mí)>					*!	**	
d) <(dô)> ➡							
e) <(do.dô)> ➡							

9. ‘Bernardo’ – ‘Bebê’ ou ‘Bê’

<(bêr).(nár.do)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pw
a) <(ber.nár)>				*!*		***	
b) <(bêr)>				*!			
c) <(nár.do)>	*!			*		***	
d) <(bê)> ➡						*	

e) <(be.bê)> ➡						*	
----------------	--	--	--	--	--	---	--

10. ‘Zulmira’ – ‘Zuzú’ ou ‘Zú’

<(zúl).(mí.ra)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pwd
a) <(mí.ra)>	*!					***	
b) <(zúl)>				*!			
c) <(zul.mí)>				*!	*	**	
d) <(zú)> ➡						*	
e) <(zu.zú)> ➡						*	

1. ‘Juliana’ – ‘Jujú’ ou ‘Jú’

<(jú.li).(â.na)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pwd
a) <(jú.li)>	*!						
b) <(ju.lí)>					*!		
c) <(â.na)>	*!	*				****	
d) <(jú)> ➡						**	
e) <(ju.jú)> ➡						**	

2. ‘Liane’ – ‘Lilí’ ou ‘Lí’

<(lí).(â.ne)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pwd
a) <(â.ne)>	*!	*				**	
b) <(lí.a)>				*!		*	
c) <(lí.á)>		*!				*	
d) <(lí)> ➡					*		
e) <(lí.lí)> ➡					*		

3. ‘Celina’ – ‘Cecê’ ou ‘Cê’

<(cê).(lí.na)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pwd
a) <(lí.na)>	*!					**	
b) <(cê.lí)>	*!					**	
c) <(ce.lí)>					*!	**	
d) <(cê)> ➡							
e) <(ce.cê)> ➡							

4. ‘Bianca’ – ‘Bibí’ ou ‘Bí’

<(bí).(ân.ca)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pw
a) <(bí.a)>	*!	*				*	
b) <(bi.ân)>		*!		*		**	
c) <(ân.ca)>	*!	*		*		**	
d) <(bí)>					*		
e) <(bi.bí)>					*		

15. ‘Gustavo’ – ‘Gugú’ ou ‘Gú’

<(gús).(tá.vo)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pw
a) <(gus.tá)>				*!		**	
b) <(gús)>				*!			
c) <(tá.vo)>	*!					***	
d) <(gú)>						*	
e) <(gu.gú)>						*	

16. ‘Tereza’ – ‘Tetê’ ou ‘Tê’

<(tê).(rê.za)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pw
a) <(rê)>						*!*	
b) <(rê.za)>	*!					**	
c) <(te.rê)>						*!*	
d) <(tê)>							
e) <(te.tê)>							

17. ‘Sabrina’ – ‘Sasá’ ou ‘Sá’

<(sá).(brí.na)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pw
a) <(brí.na)>	*!		*			**	
b) <(sa.brí)>			*!		*	***	
c) <(bri.brí)>			*!*		*	**	
d) <(sá)>							
e) <(sa.sá)>							

1. ‘Denílson’ – ‘Dedê’ ou ‘Dê’

<(dê).(níl.son)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pw
a) <(de.níl)>				*!		***	
b) <(níl.son)>	*!			**		**	

c) <(de.ní)>					*!	**	
d) <(dê)> ➡							
e) <(de.dê)> ➡							

2. ‘Janete’ – ‘Jajá’ ou ‘Já’

<(já).(né.te)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]PwD
a) <(jâ.ne)>	*!					**	
b) <(né.te)>	*!					**	
c) <(ja.né)>						*!*	
d) <(já)> ➡							
e) <(ja.já)> ➡							

3. ‘Leandro’ – ‘Lelê’ ou ‘Lê’

<(lê).(ân.dro)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]PwD
a) <(le.ân)>		*!		*		**	
b) <(drô)>			*!			**	
c) <(ân.dro)>	*!	*	*	*		**	
d) <(lê)> ➡							
e) <(le.lê)> ➡							

4. ‘Abigail’ – ‘Bibí’ ou ‘Bí’

<(a.bí).(ga.íl)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]PwD
a) <(bí.ga)>	*!					***	
b) <(a.bí)>		*!			*		
c) <(ga.íl)>		*!		*		***	
d) <(bí)> ➡					*	*	
e) <(bi.bí)> ➡					*	*	

5. ‘Talita’ – ‘Tatá’ ou ‘Tá’

<(tá).(lí.ta)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]PwD
a) <(ta.lí)>					*!	**	
b) <(lí.ta)>	*!					**	
c) <(tá.li)>	*!					**	
d) <(tá)> ➡							
e) <(ta.tá)> ➡							

6. ‘Virgínia’ – ‘Viví’ ou ‘VÍ’

<(vír).(gí.n[y]a)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]PwD
a) <(vír)>				*!			
b) <(vir.gí)>				*!		**	
c) <(gí)>					*	**!*	
d) <(ví)> ➡					*	*	

e) <(vi.vi)> ➡					*	*	
----------------	--	--	--	--	---	---	--

7. ‘Américo’ – ‘Memé’ ou ‘Mé’

<(a.mé).(rí.co)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]PwD
a) <(mé.ri)>	*!					***	
b) <(a.mé)>		*!					
c) <(rí.co)>	*!					***	
d) <(mé)> ➡						*	
e) <(me.mé)> ➡						*	

8. ‘Itamar’ – ‘Tatá’ ou ‘Tá’

<(cá).(rí.na)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]PwD
a) <(rí.na)>	*!					**	
b) <(ná)>						*!*	
c) <(ca.rí)>					*!	**	
d) <(cá)> ➡							
e) <(ca.cá)> ➡							

<(í.ta).(már)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]PwD
a) <(í.ta)>	*!	*					
b) <(í.tá)>		*!					
c) <(már)>				*!		***	
d) <(tá)> ➡						*	
e) <(ta.tá)> ➡						*	

26. ‘Carina’ – ‘Cacá’ ou ‘Cá’

27. ‘Denise’ – ‘Dedê’ ou ‘Dê’

<(dê).(ní.se)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]PwD
a) <(ní.se)>	*!					**	
b) <(dê.ni)>	*!					**	
c) <(de.ní)>					*!	**	
d) <(dê)> ➡							
e) <(de.dê)> ➡							

28. ‘Dominique’ – ‘Dodô’ ou ‘Dô’

<(dô.mi).(ní.que)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pw
>							
a) <(dô.mi)>	*!						
b) <(ní.que)>	*!					****	
c) <(do.mí)>					*!		
d) <(dô)> ➡						**	
e) <(do.dô)> ➡						**	

29. ‘Simone’ – ‘Sisí’ ou ‘Sí’

<(sí).(mô.ne)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pw
a) <(mô.ne)>	*!						
b) <(sí.mo)>	*!						
c) <(mo.ní)>					*	*!*	
d) <(sí)> ➡					*		
e) <(si.sí)> ➡					*		

30. ‘Sueli’ – ‘Susú’ ou ‘Sú’

<(sú).(ê.li)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pw
a) <(ê.li)>	*!	*				**	
b) <(e.lí)>		*!			*	**	
c) <(su.ê)>		*!				*	
d) <(sú)> ➡							
e) <(su.sú)> ➡							

31. ‘Shaiane’ – ‘Shashá’ ou ‘Shá’

<(shá[y]).(â.ne)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pw
a) <(shá[y])>				*!			
b) <(â.ne)>	*!	*				***	
c) <(nê)>						**!*	
d) <(shá)> ➡						*	
e) <(sha.shá)> ➡						*	

32. ‘Tiago’ – ‘Tití’ ou ‘Tí’

<(tí).(á.go)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pw
a) <(á.go)>	*!	*				**	
b) <(ti.á)>		*!				*	
c) <(a.gô)>		*!				**	
d) <(tí)> ➡					*		
e) <(ti.tí)> ➡					*		

33. ‘Diego’ – ‘Didí’ ou ‘Dí’

<(dí).(ê.go)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-	*i]	ALIN	*[[r1 =
				CODA			

				CODA			[r2]Pwd
a) <(ê.go)>	*!	*				**	
b) <(di.ê)>		*!				*	
c) <(e.gô)>		*!				**	
d) <(dí)> ➡					*		
e) <(di.dí)> ➡					*		

34. ‘Gisele’ – ‘Gigí’ ou ‘Gí’

<(gí).(sé.le)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pwd
a) <(sé.le)>	*!					**	
b) <(gís)>				*!		*	
c) <(gí.se)>	*!					**	
d) <(gí)> ➡					*		
e) <(gí.gí)> ➡					*		

35. ‘Joana’ – ‘Jôjô’ ou ‘Jô’

<(jô).(â.na)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pwd
a) <(â.na)>	*!	*				**	
b) <(jô.a)>	*!	*				*	
c) <(jo.á)>		*!				*	
d) <(jô)> ➡							
e) <(jô.jô)> ➡							

36. ‘Natália’ – ‘Naná’ ou ‘Ná’

<(ná).(tá.l[y]a)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pwd
a) <(tá.l[y]a)>	*!		*			**	
b) <(ná.ta)>	*!					**	
c) <(na.tá)>						*!*	
d) <(ná)> ➡							
e) <(na.ná)> ➡							

37. ‘Luana’ – ‘Lulú’ ou ‘Lú’

<(lú).(â.na)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pwd
a) <(â.na)>	*!	*				**	
b) <(lú.a)>	*!	*				*	
c) <(lu.á)>		*!				*	
d) <(lú)> ➡							
e) <(lu.lú)> ➡							

38. ‘Rejane’ – ‘Rê’

<(rê).(jâ.ne)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pwd
a) <(jâ.ne)>	*!					**	

b) <(ja.nê)>						*!*	
c) <(rê.ja)>	*!					**	
d) <(re.rê)>							*!
e) <(rê)> ➡							

39. ‘Rogério’ – ‘Rô’

<(rô).(gé.r[y]o)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pwd
>							
a) <(gé.r[y]o)>	*!		*			**	
b) <(ro.gé)>						*!*	
c) <(rô.ge)>	*!					**	
d) <(ro.rô)>							*!
e) <(rô)> ➡							

40. ‘Rodrigo’ – ‘Rô’

<(rô).(drí.go)>	IAM	ONS	*COMP	NÃO-CODA	*i]	ALIN	*[[r1 = [r2]Pwd
a) <(drí.go)>	*!		*			**	
b) <(ro.drí)>			*!		*	***	
c) <(ro.dí)>					*!	**	
d) <(ro.rô)>							*!
e) <(rô)> ➡							

8.2. Anexo II

↳ Sobre o informante:

1. **Sexo:** () Masculino () Feminino

2. **Idade:**

- () de 7 a 12 anos;
- () de 13 a 19 anos;
- () de 20 a 29 anos;
- () de 30 a 45 anos;
- () mais de 45 anos.

3. **Escolaridade:**

- () de 1ª a 4ª séries (Primeiro segmento do Ensino Fundamental);
- () de 5ª a 8ª séries (Segundo segmento do Ensino Fundamental);
- () Ensino Médio;
- () Ensino Superior.

- Esse teste deve ser respondido com total **liberdade** e de forma **intuitiva/espontânea**.
- **Não há limite de respostas**, ou seja, cada item pode ter uma ou mais respostas.

→ Questão 1

Como você chamaria carinhosamente uma pessoa que se chama:

- | | |
|--------------------|---------------------|
| a) Tereza - _____ | f) Filomena - _____ |
| b) Luciana - _____ | g) Rejane - _____ |
| c) Celina - _____ | h) Itamar - _____ |

- d) Domingos - _____ i) Joana - _____
 e) Bianca - _____ j) Rosemar - _____

→ **Questão 2**

Há, abaixo, formas carinhosas de tratamento. Associe essas formas aos nomes próprios correspondentes:

- | | |
|------------------|-----------------|
| a) Bê - _____ | f) Tatá - _____ |
| b) Gabi - _____ | g) Juju - _____ |
| c) Léo - _____ | h) Gugu - _____ |
| d) Pati - _____ | i) Rorô - _____ |
| e) Carol - _____ | j) Dudu - _____ |

→ **Questão 3**

Marque a(s) resposta(s) equivalente(s) ao tratamento informal e carinhoso dos seguintes nomes:

- | | |
|---|--|
| a) Lislene: () Lelene
() Lis
() Lisne
() Lili | f) Adelaine: () Adê
() Laine
() Dedé
() Lalá |
| b) Valterlina: () Val
() Lina
() Valter
() Litina | g) Anaide: () Ana
() Naná
() Ide
() Naide |
| c) Edvanildo: () Vanildo
() Ed
() Vani
() Ildo | h) Alacoque: () Coque
() Ala
() Alaco
() Lala |
| d) Galterson: () Gal
() Terson
() Galson
() Galter | i) Alódia: () Dia
() Loló
() Aló
() Lódia |
| e) Catielen: () Elen
() Calen
() Cati
() Tielen | j) Apolônio: () Popó
() Lônio
() Apó
() Apolo |

→ **Questão 4**

Dê os apelidos dos nomes abaixo:

- a) Uriel - _____
- b) Lia - _____
- c) Cléa - _____
- d) Isis - _____
- e) Hugo - _____

↪ Sobre o informante:

1. **Sexo:** () Masculino () Feminino

2. **Idade:**

- () de 7 a 12 anos;
- () de 13 a 19 anos;
- () de 20 a 29 anos;
- () de 30 a 45 anos;
- () mais de 45 anos.

3. **Escolaridade:**

- () de 1ª a 4ª séries (Primeiro segmento do Ensino Fundamental);
- () de 5ª a 8ª séries (Segundo segmento do Ensino Fundamental);
- () Ensino Médio;
- () Ensino Superior.

- Esse teste deve ser respondido com total **liberdade** e de forma **intuitiva/espontânea**.
- **Não há limite de respostas**, ou seja, cada item pode ter uma ou mais respostas.

→ **Questão 1**

Como você chamaria carinhosamente uma pessoa que se chama:

- | | |
|---------------------|-----------------------|
| a) Jamile - _____ | f) Alessandra - _____ |
| b) Natália - _____ | g) Manuela - _____ |
| c) Bernardo - _____ | h) Jéssica - _____ |
| d) Zulmira - _____ | i) Beatriz - _____ |

e) Liane - _____

j) Juraci - _____

→ Questão 2

Há, abaixo, formas carinhosas de tratamento. Associe essas formas aos nomes próprios correspondentes:

a) Mari - _____

f) Cacá - _____

b) Cris - _____

g) Pepê - _____

c) Rafa - _____

h) Vivi - _____

d) Tati - _____

i) Maumau - _____

e) Dani - _____

j) Fefê - _____

→ Questão 3

Marque a(s) resposta(s) equivalente(s) ao tratamento informal e carinhoso dos seguintes nomes:

a) Cleonice: Nice
 Clece
 Cléo
 Cleoni

f) Zabriele: Bri
 Lele
 Zazá
 Zabri

b) Valburga: Valga
 Val
 Burga
 Valval

g) Tariane: Tatá
 Tari
 Ane
 Riane

c) Francine: Cine
 Nenê
 Franci
 Fran

h) Carmélia: Lia
 Cacá
 Mélia
 Armélia

d) Montgomery: Mery
 Mon
 Monty
 Monry

i) Dilaine: Didi
 Nene
 Laine
 Lala

e) Peterson: Pet
 Terson
 Peter
 Pepe

j) Lucrécia: Cia
 Lulu
 Crécia
 Luci

→ Questão 4

Dê os apelidos dos nomes abaixo:

- f) Uriel - _____
 g) Lia - _____
 h) Cléa - _____
 i) Isis - _____
 j) Hugo - _____

8.3. Anexo III

	SEXO	FAIXA ETÁRIA	INFORMANTES	QUESTÃO 1
	TESTE 1	MASCULINO	de 7 a 12 anos	Informante 1
Informante 2				a)Míle b) Nát c) Bê d) Zuzú e) Lili f) Lelê g) Manú h) Síca i) Bía j) Jú
de 13 a 19 anos			Informante 1	a)Tetê b) Lulú ou Lucí c) Celí d) Domí e) Bía ou Bibí f) Filó ou Fifi g) Rê h) Íta i) Jô ou Joanhina j) Rôse
			Informante 2	a) Míle b) Nát c) Bê d) Zú e) Lili f) Alê g) Manú h) Jéssi i) Bía j) Jú
de 20 a 29 anos			Informante 1	a)Zazá ou Tetê b) Lulú c) Lína d) - e) Bía f) Filó g) Rê h) Íta i) Jô j) Rôse
			Informante 2	a) Míle b) Náti c) Bê d) Zuzú e) Âne f) Alê g) Léla h) Jéssi i) Bía j) Jú
de 30 a 45 anos			Informante 1	a)Tetê b) Lú c) Cê d) Dodô ou Dô e) Bibí ou Bía f) Filó g) Rê h) Íta i) Jô j) Rôse
			Informante 2	a)Míle ou Jajá b) Náti c) Bê d) Zú ou Zuzú e) Lili ou Lí f) Alê g) Manú h) Jéssi ou Jé i) Bía j) Júra ou Jú
mais de 45 anos			Informante 1	a)Tetê ou Terezinha b) Lú c) Cê d) - e) - f) Filó g) Rê h) Íta i) Jô j) Rôse
			Informante 2	a)Míle ou Jajá b) Náti ou Naná c) Bê d) Zú e) Lili f) Alê g) Manú h) Jé i) Bía j) Jú ou Júra

	SEXO	FAIXA ETÁRIA	INFORMANTES	QUESTÃO 1
TESTE 1	FEMININO	de 7 a 12 anos	Informante 1	a) Tetê b) Lulú c) Cecê d) Dodô e) Bibí f) Filó ou Loló g) Rê h) Íta i) Jojô j) Rorô
			Informante 2	a) Míle b) Náthi c) Bê d) Zuzú e) Lili f) Alê g) Manú h) Cacá i) Bía j) Jú
		de 13 a 19 anos	Informante 1	a) Tetê b) Lú c) Lina d) Minguinhos e) Bía f) Filó g) Rerê h) Íta i) Jô j) Rô
			Informante 2	a) Míle b) Natalinha c) Bê d) Zú e) Lili ou Lí f) Alê ou Lelê g) Manú h) Jé i) Bía j) Jú
		de 20 a 29 anos	Informante 1	a) Tetê b) Lú c) Cê d) - e) Bía f) Filó g) Rê h) Íta i) Jô j) Rôse
			Informante 2	a) Jajá b) Nát c) Nárdio d) Zuzú e) Lili f) Alê g) Léla h) Jéssi i) Bía j) Júra
		de 30 a 45 anos	Informante 1	a) Tetê b) Lú c) Celina d) Dodô e) Bibí f) Filó g) Rê ou Rerê h) Íta i) Nâna j) Már
			Informante 2	a) Míle b) Nát c) Bê d) Míra e) Lili f) Alê g) Manú h) Jéssi i) Bía j) Júra
		mais de 45 anos	Informante 1	a) Tetê b) Lú c) Cê d) - e) Bía f) Filó ou Fifi g) Rê h) Íta i) Jô j) Rôse
			Informante 2	a) Jajá b) - c) Bérna d) Zuzú e) Lili f) Alê g) Manú h) Jeje i) Bía j) Jujú

SEXO	SEXO	FAIXA ETÁRIA	INFORMANTES	QUESTÃO 2	QUESTÃO 2	
				INFORMANTES	QUESTÃO 2	
TESTE 1 TESTE 1	FEMININO	de 7 a 12 anos	Informante 1	a) Bernardo b) Gabriela c) Leonardo d) Patrícia e) Carolina		
			Informante 1	(e) f) Tayana g) Júlia h) Gustavo i) f) Rodrigo J) Eduardo		
			Informante 2	Júlia h) Gustavo i) Cristiano Rafael d) Rodrigo J) Eduardo		
				a) Mariana b) Cristiane c) Rafael d) Tiago e) Daniela		
			Informante 2	f) Carlos Pedro Gabriel e) Leonardo Maurício f) Fernanda		
		de 13 a 19 anos	Informante 1	a) Beatriz b) Gabriela c) Leonardo d) Patrícia e) Carolina		
				f) Rodrigo J) Eduardo g) Juliana h) Gustavo i) Rogério M) Eduardo b) Cristina c) Rafaela d)		
				a) Mariana b) Cristiane c) Rafael d) Patrícia e) Daniela f) Livia i) f) Carlos Pedro Gabriel e) Leonardo		
			Informante 2	a) Mariana b) Cristiane c) Rafael d) Patrícia e) Daniela f) Livia i) f) Carlos Pedro Gabriel e) Leonardo		
	MASCULINO	de 20 a 29 anos	Informante 1	a) Bernardo b) Gabriela c) Leonardo d) Patrícia e) Carolina f) Gustavo i) f) Rodrigo J) Eduardo g) Gustavo i) Rogério M) Eduardo b) Cristina c) Rafael d)		
				Informante 2	a) Mariana b) Cristiane c) Rafael d) Patrícia e) Daniela h) Viviane i) f) Ricardo g) José Maria Viviane i) Maurício b) Gabriela c) Leonardo	
			de 30 a 45 anos	Informante 1	a) Bernardo b) Gabriela c) Leonardo d) Patrícia e) Carolina f) Gustavo i) f) Rodrigo J) Eduardo g) Gustavo i) Rogério M) Eduardo b) Cristina c) Rafael d)	
					Informante 2	a) Mariana b) Cristiane c) Rafael d) Patrícia e) Daniela f) Livia i) f) Carlos Pedro Gabriel e) Leonardo
		mais de 45 anos		Informante 1	a) Bernardo b) Gabriela c) Leonardo d) Patrícia e) Carolina f) Gustavo i) f) Rodrigo J) Eduardo g) Gustavo i) Rogério M) Eduardo b) Cristina c) Rafael d)	
					Informante 2	a) Mariana b) Cristiane c) Rafael d) Patrícia e) Daniela f) Livia i) f) Carlos Pedro Gabriel e) Leonardo

	SEXO	FAIXA ETÁRIA	INFORMANTES	QUESTÃO 3
	TESTE 1	MASCULINO	de 7 a 12 anos	Informante 1
Informante 2				a) Cléo b) Valvál c) Frân d) Méry e) Péter f) Zazá g) Tatá h) Cacá i) Láine j) Lulú
de 13 a 19 anos			Informante 1	a) Lis b) Val c) Éd d) Gál e) Cáti f) Adê g) Âna h) Lalá i) Loló j) Apólo
			Informante 2	a) Nice b) Vál c) Frân d) Móny e) Péter f) Zazá g) Tatá h) Mélia i) Láine j) Lulú
de 20 a 29 anos			Informante 1	a) Lelene ou Lili b) Val ou Lína c) Éd d) Gál e) Cáti ou Élen f) Adê ou Lalá g) Âna ou Naná h) Lalá i) Loló j) Apólo
			Informante 2	a) Nice b) Valvál c) Frân d) Móny e) Pét f) Zazá g) Tatá h) Mélia i) Didí j) Lulú
de 30 a 45 anos			Informante 1	a) Lis b) Val c) Éd d) Gál e) Cáti f) Adê g) Naná ou Âna h) Lalá ou Ála i) Loló ou Aló j) Popó ou Apólo
			Informante 2	a) Cléo ou Nice b) Vál c) Frân d) Món e) Pét f) Zazá ou Zabrí g) Tatá h) Cacá ou Mélia i) Didí ou Láine j) Lulú
mais de 45 anos			Informante 1	a) Lis b) Lína c) Éd d) Gál e) Cáti f) Lalá g) Âna h) Lalá i) Loló j) Apólo
			Informante 2	a) Cléo ou Nice b) Vál c) Frân d) Móny e) Pét f) Zazá g) Tatá ou Tári h) Cacá ou Mélia i) Láine ou Didí j) Lulú

	SEXO	FAIXA ETÁRIA	INFORMANTES	QUESTÃO 3
	TESTE 1	FEMININO	de 7 a 12 anos	Informante 1
f) Dedê g) Âna ou Naná h) Lalá i) Loló j) Popó				
Informante 2				a) Nice b) Valvál c) Frânci d) Mónty e) Péter
				f) Lelê g) Tári h) Mélia i) Didí j) Lulú
de 13 a 19 anos			Informante 1	a) Lilí b) Val c) Vanildo d) Gál e) Élen
				f) Adê g) Âna h) Lalá i) Loló j) Apólo
			Informante 2	a) Nice b) Vál c) Frân d) Méry e) Pepê
				f) Brí g) Tatá h) Cacá i) Láine j) Lulú
de 20 a 29 anos			Informante 1	a) Lis b) Val c) Íldo d) Gálter e) Élen
				f) Lalá g) Âna h) Cóque i) Loló j) Apólo
			Informante 2	a) Cléo b) Búrga c) Frân d) Mónty e) Péter
				f) Zazá g) Tatá h) Mélia i) Láine j) Lulú
de 30 a 45 anos			Informante 1	a) Lis b) Lína c) Éd d) Gál e) Cáti
				f) Dedê g) Âna h) Cóque i) Lódia j) Lônio
			Informante 2	a) Cléo b) Vál c) Frân d) Món e) Péter
				f) Zazá g) Tári h) Cacá i) Didí j) Lulú
mais de 45 anos			Informante 1	a) Lis b) Val c) Éd d) Gál e) Cáti
				f) Adê g) Naná h) Lalá i) Loló j) Popó
			Informante 2	a) Cléo ou Nice b) Vál c) Frân d) Mónty e) Pét
				f) Zazá g) Tatá ou Tári h) Líia i) Didí j) Lulú

	SEXO	FAIXA ETÁRIA	INFORMANTES	QUESTÃO 4	
	TESTE 1	MASCULINO	de 7 a 12 anos	Informante 1	a) Úri b) Lí c) Clé d) Sisí e) Huguéte
Informante 2				a) Riri b) Lili c) Cleclé d) Sisí e) Huguínho	
de 13 a 19 anos			Informante 1	a) - b) - c) - d) - e) Huguíto	
			Informante 2	a) - b) - c) - d) - e) -	
de 20 a 29 anos			Informante 1	a) Riél b) Lili c) Léa d) - e) -	
			Informante 2	a) Níto b) Lí c) Clé d) - e) -	
de 30 a 45 anos			Informante 1	a) - b) - c) - d) - e) -	
			Informante 2	a) - b) - c) - d) - e) -	
mais de 45 anos			Informante 1	a) - b) - c) - d) - e) -	
			Informante 2	a) - b) - c) - d) - e) -	
FEMININO			de 7 a 12 anos	Informante 1	a) - b) Lili c) - d) - e) -
				Informante 2	a) - b) Lili c) Clé d) - e) -
		de 13 a 19 anos	Informante 1	a) - b) Lili c) - d) Sisí e) Huguínho	
			Informante 2	a) Úri b) Lí c) - d) - e) -	
		de 20 a 29 anos	Informante 1	a) - b) - c) - d) - e) -	
			Informante 2	a) Riri b) Lili c) Cleclé d) Sisí e) Gogô	
		de 30 a 45 anos	Informante 1	a) Él b) - c) - d) - e) -	
			Informante 2	a)Úri b) Lili c) - d) - e) -	
		mais de 45 anos	Informante 1	a) Úri b) - c) - d) - e) -	
			Informante 2	a)Úri b) Lili c) - d) - e) Huguíto	

8.4. Anexo IV

↪ **Responda as questões abaixo de forma espontânea e, se achar pertinente, marque mais de uma opção.**

Parte I

1. Se você tivesse uma amiga cujo nome é Luciana, como a chamaria?

() Lú () Luci () Lulú () Luciana () outro: _____

2. Se o seu namorado se chamasse Rodrigo, como o chamaria?

() Rorô () Rodrigo () Rô () Rodri () outro: _____

3. Você conheceu uma menina cujo nome é Juliana. Ela é uma menina muito interessante, mas ainda não se tornou sua amiga devido ao pouco tempo de convívio. Como você a chamaria?

() Liana () Jujú () Juliana () Jú () outro: _____

4. Se sua prima se chamasse Tariane, como a chamaria?

() Riane () Tá () Tariane () Tatá () outro: _____

5. Um amigo do seu pai se chama Carlos. Vocês não têm muita intimidade, mas se conhecem há bastante tempo. Como o chamaria?

() Carlos () Cá () Cacá () outro: _____

Parte II

1. Você e seu namorado, Eduardo, estão sozinhos conversando em um barzinho. Como você o chamaria?

() Dú () Dudú () Duardo () Edú () outro: _____

E se estivessem outras pessoas no barzinho com vocês, como o chamaria?

() Dú () Dudú () Duardo () Edú () outro: _____

2. Você está na fila do banco e conhece uma moça que se chama Lucrecia. Ela odeia o próprio nome e, por isso, você resolveu chamá-la de:

() Lú () Lucrécia () Lulú () Luci () outro: _____

3. Você foi para uma festa com seus amigos. Chegando lá, conheceu o Tiago. Vocês ficaram batendo papo um bom tempo e já pareciam se conhecer há muitos anos. Como você o chamaria?

() Ti () Titi () Tiago () outro: _____

4. Você saiu com seu namorado para conhecer alguns amigos dele. Chegando lá, reparou um deles, o Gustavo, era meio calado. Você e ele conversaram um pouco, mas mesmo assim ele parecia fechado. Como você o trataria?

() Gugú () Gú () outro: _____

E o seu namorado, como você acha que ele o chamaria?

() Gugú () Gú () outro: _____

5. Ontem você foi a casa de sua prima e conheceu rapidamente uma amiga dela cujo nome é Adriana. Como você a tratou?

() Didi () Dri () Di () Ana () outro: _____

E sua prima, como acha que ela a chamava?

() Didi () Dri () Di () Ana () outro: _____

Parte III

Como você os chamaria?

1. Rogério: () Rô () Rorô
2. Tereza: () Tê () Tetê
3. Pedro: () Pê () Pepê
4. Fernanda: () Fê () Fefê
5. Carmélia: () Cá () Cacá
6. Jamile: () Já () Jajá
7. Zulmira: () Zú () Zuzú
8. Liane: () Li () Lili
9. Alódia: () Ló () Loló
10. Dilaine: () Di () Didi

8.5. Anexo V

	SEXO	FAIXA ETÁRIA	INFORMANTES	PARTE I
	TESTE 2	MASCULINO	de 7 a 12 anos	Informante 1
Informante 2				1. Lú ou Lulú 2. Rô ou Rodrigo 3. Jujú ou Jú 4. Tatá ou Tá 5. Carlos
de 13 a 19 anos			Informante 1	1. Lú ou Lulú 2. Rô 3. Jujú ou Jú 4. Tatá ou Tá 5. Carlos
			Informante 2	1. Lulú 2. Rô 3. Jujú ou Jú 4. Tatá 5. Carlos
de 20 a 29 anos			Informante 1	1. Lú 2. amor 3. Juliana 4. Tariane 5. Sr. Carlos
			Informante 2	1. Luciana 2. Rô 3. Juliana 4. Tariane 5. Carlos
de 30 a 45 anos			Informante 1	1. Lú 2. Rô 3. Jú ou Jujú 4. Tatá ou Tá 5. Carlos
			Informante 2	1. Lú 2. Rô 3. Jú 4. Tariane 5. Carlos
mais de 45 anos		Informante 1	1. Lú 2. Rodrigo 3. Jujú 4. Tatá 5. Carlos	
		Informante 2	1. Lú ou Lucí ou Lulú 2. Rô 3. Jú ou Jujú 4. Tá 5. Carlos	
FEMININO		de 7 a 12 anos	Informante 1	1. Lú 2. Rô 3. Jujú 4. Tatá 5. Carlos
			Informante 2	1. Lú 2. Rô 3. Jú 4. Tatá 5. Carlos
		de 13 a 19 anos	Informante 1	1. Lú 2. Rodrigo 3. Juliana 4. Tári 5. Carlos
			Informante 2	1. Lú 2. Rodrigo 3. Juliana 4. Tári 5. Carlos
		de 20 a 29 anos	Informante 1	1. Lú 2. Rô 3. Jú 4. Tatá 5. Cacá
			Informante 2	1. Lú 2. Rô 3. Juliana 4. Tatá ou Tá 5. Carlos
	de 30 a 45 anos	Informante 1	1. Lú 2. Dígo 3. Jujú 4. Tatá 5. Carlos	
		Informante 2	1. Lú 2. Drígo 3. Jujú 4. Táti 5. Carlos	
mais de 45 anos	Informante 1	1. Lú ou Lulú 2. Rô 3. Jú ou Jujú 4. Tatá 5. Carlos		
	Informante 2	1. Lú 2. Rô 3. Jú 4. Tatá 5. Carlos		

	SEXO	FAIXA ETÁRIA	INFORMANTES	PARTE II	
	TESTE 2	MASCULINO	de 7 a 12 anos	Informante 1	1. Dudú / Dudú 2. Lulú 3. Tiago 4. Gugú / Gugú 5. Didí / Didí
Informante 2				1. Dú ou Dudú ou Edú / Dú ou Dudú ou Edú 2. Lucrecia 3. Tiago 4. Gustavo / Gú 5. Dríca / Dríca	
de 13 a 19 anos			Informante 1	1. Dú ou Dudú / Dú ou Dudú 2. Lucrecia 3. Tí ou Tiago 4. Gugú / Gugú ou Gú 5. Drí ou Didí / Drí ou Didí	
			Informante 2	1. Dudú / Dudú 2. Lucrecia 3. Tiago 4. Gustavo / Gú 5. Drí / Drí	
de 20 a 29 anos			Informante 1	1. Edú / Edú 2. Senhora 3. Tiago 4. Gustavo / Gustavo 5. Adriana / Drí	
			Informante 2	1. Dudú / Dudú 2. Lú 3. Tiago 4. Gugú / Gugú 5. Adriana / Drí	
de 30 a 45 anos			Informante 1	1. Dú ou Dudú ou Edú / Dú ou Dudú ou Edú 2. Lú 3. Tiago 4. Gugú / Gugú 5. Drí / Drí	
			Informante 2	1. Dudú ou Edú / Dudú ou Edú 2. Lucrecia 3. Tiago 4. Gú / Gú 5. Didí / Didí	
mais de 45 anos			Informante 1	1. Dudú / Eduardo 2. Lú 3. Tiago 4. Gustavo / Gugú 5. Drí / Drí	
			Informante 2	1. Dudú / Dudú 2. Lú ou Lulú 3. Tiago 4. Gugú / Gugú 5. Drí / Drí	
FEMININO			de 7 a 12 anos	Informante 1	1. Dú ou Dudú ou Edú / Dú ou Dudú ou Edú 2. Lú 3. Tí ou Tiago 4. Gugú / Gustavo 5. Drí ou Dríca / Drí
				Informante 2	1. Dú ou Dudú ou Edú / Dú ou Dudú ou Edú 2. Lú ou Lucrecia 3. Tí 4. Gugú / Gugú 5. Didí / Didí
		de 13 a 19 anos	Informante 1	1. Dú / Dú 2. Lucrecia 3. Tiago 4. Gustavo / Gustavo 5. Adriana / Drí	
			Informante 2	1. Dú / Dú 2. Lucrecia 3. Tiago 4. Gustavo / Gustavo 5. Adriana / Drí	
		de 20 a 29 anos	Informante 1	1. Dudú / Dudú 2. Lulú 3. Tiago 4. Gugú / Gugú 5. Drí / Drí	
			Informante 2	1. Dú / Dú ou Edú 2. Lú 3. Tiago 4. Gugú / Gugú 5. Drí / Drí	
		de 30 a 45 anos	Informante 1	1. Dudú / Dudú 2. Lú 3. Tiago 4. Gugú / Gugú 5. Dríca / Dríca	
			Informante 2	1. Dú / Edú 2. Lúci 3. Tiago 4. Gustavo / Gustavo 5. Drí / Drí	
		mais de 45 anos	Informante 1	1. Dú ou Dudú ou Edú / Dú ou Dudú ou Edú 2. Lucrecia 3. Tí ou Tiago 4. Gú ou Gugú / Gú ou Gugú 5. Drí ou Dríca / Drí ou Dríca	
			Informante 2	1. Edú / Edú 2. Lucrecia 3. Tiago 4. Gugú / Gugú 5. Drí ou Dríca / Dríca	

	SEXO	FAIXA ETÁRIA	INFORMANTES	PARTE III	
	TESTE 2	MASCULINO	de 7 a 12 anos	Informante 1	1. Rô 2. Tetê 3. Pepê 4. Fefê 5. Cacá 6. Jajá 7. Zuzú 8. Lili 9. Loló 10. Didí
Informante 2				1. Rô 2. Tetê 3. Pê 4. Fê 5. Cacá 6. Já 7. Zú 8. Lili 9. Loló 10. Didí	
de 13 a 19 anos			Informante 1	1. Rô 2. Tetê 3. Pê 4. Fê 5. Cacá 6. Jajá 7. Zú 8. Lili 9. Loló 10. Dí	
			Informante 2	1. Rô 2. Tetê 3. Pepê 4. Fê 5. Cacá 6. Jajá 7. Zú 8. Lili 9. Loló 10. Didí	
de 20 a 29 anos			Informante 1	1. Rô 2. Tetê 3. Pepê 4. Fê 5. Cacá 6. Já 7. Zú 8. Lili 9. Ló 10. Didí	
			Informante 2	1. Rô 2. Tê 3. Pê 4. Fê 5. Cacá 6. Já 7. Zuzú 8. Lili 9. Loló 10. Dí	
de 30 a 45 anos			Informante 1	1. Rô 2. Tetê 3. Pê 4. Fê 5. Cacá 6. Jajá 7. Zuzú 8. Lili 9. Loló 10. Dí	
			Informante 2	1. Rô 2. Tetê 3. Pê 4. Fê 5. Cacá 6. Já 7. Zuzú 8. Lili 9. Loló 10. Dí	
mais de 45 anos			Informante 1	1. Rorô 2. Tetê 3. Pepê 4. Fê 5. Cá 6. Jajá 7. Zuzú 8. Lili 9. Ló 10. Dí	
			Informante 2	1. Rô 2. Tetê 3. Pepê 4. Fê 5. Cacá 6. Jajá 7. Zuzú 8. Lili 9. Loló 10. Didí	
FEMININO			de 7 a 12 anos	Informante 1	1. Rô 2. Tetê 3. Pepê 4. Fefê 5. Cacá 6. Jajá 7. Zuzú 8. Lili 9. Loló 10. Didí
				Informante 2	1. Rô 2. Tetê 3. Pepê 4. Fê 5. Cacá 6. Jajá 7. Zú 8. Lili 9. Loló 10. Didí
		de 13 a 19 anos	Informante 1	1. Rô 2. Tê 3. Pê 4. Fê 5. Cá 6. Já 7. Zú 8. Lí 9. Ló 10. Dí	
			Informante 2	1. Rô 2. Tê 3. Pê 4. Fê 5. Cá 6. Já 7. Zú 8. Lí 9. Ló 10. Dí	
		de 20 a 29 anos	Informante 1	1. Rô 2. Tê 3. Pê 4. Fê 5. Cacá 6. Já 7. Zú 8. Lili 9. Ló 10. Didí	
			Informante 2	1. Rô 2. Tetê 3. Pepê 4. Fê 5. Cacá 6. Já 7. Zuzú 8. Lili 9. Loló 10. Didí	
		de 30 a 45 anos	Informante 1	1. Rô 2. Tetê 3. Pê 4. Fê 5. Cacá 6. Jajá 7. Zuzú 8. Lili 9. Ló 10. Didí	
			Informante 2	1. Rô 2. Tetê 3. Pepê 4. Fê 5. Cacá 6. Jajá 7. Zú 8. Lí 9. Loló 10. Didí	
		mais de 45 anos	Informante 1	1. Rô 2. Tetê 3. Pepê 4. Fê 5. Cacá 6. Jajá 7. Zuzú 8. Lili 9. Loló 10. Didí	
			Informante 2	1. Rô 2. Tetê 3. Pepê 4. Fê 5. Cacá 6. Jajá 7. Zuzú 8. Lili 9. Loló 10. Didí	

8.6. Anexo VI

↪ **Responda as questões abaixo de forma espontânea;**

↪ **Marque apenas uma opção.**

↪ **Sobre o informante:**

1. **Sexo:** () Masculino () Feminino

2. **Idade:**

- () de 7 a 12 anos;
- () de 13 a 19 anos;
- () de 20 a 29 anos;
- () de 30 a 45 anos;
- () mais de 45 anos.

3. **Escolaridade:**

- () de 1^a a 4^a séries (Primeiro segmento do Ensino Fundamental);
- () de 5^a a 8^a séries (Segundo segmento do Ensino Fundamental);
- () Ensino Médio;
- () Ensino Superior.

Questão 1

Escolha **a forma** que você considerar mais usual para cada caso apresentado a seguir:

OBS: O acento gráfico serve, apenas, para indicar a sílaba tônica de cada forma.

a) Joana – () Jô
 () Jojô

b) Rejane – () Rê
 () Rerê

c) Renata – () Rê
 () Rerê

d) Tiago – () Tí
 () Tití

e) Diego - () Dí
 () Didí

f) Luana - () Lú
 () Lulú

g) Bernardo – () Bê
() Bebê

h) Fernanda - () Fê
() Fefê

i) Simone - () Sí
() Sisí

j) Sueli – () Sú
() Susú

l) Luciana – () Lú
() Lulú

m) Rogério - () Rô
() Rorô

n) Rodrigo – () Rô
() Rorô

o) Leandro - () Lê
() Lelê

p) Celina - () Cê
() Cecê

q) Zulmira – () Zú
() Zuzú

r) Jamile – () Já
() Jajá

s) Fátima – () Fá
() Fafá

t) Domingos – () Dô
() Dodô

u) Eduardo – () Dú
() Dudú

v) Tatiana – () Tá
() Tatá

x) Natália – () Ná
() Naná

z) Juliana – () Jú
() Jujú

- a') Liane – () Lí
() Lili
- b') Bianca – () Bi
() Bibi
- c') Américo – () Mé
() Memé
- d') Gustavo – () Gú
() Gugú
- e') Tereza – () Tê
() Tetê
- f') Sabrina – () Sá
() Sasá
- g') Denílson – () Dê
() Dedê
- h') Janete - () Já
() Jajá
- i') Abigail – () Bí
() Bibí
- j') Dominique - () Dô
() Dodô
- l') Talita - () Tá
() Tatá
- m') Virgínia – () Ví
() Viví
- n') Itamar - () Tá
() Tatá
- o') Denise – () Dê
() Dedê
- p') Carina – () Cá
() Cacá
- q') Shaiane – () Shá
() Shashá

- r') Gisele – () Gí
() Gigí

Questão 2

Diga como você chamaria carinhosamente pessoas com os seguintes nomes:

- a) Jaqueline - _____
- b) Carolina - _____
- c) Heloísa - _____
- d) Godofredo - _____
- e) Jéferson - _____
- f) Altemar - _____
- g) Amélia - _____
- h) Anelize - _____
- i) Bartolomeu - _____
- j) Casemiro - _____
- k) Clodovil - _____
- l) Dagoberto - _____
- m) Rosilene - _____
- n) Filomena - _____
- o) Alessandra - _____
- p) Elenice - _____
- q) Herondina - _____

8.7. Anexo VI

	SEXO	FAIXA ETÁRIA	INFORMANTES	QUESTÃO 1
			INFORMANTES	QUESTÃO 1
TESTE 3	MASCULINO	de 7 a 12 anos	Informante 1	a) Jô b) Rê c) Rê d) Ti e) Di f) Lú g) Bê h) Fê i) Sí j) Sú l) Lú m) Rô
			Informante 1	n) Rô o) Lê p) Cê q) Zú r) Jajá s) Fafá t) Dodô u) Dudú v) Tatá
			Informante 1	x) Naná z) Jú a) Lili b) Bibi c) Memé d') Gugú e) Tetê f) Sasá g) Dedê
			Informante 1	h') Já i') Bibi j') Dodô l') Tatá m') Ví n') Tatá o') Dedê p') Cacá q') Shashá r') Gí
			Informante 2	a) Jô b) Rê c) Rê d) Ti e) Didi f) Lú g) Bê h) Fê i) Sí j) Sú l) Lú m) Rô
			Informante 2	n) Rô o) Lê p) Cê q) Zú r) Jajá s) Fafá t) Dodô u) Dudú v) Tatá
		de 30 a 45 anos	Informante 2	x) Naná z) Jú a) Lili b) Bibi c') Mé d') Gugú e') Tetê f) Sasá g) Dedê
			Informante 2	h') Já i') Bibi j') Dodô l') Tatá m') Ví n') Tatá o') Dedê p') Cacá q') Shashá r') Gí
			Informante 2	a) Jô b) Rê c) Rê d) Ti e) Didi f) Lú g) Bê h) Fê i) Sí j) Sú l) Lú m) Rô
			Informante 2	n) Rô o) Lê p) Cê q) Zú r) Jajá s) Fafá t) Dodô u) Dudú v) Tatá
			Informante 2	x) Naná z) Jú a) Lili b) Bibi c') Mé d') Gugú e') Tetê f) Sasá g) Dedê
			Informante 2	h') Já i') Bibi j') Dodô l') Tatá m') Ví n') Tatá o') Dedê p') Cacá q') Shashá r') Gí
de 13 a 19 anos	Informante 1	a) Jô b) Rê c) Rê d) Ti e) Di f) Lú g) Bê h) Fê i) Sí j) Sú l) Lú m) Rô		
	Informante 1	n) Rô o) Lê p) Cê q) Zú r) Jajá s) Fafá t) Dodô u) Dudú v) Tatá		
	Informante 1	x) Naná z) Jú a) Lili b) Bibi c') Mé d') Gugú e') Tetê f) Sasá g) Dedê		
	Informante 1	h') Já i') Bibi j') Dodô l') Tatá m') Ví n') Tatá o') Dedê p') Cacá q') Shashá r') Gí		
	Informante 2	a) Jô b) Rê c) Rê d) Ti e) Di f) Lú g) Bê h) Fê i) Sí j) Sú l) Lú m) Rô		
	Informante 2	n) Rô o) Lê p) Cê q) Zú r) Jajá s) Fafá t) Dodô u) Dudú v) Tatá		
mais de 45 anos	Informante 2	x) Naná z) Jú a) Lili b) Bibi c') Mé d') Gugú e') Tetê f) Sasá g) Dedê		
	Informante 2	h') Já i') Bibi j') Dodô l') Tatá m') Ví n') Tatá o') Dedê p') Cacá q') Shashá r') Gí		
	Informante 2	a) Jô b) Rê c) Rê d) Ti e) Di f) Lú g) Bê h) Fê i) Sí j) Sú l) Lú m) Rô		
	Informante 2	n) Rô o) Lê p) Cê q) Zú r) Jajá s) Fafá t) Dodô u) Dudú v) Tatá		
	Informante 2	x) Naná z) Jú a) Lili b) Bibi c') Mé d') Gugú e') Tetê f) Sasá g) Dedê		
	Informante 2	h') Já i') Bibi j') Dodô l') Tatá m') Ví n') Tatá o') Dedê p') Cacá q') Shashá r') Gí		
		de 20 a 29 anos	Informante 1	a) Jô b) Rê c) Rê d) Ti e) Di f) Lú g) Bê h) Fê i) Sí j) Sú l) Lú m) Rô
			Informante 1	n) Rô o) Lê p) Cê q) Zú r) Jajá s) Fafá t) Dodô u) Dudú v) Tatá
			Informante 1	x) Naná z) Jú a) Lili b) Bibi c') Memé d') Gugú e') Tetê f) Sasá g) Dedê
			Informante 1	h') Já i') Bibi j') Dodô l') Tatá m') Ví n') Tatá o') Dedê p') Cacá q') Shashá r') Gí
			Informante 2	a) Jô b) Rê c) Rê d) Ti e) Di f) Lú g) Bê h) Fê i) Sí j) Sú l) Lú m) Rô
			Informante 2	n) Rô o) Lê p) Cê q) Zú r) Jajá s) Fafá t) Dodô u) Dudú v) Tatá
		de 20 a 29 anos	Informante 2	x) Naná z) Jú a) Lili b) Bibi c') Mé d') Gugú e') Tetê f) Sasá g) Dedê
			Informante 2	h') Já i') Bibi j') Dodô l') Tá m') Ví n') Tá o') Dê p') Cacá q') Shashá r') Gí
			Informante 2	a) Jô b) Rê c) Rê d) Ti e) Di f) Lú g) Bê h) Fê i) Sí j) Sú l) Lú m) Rô
			Informante 2	n) Rô o) Lê p) Cê q) Zú r) Jajá s) Fafá t) Dodô u) Dudú v) Tatá
			Informante 2	x) Naná z) Jú a) Lili b) Bibi c') Mé d') Gugú e') Tetê f) Sasá g) Dedê
			Informante 2	h') Já i') Bibi j') Dodô l') Tá m') Ví n') Tá o') Dê p') Cacá q') Shashá r') Gí

	SEXO	FAIXA ETÁRIA	INFORMANTES	QUESTÃO 1
TESTE 3	FEMININO	de 7 a 12 anos	Informante 1	a) Jô b) Rê c) Rerê d) Tí e) Didí f) Lú g) Bê h) Fê i) Sísí j) Sú l) Lú m) Rô
			Informante 1	a) Jô b) Rê c) Rerê d) Tí e) Didí f) Lú g) Bê h) Fê i) Sísí j) Sú l) Lú m) Rô
				a) Jô b) Rê c) Rerê d) Tí e) Didí f) Lú g) Bê h) Fê i) Sísí j) Sú l) Lú m) Rô
		de 30 a 45 anos	Informante 2	a) Jô b) Rê c) Rerê d) Tí e) Didí f) Lú g) Bê h) Fê i) Sísí j) Sú l) Lú m) Rô
				a) Jô b) Rê c) Rerê d) Tí e) Didí f) Lú g) Bê h) Fê i) Sísí j) Sú l) Lú m) Rô
			Informante 2	a) Jô b) Rê c) Rerê d) Tí e) Didí f) Lú g) Bê h) Fê i) Sísí j) Sú l) Lú m) Rô
	FEMININO	de 13 a 19 anos	Informante 1	a) Jô b) Rê c) Rerê d) Tí e) Didí f) Lú g) Bê h) Fê i) Sísí j) Sú l) Lú m) Rô
				a) Jô b) Rê c) Rerê d) Tí e) Didí f) Lú g) Bê h) Fê i) Sísí j) Sú l) Lú m) Rô
			mais de 45 anos	Informante 1
		a) Jô b) Rê c) Rerê d) Tí e) Didí f) Lú g) Bê h) Fê i) Sísí j) Sú l) Lú m) Rô		
		Informante 2		a) Jô b) Rê c) Rerê d) Tí e) Didí f) Lú g) Bê h) Fê i) Sísí j) Sú l) Lú m) Rô
		de 20 a 29 anos	Informante 1	a) Jô b) Rê c) Rerê d) Tí e) Didí f) Lú g) Bê h) Fê i) Sísí j) Sú l) Lú m) Rô
a) Jô b) Rê c) Rerê d) Tí e) Didí f) Lú g) Bê h) Fê i) Sísí j) Sú l) Lú m) Rô				
Informante 2	a) Jô b) Rê c) Rerê d) Tí e) Didí f) Lú g) Bê h) Fê i) Sísí j) Sú l) Lú m) Rô			
			Informante 2	a) Jô b) Rê c) Rerê d) Tí e) Didí f) Lú g) Bê h) Fê i) Sísí j) Sú l) Lú m) Rô

	SEXO	FAIXA ETÁRIA	INFORMANTES	QUESTÃO 2	
TESTE 3 TESTE 3	MASCULINO	de 7 a 12 anos	Informante 1	a) Jáque b) Caról c) Helô d) Godô e) Jéfi f) Altô g) h) i) Bartô	
	FEMININO	de 7 a 12 anos	Informante 1	a) Jáque b) Caról c) Helô d) Godô e) Jéfi f) Filó g) Alê h) Lize i) Bartô	
		de 7 a 12 anos	Informante 2	a) Jáque b) Caról c) Helô d) Godô e) Jéfi f) Filó g) Alê h) Lize i) Bartô	
		de 13 a 19 anos	Informante 1	a) Jáque b) Caról c) Helô d) Godô e) Jéfi f) Filó g) Alê h) Lize i) Bartô	
		de 13 a 19 anos	Informante 2	a) Jáque b) Caról c) Helô d) Godô e) Jéfi f) Filó g) Alê h) Lize i) Bartô	
		de 13 a 19 anos	Informante 1	a) Jáque b) Caról c) Helô d) Godô e) Jéfi f) Filó g) Alê h) Lize i) Bartô	
		de 13 a 19 anos	Informante 2	a) Jáque b) Caról c) Helô d) Godô e) Jéfi f) Filó g) Alê h) Lize i) Bartô	
		de 20 a 29 anos	Informante 1	a) Jáque b) Caról c) Helô d) Godô e) Jéfi f) Filó g) Alê h) Lize i) Bartô	
		de 20 a 29 anos	Informante 2	a) Jáque b) Caról c) Helô d) Godô e) Jéfi f) Filó g) Alê h) Lize i) Bartô	
		de 20 a 29 anos	Informante 1	a) Jáque b) Caról c) Helô d) Godô e) Jéfi f) Filó g) Alê h) Lize i) Bartô	
		de 20 a 29 anos	Informante 2	a) Jáque b) Caról c) Helô d) Godô e) Jéfi f) Filó g) Alê h) Lize i) Bartô	
		de 30 a 45 anos	Informante 1	a) Jáque b) Caról c) Helô d) Godô e) Jéfi f) Filó g) Alê h) Lize i) Bartô	
		de 30 a 45 anos	Informante 2	a) Jáque b) Caról c) Helô d) Godô e) Jéfi f) Filó g) Alê h) Lize i) Bartô	
		de 30 a 45 anos	Informante 1	a) Jáque b) Caról c) Helô d) Godô e) Jéfi f) Filó g) Alê h) Lize i) Bartô	
		de 30 a 45 anos	Informante 2	a) Jáque b) Caról c) Helô d) Godô e) Jéfi f) Filó g) Alê h) Lize i) Bartô	
		mais de 45 anos	Informante 1	a) Jáque b) Caról c) Helô d) Godô e) Jéfi f) Filó g) Alê h) Lize i) Bartô	
		mais de 45 anos	Informante 1	a) Jáque b) Caról c) Helô d) Godô e) Jéfi f) Filó g) Alê h) Lize i) Bartô	
		mais de 45 anos	Informante 2	a) Jáque b) Caról c) Helô d) Godô e) Jéfi f) Filó g) Alê h) Lize i) Bartô	
				Informante 2	a) Jáque b) Caról c) Helô d) Godô e) Jéfi f) Filó g) Alê h) Lize i) Bartô

Acento - processo 01				
Acento trocaico (paroxítona)				
A	E	I	O	U
Mariana - Mári	Jeferson - Jéf	Itamar - Íta	Rosilene - Rôsi	Jurací - Júra
Rafael - Ráfa	Edvaldo - Êdi	Beatriz - Bía	Josiane - Jôsi	
Tatiana - Táti		Bianca - Bía		
Daniela - Dâni				
Patrícia - Páti				
Magnólia - Mág				
Natália - Náti				
Janaína - Jâna				
Jaqueline - Jáque				
Vladimir - Vládi				
Acento iâmbico (oxítonas)				
A	E	I	O	U
Francine - Frân	Alessandra - Alê	Cristina - Crís	Filomena - Filó	Manuela - Manú
Valquíria - Vál	Leonardo - Léo	Guilherme - Guí	Carolina - Caról	Eduardo - Edú
	Cleonice - Cléo	Priscila - Prí	Heloísa - Helô	
	Adelaine - Adê	Adriana - Drí	Godofredo - Godô	

8.8. Anexo VIII

Condicionalismo da Reduplicação de Hipocorísticos que preservam a margem esquerda					
Oclusivas	Fricativas	Africadas	Nasais	Laterais	Vibrantes
Segmento vocálico-A	Segmento vocálico-A	Segmento vocálico-A	Segmento vocálico-A	Segmento vocálico-A	Segmento vocálico-A
Tatiana - Tatá	Fátima - Fafá	Jamile - Jajá	Natália - Naná		
Talita - Tatá	Sabrina - Sasá	Janete - Jajá			
Carina - Cacá		Shaiane - Shashá			
Itamar - Tatá					
Segmento vocálico-E	Segmento vocálico-E	Segmento vocálico-E	Segmento vocálico-E	Segmento vocálico-E	Segmento vocálico-E
Bernardo - Bê	Fernando - Fê		Américo - Memé	Leandro - Lê	Renata - Rê
Tereza - Tetê	Celina - Cê				Rejane - Rê
Denílson - Dê					
Denise - Dê					
Segmento vocálico-I	Segmento vocálico-I	Segmento vocálico-I	Segmento vocálico-I	Segmento vocálico-I	Segmento vocálico-I
Bianca - Bí	Simone - Sí	Tiago - Tí		Liane - Lí	
Abigail - Bibí	Virgínia - Viví	Diego - Dí			
		Gisele - Gí			
Segmento vocálico-O	Segmento vocálico-O	Segmento vocálico-O	Segmento vocálico-O	Segmento vocálico-O	Segmento vocálico-O
Domingos - Dodô		Joana - Jô			Rogério - Rô
Dominique - Dô					Rodrigo - Rô
Segmento vocálico-U	Segmento vocálico-U	Segmento vocálico-U	Segmento vocálico-U	Segmento vocálico-U	Segmento vocálico-U
Gustavo - Gugú	Sueli - Sú	Juliana - Jú		Luana - Lú	
	Zulmira - Zú			Luciana - Lú	

8.9. Anexo IX

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)